

João Antônio
Demócrito Moura
Narciso Kalili
Percival de Souza
Gabriel Romeiro
Jota
Susan Sontag
Hitler & o
Goleiro Leão

EX-13

Agosto 1975

Quarenta
Páginas

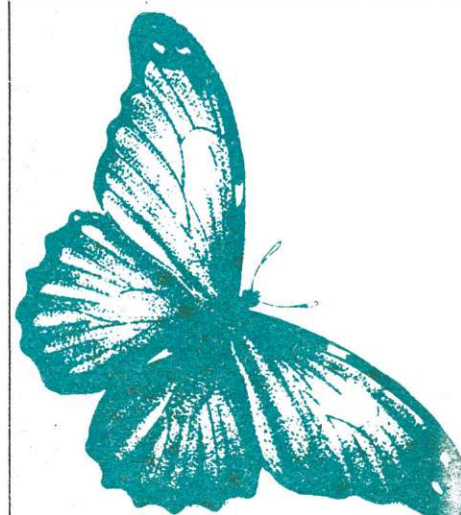
\$ 6

Salve-se
Quem Puder!

JORNAL DE TEXTO, FOTO, QUADRINHO E IMPRENSA.

UM REPORTER BRASILEIRO EM CUBA!

PÁGINA 34



**BORBOLETA!
VAI DAR O TREZE
PELA FEDERAL!**

PÁGINA 5

**QUEM SOFRE COM
A DISTENSÃO?
OS JOGADORES.**

PÁGINA 7

**A CAPOEIRA
MENTAL DO
CEGO PASTINHA**

PÁGINA 17

**HARE KRISNA:
"ME DÁ UM
DINHEIRO AÍ!"**

PÁGINA 20

**REICH: LENHA
NA FOGUEIRA DE
GIORDANO BRUNO**

PÁGINA 26

**PLANO, OK!
EUA INVADEM
ORIENTE MÉDIO**

PÁGINA 31



O DR. FIDEL CASTRO RUZ, DE VOLTA AO SISTEMA INTERAMERICANO.

leitores

RUBENS, JÔ, ORLANDO, EVARISTO, ÊNIO, LUIZ, TALVANI.



Descobrir é Chato

Chato mesmo foi descobrir o amigo aí em cima, por trás dos meus pensamentos, projetado, ou mesmo colocado a força (tem é gente nessa teia), imposto para o bem dos normais. É isso aí: enquanto existir bonecos, desenvolve a máquina e retrocede o homem.

a) Rubens (ilegível), GB.

A Primeira Carta

Redação do EX: Acho que nunca escrevi carta alguma pra jornal algum em tempo algum por razão alguma. Mas agora escrevo.

Vocês do EX (ex-Realidade, ex-Veja, ex-A&C, ex-Bondinho, ex-Panorama e ex-outras coisas más), precisam saber que tem nego interessado no trabalho de vocês. Para o que o João Antônio chama, com propriedade, de classe mérdia, é bastante difícil fazer uma análise de seus próprios erros, a popular autocrítica. Mas, mais difícil ainda, é fazer alguma coisa a partir dessa constatação, abrir novas frentes. Vocês abriram. Qualquer coisa que vocês possam precisar desta cidade, há vários companheiros sempre prontos a dar uma mãozinha.

a) Jô, A Gazeta, Vitória.

Um Salto Do Avião

Acompanho esse pessoal todo desde Bondinho, Grilo, e agora no Ex. Vocês têm uma coragem incrível, porque jornalismo (do bom) nesse país, é como saltar sem pará-quebras de um avião, rezando pra cair em cima de um caminho cheio de colchões, pra não arrebentar o rabo.

Leio o Ex desde o primeiro número; é realmente uma glória e felicidade pra nós, vocês cheguem até o nº 12.

P.S. Não gostei do que Norman Mailer escreveu sobre os Stones. Pô, ele é um cara que é lido por quase toda a garotada que curte Rock (isso é verdade, cês podem acreditar) e agora o cara vem e dá uma dessa? Qualé pô? Burrice dele quer comparar Dylan com os Stones. As raízes de Dylan são totalmente opostas. Dylan foi tremendamente influenciado pelo Folk, Os Berry, Memphis Slim, Howlin Wolf, Bo Diddley, B.B. King, todo esse pessoal do "Rhythm & Blues" que plantaram as sementes do rock'n'roll. Além do mais Dylan canta com o nariz e Mick Jagger com o estomago. Não tem outro jeito pra se cantar rock meu chapa. Prefiro Mick Jagger berrando a todo volume dos que Yes com aqueles passeios clássicos, chatos e babacas. Dessa vez Mailer foi uma decepção total.

a) Orlando F. Filho, SP.



Vale Quanto Pesa

O negócio é o seguinte: estou ligado no trabalho de vocês. E lendo adoidado o número 12, que está excelente. Só aquela entrevista com o Raimundo Pereira vale os suados 6 cruzeiros. Através do Ex descobri também a revista argentina Crisis (comprei o número que tem uma matéria sobre o Millor Fernandes). Ficha: sou um cara que estuda - maneira de dizer - na ECA (Escola de Comunicações e Artes, USP). Fiz apenas o Curs o Básico (bastante cacete). Nesse ano, a escola partiu para um movimento que pretendia desinfetá-la - o marasmo era tal, que ninguém aguentava. Aproveitando a deixa, saí à cata - duríssima - de um emprego, visitando radacões pela aí.

Nessa de aprendiz de feiticeiro, senti as barreiras, a descrença nos caras que estão começando, os jornais em decadência de todo tipo, e uma certa atmosfera burocrática no trabalho de jornal.

Nestas primeiras buscas, andei somente pelos templos da "grande imprensa". Fiz uma ficha no Estado (sem qualquer esperança) e percorri o prédio brilhoso da Abril. Nessas perambulações fiquei pelo menos com a cuca menos pesada. As pressões que sofria pra trabalhar (costurei os 20 anos sem conhecer o bater cartão, car a vermelha de patrão, horário e proibições, salário mingado) cedaram mais: pelo menos eu argumentava com a dificuldade de encontrar emprego (aquela do escasso mercado de trabalho).

Um bendito dia vi um jornal novo numa banca. E dei logo uma passada para espiar as possibilidades. Acabei fazendo uma experiência e sendo registrado como estagiário. Até agora não sei direito qual é a dos caras que dirigem o Jornal da Manhã (esse o nome dele).

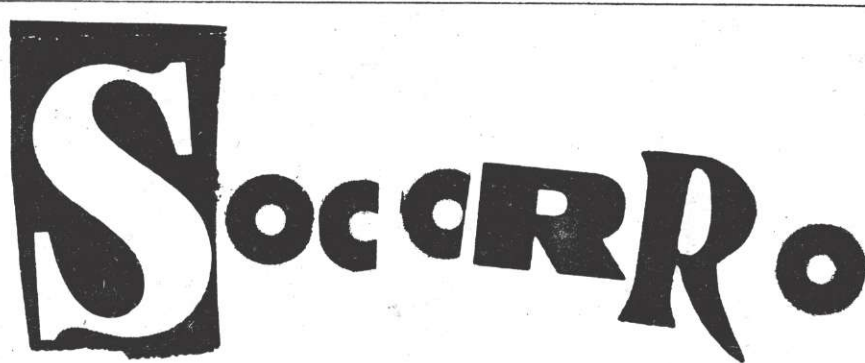
a) Luiz Gonzaga Neto, SP

Vamos Afinar?

Seguinte: estou interessado em adquirir os nºs 1 a 6 (atrasados), mas como vocês não os possuem mais, publiquem meu endereço para ver se alguém está a fim de transá-los comigo.

Mais um detalhe: a revista é ótima mas, em minha opinião, a única nota destoante nela é a coluna de Percival de Souza, feita num linguajar de submundo e que absolutamente não se coaduna com os objetivos e propósitos deste jornal. Acho que a mesma deveria ser abolida, pois a massa à qual a mesma é dirigida não é a dos leitores do Ex.

a) Evaristo Blanco Pereira, R. Júlio Conceição, 177, ap. 23, Santos.



Pedido Anônimo

O "socorro" chegou colado com durex numa folha em branco. No envelope apenas o nosso endereço, nada sobre o remetente.

Orelhas Puxadas

Meu caro Hamilton (Almeida Filho): antes de mais nada, os mais calorosos parabéns pelo Ex-12. Texto e diagramação demonstram uma vez mais (como se fosse necessário) o extraordinário talento que você e seus companheiros de luta conseguiram reunir (e dinamizar) para essa cruzada que se destina a levar o jornalismo de volta à imprensa. O Ex-12 está vibrante de idéias, arejado em seus propósitos, corajoso na maneira de colocar nas feridas nacionais os dedos mais causticantes. Devo dizer-lhe, no entanto, que a distribuição - pelo menos aqui no Rio - é bastante precária. Poucas bancas, das que procurei, tinham o bicho à venda e; o que é pior, muitas sequer o conheciam. Puxe as orelhas de quem se ocupa dessa função.

a) Ênio Silveira, Editora Civilização Brasileira, Rio.

Ex - Mudamos a distribuição. Ver página 5.

Seleção Baiana

Um amigo que trabalha na fundação do Pelourinho está documentando a arquitetura e a gente da cidade. Ele tem bem umas 200 fotos e pelo menos 20 dignas de publicação. Não se faz questão de grana e pode preparar uma seleção de cópias 18x24 para o Ex.

Sem badalação, estou certo de que Ex é uma das pouquíssimas publicações que comportam e merecem estas fotos. Se julgarem interessante, escrevam.

a) Luiz Pontual de Oliveira, Salvador.

Ex - Escrevemos e estamos esperando as fotos.

Essência Da Teoria

Myltainho (Myilton Severiano da Silva) amigo: O jornal está muito bom, e isso sem dúvida é uma prova de que vocês estão bem e certamente maiores. Cada qual faz o que pode. Luta como pode, segundo a realidade, pois a prática é a essência da teoria idiota que, se serve para alguma coisa, não será para mais nada além de procurar justificar, nem mesmo explicar, erros e acertos da vida.

a) Talvani Guedes, Recife.

Ver Página 5

Caro Ex: Acabei de saber dessa história do Ex com censura prévia. E logo agora, depois desse Ex-12, espetacular.

a) Edgar Moura, Rio.

Ex - Não estamos com censura prévia.

Nunca é Cedo

Senhores do Ex: Cada página que eu lia no Ex era uma porrada. As entrevistas com João Antonio e Vandrê estão realmente incríveis. E o que mais me alegrou foi a volta do pessoal do Bondinho. Olhe: é bom pra chuchu uma coisa assim voltar pras bancas de jornais, porque o desespero já tava demais. Só agora, no 12, é que fui acordar pra sacar o Ex. Mas nunca é tarde. Firme pessoal, que assim vocês hão de vencer. Abraços.

a) Alexandre Silveira, SP.

Quebrem Essa

Gostaria de entrar em contato com quem puder me arrumar o Ex, do número 1 ao 6. Ia me quebrar um galho...

a) Antonio B. Alwan, Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 2513, CEP 01401, SP.

Boa, Colega!

Colegas redatores: Há muito tempo venho acompanhando o Ex. Finalmente, com a ajuda de amigos, consegui uma assinatura desse maravilhoso jornal, dei de presente uma outra, e, agora, desejo fazer mais duas assinaturas para presentear meus mais caros companheiros de vida. Vocês estão conseguindo levantar um pouco a esperança da gente. Felizmente, porque já não era sem tempo. Contem comigo para o que der e vier.

a) Irede A. Cardoso, SP.

ex

JORNAL DE TEXTO,
FOTO, QUADRINHOS E O DIABO.

Compre o Ex! Melhor ainda: assine o Ex, mandando este cupon (ou cópia dele, pra não estragar o jornal) para a Rua Santo Antônio, 1043, São Paulo - CEP 01314

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____

Estado: _____

CEP: _____

Data: _____

☐ 12 EDIÇÕES (Cr\$ 70)

☐ 6 EDIÇÕES (Cr\$ 35)

Forma de pagamento: cheque nominal para a Ex-Editora Ltda.

EDGAR, ALEXANDRE, ANTÔNIO, IREDE, EDITH, MARIA.



A partir desta edição, passamos a selecionar algumas das cartas que recebemos, publicando-as como matérias. São as cartas dos correspondentes do Ex, dentro ou fora do Brasil.

TFP Levou Sílvio

Prezados Srs. da Revista Ex: Em primeiro lugar quero parabenizá-los pela excelente reportagem que vocês fizeram sobre a TFP (Ex-11).

Ao continuarem a ler minha carta os srs. vão me dar razão para eu dizer isto. Em 1967, chegaram em minha casa uns srs. dizendo serem da TFP, isto é, uma sociedade que combatia o comunismo e era muito católica, então começaram a falar e explicar até que em dado momento eles convidaram eu e meu marido para assistir uma palestra que eles iam dar em Vitória, a Capital. Mas como somos muito católicos, pensamos que não era coisa ruim, pois era relacionado com a igreja, então não pude comparecer, então mandei meu filho Sílvio de 16 anos e outra filha minha.

Mas como foi uma palestra muito chata, minha filha não gostou, mas o Sílvio ficou deslumbrado. E, quando chegou em casa, falou que ia voltar pois havia gostado muito. Da segunda vez ele já voltou meio estranho.

Quando ele foi nesta maldita palestra ele estava no 1º Científico. E assim começou sua mudança. Meus senhores, ele era um exemplo de filho, para dizer a verdade ele nunca levantou a voz para mim. Era alegre, tocava violão, era um menino feliz, se dava muito bem com os irmãos, pois tenho 7 filhos.

Mas suas atitudes foram chegando a tal ponto que estava ficando insuportável, a situação chegou ao ponto que dizia que sua mãe era Nossa Senhora e não eu. Vocês não podem imaginar quanto dói numa mãe ouvir estas palavras pronunciadas pela boca de seu filho, e, por sinal o que mais trabalho deu quando pequeno, pois era uma criança sempre doente.

Mas tudo isso foi passando, ele sempre teve vontade de fazer medicina, mas o seu modo de pensar modificou, falava que a medicina faz o homem perder a alma, então ele tentou a odontologia e passou, mas quando chegou em anatomia, isto é, mexer nos corpos para estudo, largou o curso. Para vocês verem até isto ele jogou pela janela.

Ele ia à missa todos os dias. Quando eu não o acordava de manhã, ele perdia a aula à noite mas não deixava de ir à missa. E cada vez mais estranho. Só queria comida boa, parecia até um hóspede milionário, mas como levo uma vida modesta como podia aguentar?

Brigava muito com as irmãs, pois elas usavam calças compridas, era uma constante briga, o que não acontecia antes, graças a Deus, no meu lar não existia essas brigas, era cheio de paz e harmonia.

Se estávamos assistindo televisão, ele a desligava, pois falava que nós estávamos contaminados pelo demônio, pois tínhamos coragem de assistir aquela arma pecaminosa.

Meus senhores, tem hora que eu fico pensando como pude fazer isto com meu filho, digo isto com os olhos cheios de lágrimas, não entendo, meus senhores.

E em 1969, saiu bem cedo, e quando voltou vi-o arrumando as malas. Então perguntei se ia viajar ele respondeu que não, então falei, onde você vai? Vou embora. Mas falei meu filho



você não tem dinheiro, então ele respondeu que se virava. E assim saiu de casa, mas pedi para alguém segui-lo. Deixei passar uns dias e fui procurá-lo, os senhores não podem imaginar como fui mal recebida.

Fui até lá, e ele me perguntou o que eu queria, então pedi para ele voltar e para deixar dessas coisas, ele muito possesso me respondeu em voz bastante alta: Ah, é! a senhora quer que eu volte para o meio de vocês uns pecadores. Então se era essa a razão da minha ida até lá já estava dito e abriu a porta para eu sair.

Sai, chorando, mas voltei outras vezes para tentar, mas cada vez era mais mal recebida, e uma vez fui até lá ele tinha ido embora, e se encontrava no Rio, rua Cosme Velho, 815, GB. Tel. 265.7501.

Meus senhores, pelo amor de Deus, façam tudo que estiverem ao alcance de vocês para desmoralizar a TFP, para ver se ele cai na realidade sai deste encanto, pois para mim ele está encantado, igual a historinhas infantis.

Estive lendo a reportagem que vocês publicaram sobre a TFP. Em relação ao Bruno foi o retrato fiel do Sílvio; quando estava lendo fiquei abismada pois parecia o meu caso. Por Deus, eu queria que o governo tomasse alguma providência, pois tenho certeza que não foi só esses dois lares que esta maldita organização destruiu, que caiu no conto da TFP, mas sim muitos, então vamos cortar o mal, isto para mim é um mal com única finalidade de destruir famílias.

Meus senhores, mais uma vez agradeço por terem feito esta reportagem, e também me dando chance de desabafar.

Tem hora que fico pensando, se eu fiz alguma coisa errada, para meu filho dizer tantas coisas, palavras feridas, isto jamais pensei ouvir dum filho meu. Falava que eu era pecadora e que nós éramos uns demônios, para ser sincera tive a impressão de que deram uma lavagem cerebral nele incutiram as regras desta maldita sociedade.

Meus senhores, já estou velha e meu marido mais ainda, e tenho medo se de um momento para outro um de nós faltar e não der tempo para ele vir até nós e cair na realidade e for tarde demais.

Mas Deus é grande e vai fazer ele sair deste pesadelo antes que isto aconteça.

Muito obrigado mais uma vez, e respondam-me o que acham de tudo isto e que rumo devo tomar, ou largar de mão. Meus sinceros agradecimentos.

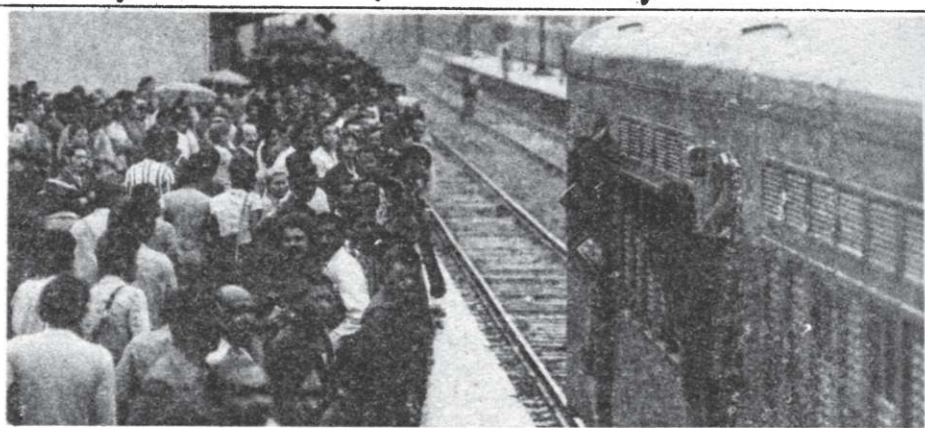
a) Edith Mantovanelli Dazzi - Vitória

Quase Em Flagrante

De madrugada, um dos elevadores do prédio onde moro apareceu mijado. Quem viu primeiro foi o porteiro da noite, Antonio da Silva. Ele chamou o zelador, José Gonçalves, e o garagista, José do Carmo. Logo viram que não podia ser coisa de criança:

- Era uma mijada imensa - disse Antonio.

O mijão atacou 7 noites seguidas, entre 1 e 3 horas. Como descobri-lo? O edifício Aliança (rua Frei Caneca, 1100, SP) tem 143 apartamentos, 11 andares, 13 apartamentos em cada andar, 200 moradores. Depois que alguém entrava naquele horário, os 3 iam ver o elevador.



De fracasso em fracasso, começaram a suspeitar que o mijão chegava cedo e saía do apartamento apenas para fazer o serviço. E, entre 1 e 3 horas, o pessoal do prédio andava para cima e para baixo, dando incertas em vários andares. Até que surgiu uma outra possibilidade:

- A gente não via quem entrava pela garagem - disse Antonio, de olho na ala jovem do edifício.

Então concentraram as investigações na garagem. O elevador desceu mijado assim que um morador do 4º andar subiu. A mesma coisa aconteceu no dia seguinte. Mas o zelador queria uma prova definitiva. Afinal, o suspeito era um engenheiro.

- Botei o José do Carmo no 3º andar e avisei quando o homem chegou. O elevador estava limpinho. Ele chegou no 4º e José chamou o elevador pro 3º: chegou mijado.

Quando os 3 foram se reunir na portaria, para discutir o que fazer, o engenheiro desceu com um vizinho de apartamento:

- Mijaram no elevador, viram? - disse para os 3.

- Mijaram ou o senhor mijou, doutor? - perguntou Antonio.

Aí quebrou o pau. O engenheiro disse que se tivesse mijado, não ia negar. Mas, já que fora acusado, ia mijar toda noite. E mandou-os tomar cuidado. Se não, entregava todo mundo.

- Pra quem, não sabemos. Sabemos é que nunca mais o elevador apareceu mijado - concluiu José do Carmo.

a) V.P. Dória, SP.

Vida De Subúrbio

Esse jornal é tudo aquilo que a classe média não enxerga e nem sequer sente, pois às vezes ignora que sofre. E que moral tem a referida classe! Cada um que se cuide, trate de enriquecer e deixe a vida dos outros em paz. Partindo desses princípios rígidos de participação social, caminha cega em busca da sorte na loteria esportiva.

Ex é um alerta. É nostalgia, não o modismo ordinário para consumo, deteriorando todos os valores para garantir seus interesses destruindo com isso a criatividade e a informação.

Curso de Comunicação pra que serve? Não é uma pergunta pessoal nem de uma minoria; abrange um sentido mais amplo; o que faço vai ser lido e visto por muitos e eu só posso dizer o que os "donos" querem. Há muitos profissionais em tal situação. Mesmo aqueles que são obrigados a vender seu trabalho, sua força intelectual para esse fim, sofrem com a cruel contradição imposta. É uma loucura.

Logo após a formatura, ao contrário dos bem sucedidos médicos, engenheiros e afins, fui despedida do emprego - causa: falência do mercado financeiro. O mesmo aconteceu com um colega do JB - causa: um apadrinhado precisava do lugar (geralmente o cara apadrinhado é tão ruim, mas tão ruim que ninguém aguenta com ele, mas que se há de fazer?)

Hoje desempregada, marginal, fico escutando a família e os conhecidos dizendo: "Bom é O Globo, por que você não vai pra lá?" Fiz estágio na Rádio Guanabara e na TV Tupi. Já sei o que é o marasmio.

Essa vida suburbana do Rio - reduto dos infelizes - é a que vivo. Moro em Inhaúma, onde também mora o leão de chácara e muitos outros leões. O subúrbio é muito mais do que a zona norte, que inclui bairros aburguesados, Tijuca e adjacências. Por aqui a vida é mais chegada para o rural - verde x poluição. Ruas sem calçamento, ausência de sinais de trânsito, falta

d'água, porém não há espigões; falta o superfluo e o necessário.

A população é em sua maioria de operários. Trabalham em fábricas situadas na periferia. Gente só com vida local; ir ao centro da cidade só por muita necessidade: INPS, pagar impostos ou qualquer outra burocracia. No verão a "praia" de Ramos fica perto. Aqui fica a pobreza e aquela classe média, que quando o entrevistador do Ibope chega, não hesita em se classificar o mais perto que pode do C. Diversões quase nenhuma: a igreja, a pracinha e um horrível "poeira". Isso significa dizer que não existe vida cultural.

Apesar de tudo a suburbana não é mais um tipo; misturou suas necessidades com o que lhe é imposto pela moda e pela sociedade de consumo. Só alguns detalhes, que o ordenado, por mais que espichasse não deu para cobrir, traem sua origem. Esse tributo ela paga pela necessidade de competir, desde a procura de um emprego - boa apresentação - até fazer jus à bela revista de modas coloridas que comprou. E a filha do João da Silva tentando ser igual. Alguns partem para conquista a cidade viajando todos os dias em ônibus superlotados.

A casa fica sendo então só para dormir (estar às 8 horas no Centro representa acordar às 5 horas da manhã; a noite, quando voltam, só resta descansar o corpo). Mas essa ainda é uma minoria restrita. São os que têm ginásio e conseguiram um lugar nos escritórios, bancos ou comércio. Faculdades proliferam nos subúrbios: Piedade, Bonsucesso, Engenho Novo, Ramos e outros menos cotados, mas as ruas das adjacências não chegam para estacionamentos. Jovem suburbano não vai para o trabalho de automovel, vai? Quem então frequenta tais faculdades?

Mas há aqui quem saiba das coisas também, quem apesar de tudo não precisou ser rico para adquirir cultura e conhecimento. Quem com sacrifício foi ao encontro da faculdade federal ou estadual na zona sul ou no centro ou mesmo em Niterói. Sabem o que acontece depois? Começa a haver uma perda de identidade; depois que o cara volta desiludido profissional e intelectualmente, ninguém acredita no que ele diz.

Conheci um desenhista-projetista que realmente ficou meio maluco. Era muito alto e achava que os projetos de ambiente nunca levavam em consideração os fora da média; tinham já estipulado certos padrões de normalidade. Assim sendo nada era funcional para ele. E as pessoas que pensam, os que sabem das coisas? Ficarão obrigados a receber o mesmo tratamento e, para a formação de uma raça pura de imbecis, terão sempre que esconder-se da implacável perseguição? Por isso proliferam Os Globos, agindo como uma faca afiada para cortar os excessos (deformações).

O pessoal que em outros tempos teve formação em colégios federais e estaduais, tendo por mestres pessoas capazes, que muito ajudaram, esclarecendo e dignificando sua função - hoje, onde andarão aqueles mestres? Ensina-vam muita mentira de certos livros - livro didático hoje é uma vergonha. É lamentável a formação dos jovens de hoje. Que prática pode desenvolver a teoria recebida, com o bloqueio atual. Mas a miséria ainda será a melhor escola. Por enquanto estão sendo enganados e agradecendo. Quem já está acordado sofre por si e pelos que sonham enquanto, enquanto caminham para os cursos técnicos-profissionalizantes, pagando um preço ainda mais alto pela falta do mínimo indispensável de formação histórica.

Dá uma vontade imensa de bater um papo com vocês. Através do Ex me comunico comigo mesma - é uma introspecção alarmante.

O pátria amada, é muita miséria - e, não falei em mais nada a não ser nessa vidinha suburbana.

a) Maria Luíza Montenegro, Rio.

UM PAPEL DE RESPONSABILIDADE

A SELECTA RESPONSABILIZA-SE PELO PAPEL QUE VENDE SÓ TEM DO IMPORTADO E PELO PREÇO QUE COBRA 40 MENOS QUE AS OUTRAS LOJAS. POR ISSO, PESSOAS DE MUITA RESPONSABILIDADE DIRIGEM-SE A SELECTA: PUBLICITÁRIOS, ARQUITETOS, ENGENHEIROS, ESTUDANTES.

VEGETAL SCHOELLER, EM ROLOS E FOLHAS MILIMETRADO, UNION-SKIN (BLOCOS), PARASSOL, OPALINE, CARMEN, CARTÕES DE DESENHO SCHOELLER, EM TODOS OS TAMANHOS, FOLHAS CORTADAS OU MARGEADAS, TODOS OS TIPOS DE BLOCOS DE DESENHO NUMERADOS.

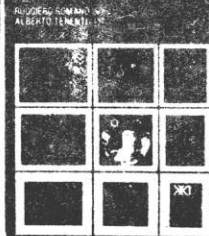
DIRIJA-SE A
SELECTA

UMA LOJA PARA UMA CLASSE SELETA
Marquês de Itú, 134 (esq. Bento Freitas) Fone 37-7988

HISTORIA UNIVERSAL SIGLO XXI

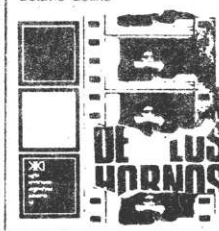
los fundamentos
del mundo moderno

edad media tardia
reforma renacimiento



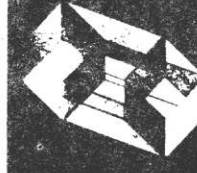
Cine, cultura
y descolonizacion

Fernando E. Solanas
Octavio Getino



lógica
formal
/ lógica
dialética

HENRI LEFEBVRE



A
Revolução
Burguesa
no Brasil

Ensaio de interpretação Sociológica

FLORESTAN FERNANDES

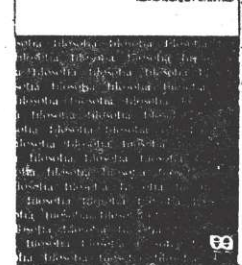
teses

MODOS
DE PRODUÇÃO
E FORMAÇÃO
ECONÔMICO-SOCIAL

ensaios

O Espírito e a Letra

Roberto Nader, livro 11



JÁ NA LIVRARIA CIÊNCIAS HUMANAS

FILOSOFIA SOCIOLOGIA POLITICA HISTORIA

Rua Sete de Abril, 264 - Loja B - Fone 36.9544

CP 4439 - CEP 01044- São Paulo - SP

Todas as segundasfeiras nas bancas

MOVIMENTO

Um jornal feito com o trabalho e o dinheiro de mais de 300 pessoas, entre as quais mais de 100 jornalistas.

- os principais fatos da semana
- a descrição da vida do povo brasileiro
- em defesa das liberdades democráticas e da melhoria das condições de vida, do povo brasileiro

— em defesa de nossos recursos naturais e por sua exploração planejada em benefício da coletividade.

Movimento é dirigido por um conselho de Redação, que tem 51% das ações da empresa editora do jornal, e orientado por um Conselho Editorial composto por personalidades democráticas.

CONSELHO EDITORIAL

Edgar de Godói da Mata Machado
Francisco Buarque de Holanda
Hermilo Borba Carvalho Filho
José de Alencar Furtado
Fernando Henrique Cardoso
Orlando Villas-Boas
Audálio Dantas

CONSELHO DE REDAÇÃO

Aguinaldo Silva
Antonio Carlos Ferreira
Bernardo Kucinski
Elifas Andreato
Fernando Peixoto
Francisco de Oliveira
Francisco Pinto
Jean Claude Bernardet
Marcos Gomes
Maurício Azedo
Raimundo Rodrigues Pereira
Teodomiro Braga

CRÍTICA

PEDIDO DE ASSINATURA

Destaque este cupom e mande junto ao pagamento à ordem de

EDITORA CRÍTICA LTDA.

Av. Rio Branco, 156, sala 1222, Rio - RJ, Brasil

DESEJO FAZER UMA ASSINATURA DE

1 ANO ☐ BRASIL (Cr \$ 200,00) ☐ EXTERIOR (US\$ 50,00)
6 MESES ☐ BRASIL (Cr \$ 100,00) ☐ EXTERIOR (US\$ 30,00)

NOME

RUA

CIDADE

PAÍS

Nº.....

ESTADO.....

CEP.....

JUNTO MEU PAGAMENTO POR

- CHEQUE VISADO PAGÁVEL NO RIO ☐
- VALE POSTAL ☐

SEM INDEPENDÊNCIA
FINANCEIRA NÃO HÁ
IMPrensa LIVRE

SALVE-SE QUEM PUDER SALVE-SE QUEM PUDER SALVE-SE

Three tries of Justice... argui... is working on a project... does remove censorship from all... news organs still under control... However, press circles its... viewed the announcement with its... skepticism, particularly after of... the news that censorship would as... be extended to two more news-shu... lines papers—the São Paulo political... monthly Ex and a new weekly. Manis... Movimento, which has not the p... pub even appeared. ... Meanwhile, the campaign priet... sion against the censorship. of the ho...



Desta Vez, Só Faltou Dar o 13 Na Federal!

“Além disso, círculos de imprensa viram o anúncio com ceticismo, particularmente depois da notícia de que a censura seria estendida a mais dois jornais – um mensário político de São Paulo, Ex, e um novo semanário, Movimento, que ainda não havia saído.”

Quando essa notícia do New York Times do dia 9 de julho foi publicada, ela não era mais inteiramente verdadeira. Vamos ver por quê.

Dia 3 de julho: quatro jornais brasileiros (O Estado de S. Paulo, Jornal da Tarde, Jornal do Brasil e O Globo) publicam a informação, baseada em nota da Ex-Editora, de que na véspera o Departamento de Censura da Polícia Federal, SP, nos comunicava que estaríamos sob “censura prévia”, a partir do número 13.

Dia 8 de julho: apenas 2 jornais cariocas publicam com igual destaque a notícia, também distribuída pela Ex-Editora, de que na véspera o mesmo Departamento de Censura da Polícia Federal, SP, nos comunicava que não estávamos sob “censura prévia”.

A notícia do New York Times, portanto, já não era mais correta quanto ao Ex.

Nas bancas das duas maiores cidades do país, o nosso número 12 – com 20 mil exemplares (o dobro da tiragem do nº 11) – atingia a marca dos 75% de venda. O que nos obrigou a mudar os planos mais uma vez: este nº 13 vai às bancas com tiragem maior outra vez (30 mil exemplares, 50% mais que o nº 12).

Dia 22 de julho: “Olha a Federal! Borboleta, é o 13!”, gritava o bilheteiro Antonio Francisco de Menezes, na rua Direita, SP. O

número 14.113 do bilheteiro Antonio não deu. Deu peru na cabeça da extração do dia seguinte, dia 23, quarta-feira. Quem vendeu o bilhete premiado (33.978) foi um japonês que passa toda semana pela rua da nossa redação. E dessa vez, distribuiu a sorte grande entre alguns comerciantes e moradores do bairro, o Bexiga. Nós tínhamos comprado o “13” do Antonio.

Dia 23 (quarta-feira): em res-



posta a consulta feita por nós, a Distribuidora Abril comunica que a partir deste número assume a colocação do Ex nas bancas. Um trecho da carta da Abril: “A distribuição será em caráter nacional, sendo que atingiremos as 120 maiores cidades do país, incluindo nelas todas as capitais”.

Agora com vocês, o Ex-13, sem “censura prévia”, sem ter ganho na loteria federal e sob nova distribuição.

PRAIA DE IMBITUBA
MACAÉ - RJ

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL
LOTERIA FEDERAL DO BRASIL
PRÊMIO MAIOR LÍQUIDO

700
MIL CRUZEIROS

1.247.ª - Vinte Três Julho 1975

14113

INT. ... Cr\$ 72,00
Cap. Prêmio 13% Cr\$ 10,80
TOTAL Cr\$ 82,80

VIG. ... Cr\$ 3,60
Cap. Prêmio 15% Cr\$ 0,54
TOTAL Cr\$ 4,14

CONCORREM 60 MILHARES

51 VIGESIMO B

- 07:** Distensão. Jogadores falam do grande inimigo. E o “Marechal da Vitória” xinga nosso repórter.
- 08:** Vinte anos sem Carmen. E prossegue a Campanha Ex: desta vez o preto Samora Machel.
- 09:** Feminismo. Myltainho flagra 2 russos na cama. E o conto curto “Experiência Número Zero”.
- 10:** Mulher vive no chiqueiro e já levou muito choque na cabeça, coisa que nem os porcos merecem.
- 11:** Classificados de imprensa; um livro de cabeceira; o resumo da morte de uma equipe; e ViVer!
- 12:** Itaocara, RJ, tem um poeta como prefeito. Seus despachos contêm a merencórea luz da lua.
- 13:** Seicho-No-Ie, seita japonesa. A revista deles lembra manual do Magic-Click: é o Acendedor.
- 14:** A Baixa Sociedade dá de gatilho na Alta. E conta uma boa do ex-diretor do Cadeião.
- 15:** Comicus ataca de suástica. O grande amor da vida de Eva não é mesmo flor que se cheire.
- 17:** Pastinha, 82 anos que parecem 70, cego mas capoeirista: ele vê que só se pensa em dinheiro.
- 20:** Rabinho de cavalo, vestidões, bolsa no pescoço; são devotos de Krisna. Prá que serve a bolsa?
- 23:** Em Brasília, a Ordem do Universo: jornal, restaurante macrobiótico e muito banho frio.
- 26:** Quem mata Jesus? e Giordano Bruno? é um insatisfeito no amor, segundo Wilhelm Reich.
- 28:** Um repórter mostra São Paulo 1975; diante disso, outro repórter sente saudades de 1950.
- 31:** Que podem fazer os EUA para ter petróleo? Ir á guerra. E o plano da invasão já existe.
- 34:** Repórter brasileiro em Cuba: Ex o entrevistou e publica trechos do livro que ele escreve.

CAPA: Jayme Leão

Ex-Editores: Hamilton Almeida Filho/Narciso Kalili/Mytton Severiano da Silva/Paulo Patarra/Amâncio Chiodi/Dácio Nitri/Palmério Dória de Vasconcelos/Armindo Machado/Percival de Souza/Luís Carlos Guerreiro/Alex Solnik/Domingos Cop Jr./Hermes Ursini/Vanira Codato/João Antônio/Cláudio Favier e/Luís Câmara/Jaime Leão/Jota/Hilton Libos/Cláudio Edinger/Márcia Guedes/Ivo Patarra/Marli Araújo/Fernando Moraes/Wilhelm Reich/Neusa Coelho/Beatriz Horta/Raquel Moreno/AriNormanha/Gustavo Falcón/Agliberto Cunha Lima/Mônica Teixeira/Demócrito Moura/Jurandir Camargo/Elvira Alegre/Gabriel Romeiro/Miles Ignatos. **Publicidade:** Wanderley Pereira.

Ex- Editora Ltda: Rua Santo Antonio 1043, CEP 01314 – SP/SP. Nenhum direito reservado/Direitos de reprodução da revista Crisis, cedidos gratuitamente/Tiragem: 30 mil. Distribuição nacional: Abril S.A. Cultural e Industrial, SP.

Composto e Impresso nas oficinas da PAT – Publicações e Assistência Técnica Ltda. Rua Dr. Virgílio de Carvalho Pinto, 412 – fone: 81.7461 – São Paulo.

FOTO: AMANCIO CHIODI

**FUGA ALUCINADA DE LADRÃO
USOU A MENINA
COMO REFÉM E
MATOU TRAVESTI**

LEIA NA PÁGINA 7

POETA DO MDB CANDIDATO A PREFEITURA DE JUAZEIRO-CE

ABRAÃO BATISTA

O Industrial Fracassado ou o Senador Caloteiro de Pernambuco — 2.º Volume
A CASSAÇÃO



Xilogravura do Autor

Abraão Batista

GUIA TURÍSTICO DE BARBALHA



Abraão Batista

O Entrechoque do Divórcio Na Sociedade Brasileira



Xilogravura do Autor

O Fenômeno do Bode que Nasceu Metade Gente e Metade Bode



Xilogravura do Autor

O Caso Moreno Em Verso e Canção: Um Ato Sereno Que Encerra Lição.

Quando em janeiro escrevi sobre o caso do Senador que o Industrial de Moreno fez dele seu relator eu prometi que voltava para esclarecer o leitor.

Já com 6 meses passados do espetáculo inicial volto hoje com a pena com obrigação moral para entrar no direito da história e seu final.

Veja bem, ó minha gente como é a natureza: ela mesma se encarrega da verdade e da certeza quando o homem se esquece da justiça e da beleza.

O industrial acusava com toda convicção o senador da república de dolo e corrupção e os jornais escreviam fazendo propagação.

Por isso, se foi criada uma comissão especial que veio lá de Brasília para ouvir o industrial ouvir também o senador o governador e coisa e tal.

Wilson Campos, nesse tempo e Carlos Alberto, também já tinham advogados para a proteção do seu bem porque um caso assim só se defende o que tem.

Wilson Campos já estava arretado com os jornalistas por isso cancelou tudo almoços bons, entrevistas e foi embora para Brasília com muitos nomes nas listas.

Recusou-se comentar se a fita tinha valia e disse que era insulto que o jornal escrevia porque era inocente e condená-lo ninguém podia.

Para encurtar a história, Carlos Alberto, entregou uma cópia da dita fita pois, ele não confiava entregar a original isso foi o que anotou.

Mas, aos 29 de janeiro à Polícia Federal em frente da comissão entregou a original pois o senador Rezende era presidente especial.

Nesse tempo se propagava que a fita era montada e Carlos Alberto já tinha sua prisão decretada mas, o industrial entregou sua denúncia escriturada.

Em Brasília, quando Wilson sua voz na fita, ouviu disse para a comissão: a voz é minha, e sorriu, mas creio que nuns pedaços algum sabido boliu...

Mas, na Polícia Federal a fita foi comprovada e os amigos do senador botaram por outra estrada dizendo que a dita fita não tinha e nem dava em nada.

Inventaram tanta coisa para a fita neutralizar, conversaram, desconversaram que dá abuso até contar e eu pensava comigo, tem alguma coisa no ar...

Os advogados da defesa quiseram então negar o valor que tinha a fita para se desmoralizar o industrial C. Alberto que continuava a acusar.

— Essa fita não tem valor gritava e dizia um ... e o outro advogado não há remédio nenhum que livre o industrial de ser preso nesse zunzum!

Novamente, o professor Carlos Éboli, da Federal fez novo teste na fita e pôs um ponto final concordando com a fita dentro do termo legal.

Então, foi nomeada outra nova comissão constituída de nove para dar a solução se cassava o senador ou se dava-lhe o perdão.

A primeira comissão constituída de três deu a sua opinião sem determinar o freguês pois não concluiu o troço deixando pra outra vez.

Depois que o ex-governo Eraldo Gueiros declarou sobre sua honradez; ligeiro quase mudou o rumo do processo que quase se aniquilou.

Mas, no dia 17 a comissão decidiu pela inocência de Wilson que de alegre sorriu enquanto que o industrial por pouco não sumiu.

4 votos foram contra e 5 foram a favor para que se arquivasse o processo do senador mas, veja o que aconteceu dando a isso, outro sabor.

Segundo a dúbia vontade da representação do Senado aquele processo todo devia ser arquivado por achar inconsistente o que foi apresentado.

Mas logo que terminou a primeira reunião o senador Itamar Franco recebeu declaração do presidente do Senado chamando-lhe a atenção.

Foi que o Banco Central numa carta sigilosa dava novos documentos numa representação jocosa que causou um reboliço e acabou a cor de rosa.

O senador Magalhães Pinto segundo uns comentários pediu para Wilson Campos em frente de funcionários que renunciasse o cargo para não ver dormedários...

Mas Wilson respondeu: Não renuncio o meu mandato sou um homem competente sincero e muito sensato só saio depois de morto com todo meu aparato!

Nisso os Jornais do Brasil exploravam toda a questão dando da Democracia a completa dimensão permitindo que o povo tivesse sua conclusão.

Pois nessa quarta vez todo povo esperava que o dito senador suas penas descontava e com isso o Senado a aparência moralizava...

A maioria dos deputados não mais dava opinião e os senadores, também ficavam de antemão uns querendo inocentá-lo e outros — a cassação.

Agora, os senadores iriam qualificar o parecer da Comissão que pedia para arquivar aquela história maléfica que estava a incomodar.

Uns não queriam o processo chamando-o de aberração outros chamavam para si os poderes da Revolução depois do documento secreto entregue pra comissão.

E o senador arrogante com muita ira gritava que o industrial fracassado algum dia, ele pagava aqueles vexames todos que muito o incriminava.

O senador quase caía quando leu o documento que o Banco Central mandou mostrando seu fingimento quando ele tinha costume de tramas com muito invento.

Pois em mil e novecentos e setenta e três, ele ganhou 400 mil cruzeiros e isso não contestou porque foi pago em cheque e a mim, não espantou.

Mas o dinheiro estava certo ninguém podia duvidar só o valor da importância é que tinha a desejar... — porque uma construtora tal soma lá pagar?!

Pois a Construtora Loyo pagou à loja do senador essa vultosa quantia sem ele ser construtor mas, Wilson deu documentos retirando logo o pavor.

O senador Wilson é do dono da construtora o seu genro estimado corretor que tem penhora participando nas ações com a família e senhora.

Jurou pelo Brasil a nossa grande nação chorou diante ao Senado como se fosse um violão dessa forma, pra comover era a sua intenção.

Como então, um senador ouvindo o outro chorar disse: “é inocente ou hereje” assim eu vou anotar... porque declaração assim é de se desconfiar...

Quando aos 30 de junho o povo todo esperava que o Senado, então o Senador dele, cassava, aconteceu o contrário que ingênuo desconfiava.

Pois foi assim a votação votada pelo Senado 21 contra Wilson e 29 ao seu lado e eu como poeta deixo tudo anotado.

O Senado da República a Wilson absolveu houve uma correria porque aconteceu e os senadores diziam: esse voto foi o meu!...

Parece que o Senado não viu que a revolução confiou-lhe o recado deixando na sua mão prestigiando-o no aberto mas, tudo foi pelo chão.

Mas eu acredito que tudo já estava preparado com o chefe da República com um ato declarado esperando pela hora e pelo dia acertado.

No dia 1º de julho no Palácio do Planalto o Presidente Ernesto Geisel falou forte e muito alto cassando o senador que ficou de sobressalto.

O presidente da República no uso da atribuição que confere o Artigo 4º da presente Revolução derrubou de uma só vez Romero, Carlos e o cão.

Muita gente bateu palmas para a ação do Presidente e aquele da linha dura sorriu alto de contente porque na realidade deve o Senado ser decente.

Descobriu-se que Romero devia ao Código Penal contrabandeava da Noruega uns fardos de bacalhau... e inda mais deu sumiço na peça processual.

Tantas histórias equívocas apareceram depois que o pobre senador levou fandango, pois, pois que eu não conto tudinho porque só serve a dois...

Há negócios de terrenos que causam muito espanto convênios para eleições que derruba até um santo e tanta sujeira imunda se disser, me dá quebranto...

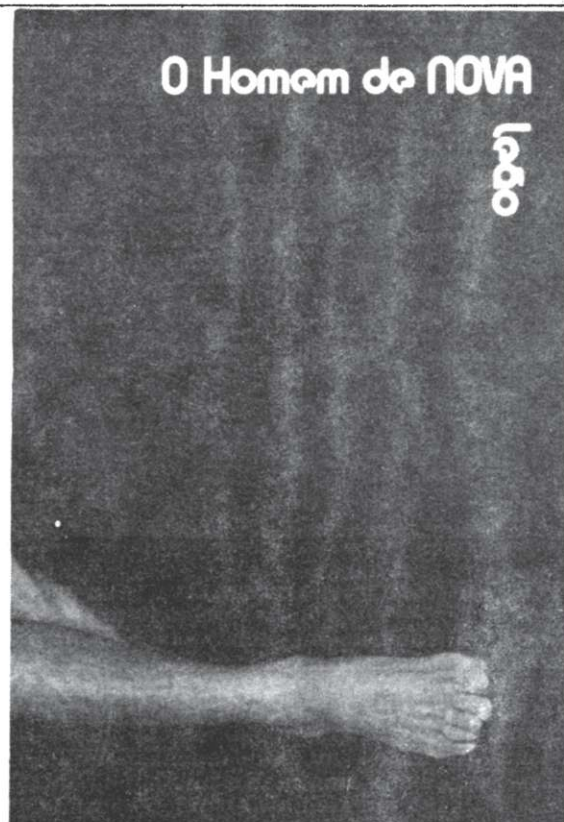
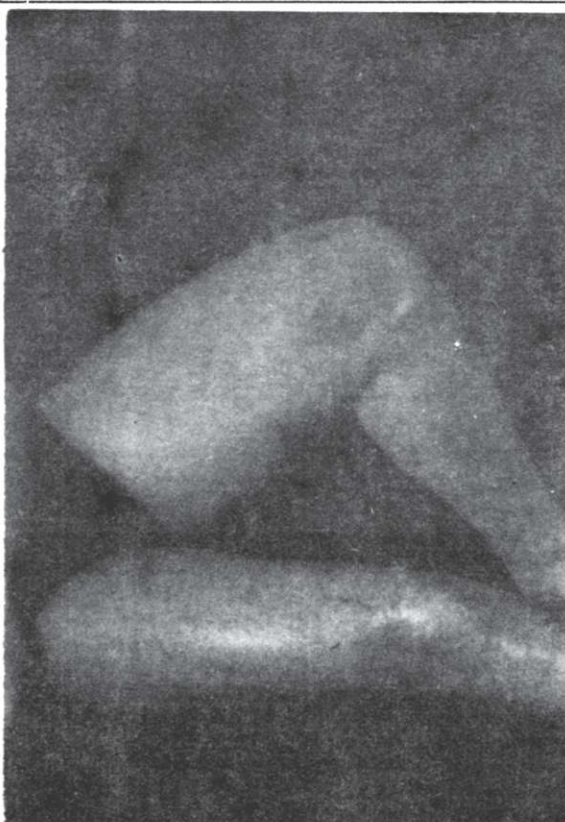
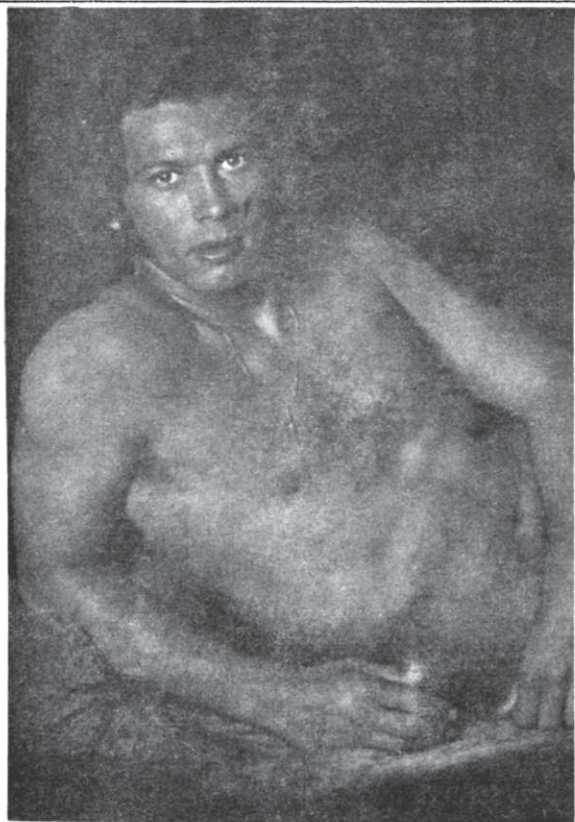
Mas o que aconteceu deve servir de lição para a corja de corruptos que povoa esta Nação e botem as barbas de molho que inda tem Revolução...

A Revolução perseguiu aqueles subversivos faltam agora os corruptos que estão muito ativos e por cima tem dinheiro tem prestígio e muitos vivos.

Fim — Juazeiro do Norte — Julho de 1975. 1ª Edição

salada

FUTEBOLISTAS FALAM DE PROBLEMA QUE NÃO OS ATINGE



Distensão? Leão Acha Que Ela Pode Ser Apenas Psicológica.

Ademir da Guia, 33 anos, casado, meia-armador do Palmeiras, estudou até o curso científico. Um dos maiores jogadores do Brasil. Não é falador e foi expulso poucas vezes. Tem a fama de ser uma pessoa muito fria. Estava almoçando quando recebeu a comunicação de ter sido convocado para a Seleção Brasileira, em 74, e não parou o almoço, quebrando o clima de entusiasmo dos colegas que foram levar a notícia. É filho de Domingos da Guia, famoso zagueiro do passado.

Ex - O que você acha da distensão?
Ademir - A distensão é um problema que o jogador de futebol enfrenta muito. Aqui em São Paulo, por exemplo, temos às vezes 3 jogos por semana, então temos assim um ritmo muito fora. Eu nunca tive uma distensão, não sei nem como é que é. Os tratamentos são normais, eu acho que fica 10, 12, às vezes 20 dias, dependendo...

João Leiva Campos Filho, Leivinha, 25 anos, casado, curso científico completo, ponta-de-lança do Palmeiras, considerado acima da média do jogador brasileiro. Apareceu na Portuguesa em 67. Foi titular da última Copa do Mundo, mas se machucou no jogo contra o Zaire. Ele e Ademir da Guia são considerados os jogadores mais bem pagos do Brasil, depois de Rivelino.

E a distensão?

Leivinha - Distensão é a contusão mais séria. Não digo a mais séria mas é a que acontece mais. Sempre estão acontecendo as distensões. Eu felizmente, em 9 anos de profissionalismo, nunca tive uma, pelo tipo de formação das minhas fibras musculares.

Osvaldo Brandão, 59 anos, 2 filhos, 40 anos como profissional de futebol. Foi jogador, nas quebrou a perna em 1945. Passou então a ser técnico do juvenil do Palmeiras. Foi depois técnico de todos os grandes clubes de São Paulo (menos do Santos) e também do Independiente de Buenos Aires, onde conseguiu o título de Campeão Argentino. Faz 4 anos que

está no Palmeiras. Agora vai para a Seleção Brasileira, que já treinou em 57.

Ex - Qual a sua opinião sobre a distensão?

Brandão - Distensão é duro pra mim falar... Precisa do maior apoio do médico, do treinador físico.

Emerson Leão, 26 anos, solteiro. Começou como goleiro no Comercial de Ribeirão Preto (SP) e foi para o Palmeiras em 1969. Reserva na Copa de 1970 e titular na de 74. Goleiro firme, mas sem equilíbrio emocional. Foi encarte (quase nu) da revista Nova e faz comerciais do frango Sadia, o frango do Leão. Na última Copa do Mundo, na Alemanha, foi eleito o dono das mais belas coxas.

Ex - O que você pensa sobre a distensão?

Leão - A distensão é uma coisa muito complexa hoje em dia, devido ao grande número de distensões ocorrido nos jogadores brasileiros. Então o que você vê, se nós formos para o lado médico, às vezes clinicamente o indivíduo está curado, mas psicologicamente ele não está curado. No caso dos goleiros, dificilmente ocorre uma distensão. O goleiro que tem uma distensão muscular é por excesso de trabalho. Não que seja mal preparado: Pelo contrário, carga é que é demais.

José Guilherme Baldocchi, 29 anos, casado, 2 filhos, zagueiro-central do Corinthians, onde está desde 1968. Foi reserva na Seleção Brasileira de 1970. Jogava no Botafogo de Ribeirão Preto, cidade onde hoje estuda Educação Física. Além do futebol, compra terrenos para construir prédios e depois vender.

Ex. O que você acha da distensão?
Baldocchi - Você diz distensão muscular?

Miguel Lopes Ruiz Filho, 27 anos, goleiro da Portuguesa de Desportos, jogador corajoso, que se atira em qualquer bola. Já levou muito chute na cabeça. Começou no Juventus, em 1972. É careca e usa peruca, que fica dias colada na cabeça. Faz propaganda de perucas, ganhando 6 mil cruzeiros por mês.

Ex - O que você acha da distensão?

Miguel - O problema da distensão eu nunca tive. Os meus ossos são resistentes, eu aqueço bem antes de começar qualquer atividade com bola. Eu acho que o jogador que tem muita distensão, tem algum foco infeccioso.

Maximiliano Rodrigues Lopes, o Xaxá, 23 anos, ponta-direita da Portuguesa há 4 anos. Adepto de uma religião japonesa, a Igreja Messiânica Mundial. Xaxá - o objetivo dela é a humildade. "E o outro é o paraíso terrestre, onde todos nós podemos ser iguais, sem falsidade, sem egoísmo, sem nada, e o objetivo principal é o povo ter mais tranquilidade em geral. Eu tenho fé em Deus. E no futebol é duro a gente não querer dar um chute num cara, sabendo que isso é coisa má" - diz Xaxá. (Comenta-se que Xaxá, depois de ter entrado para a religião asiática, ficou menos viril em campo.)

Ex - O que você acha da distensão?

Xaxá - Eu acho que a distensão é um dos problemas mais graves. A gente não sabemos de fato de onde ela vem, o doutor mesmo fala que não sabe de onde vem a distensão. Por exemplo, às vezes a gente está num jogo, e no final dá a distensão, aí fala que é do cansaço. E quando é no princípio do jogo, diz que foi um mal aquecimento. Não dá pra entender...

Paulo Machado de Carvalho, 72 anos, chefe da Rei - Rede de Emissoras Independentes, comandada - de SP - pela Televisão Record, Canal 7. Foi vice-presidente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), presidente do Conselho Nacional de Desportos (CND) no governo Jânio Quadros e chefe da delegação brasileira nas Copas de 1958 e 62. Hoje é vice-presidente da Federação Paulista de Futebol. Supersticioso e habilitado: no final da Copa do Mundo de 1958, a cor da camisa da Suécia era amarela, como a nossa. O sorteio indicou que o Brasil teria de mudar a cor (para azul) e isso ouriçou os brasileiros. Então, já no vestiário, Paulo Machado chamou os jogadores, mostrou uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, e disse que as camisas eram da cor do mando da santa. Conhecido como Marechal da Vitória, quando fomos campeões do mundo pela primeira vez, em 58.

Dr. Paulo - É você que quer a entrevista? Entra!

(Um salão amplo com carpetes e lambris, na Federação Paulista de Futebol. Sentamos em uma mesa redonda: Dr. Paulo, Américo Egydio Pereira - o

O Homem da NOVA

Logo

Secretário da Federação - e eu.)

Dr. Paulo - Pode começar a entrevista...

Ex - Não é uma entrevista. É só uma pergunta: o que o senhor acha da distensão?

Dr. Paulo (surpreso) - O que eu vou falar? Eu não posso falar sobre isso! (silêncio de alguns segundos, fica irritado). Não posso falar, moleque! (levanta, põe



as mãos nos bolsos e está gritando). O que é que eu tenho que ver com política?

Ex - O que a gente está tentando ver é o que...

Dr. Paulo (de costas, indo até o fundo do salão) - Meu filho, a única coisa que eu não fui na minha vida é político, e não vou ser nunca! (Volta até a mesa). De modo que não é problema meu. Distensão é com político! Eu não sou político! (Agora na porta, com uma mão no bolso e a outra gesticulando, mais irritado ainda). Sou um cidadão como outro qualquer. Eu acho que a gente não tem nada que falar. Não tenho nada o que falar sobre distensão política.

(Entra na sala do presidente da Federação e fala para as pessoas que estão lá dentro)

Dr. Paulo - Esse rapaz vem me perguntar sobre política, oras!

Claudio Faviere

FÃ CLUB LEMBRA: CARMEN NÃO MORREU, 20 ANOS ATRÁS.

MINISTRO GOLBERY DO COITO E SILVA
Chefe do Gabinete Civil da Presidência da República

Sr. Sebastião Laviola,

Agradeço a gentil lembrança remetida em
 nome do "Fã Club Carmen Miranda".
 Cordialmente,

Golbery do Couto e Silva

Brasília, setembro, 74

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Rio, 31 de julho de 1974.

Prezado Tonson Laviola:

Encontrei-me a lembrança gentil do
 Fã Clube de Carmen Miranda. Muito apreci-
 tamos, a festa documental sobre a artista
 cuja memória você vem cultivando e lembrando
 a todos, com admirável devoção. Cordialmente,
 agradeço-lhe
 Carlos Drummond de Andrade

Encantou-me a Gentil Lembrança. a) Carlos Drummond de Andrade.

Nesta época de tantas Marylin
 Monroe brasileiras, temos o orgulho
 imenso de sermos cultores desta grande
 Mulher, aquela que sem dúvida foi o
 Brasil cantante dos pés à cabeça e que no
 Ano Internacional da Mulher tem o seu
 lugar.

Sebastião Tonson Laviola, presidente
 do Fã Club Carmen Miranda.

Caro Tonson. Para nós, admiradores
 da Pequena Notável, ela continua mais
 viva do que nunca em nossos corações.
 Ela que foi a própria imagem do Brasil,
 era a própria alegria personificada, que
 transmitia através de suas músicas, de
 seu rosto expressivo, enfim, todo o seu
 ser. Pessoa profundamente humana,
 dotada de uma personalidade marcante,
 ela será sempre lembrada com muito
 carinho por aqueles que realmente
 amam o que é nosso, o que é Brasil. No
 próximo mês, irei ao Rio visitar o túmulo
 dela pela segunda vez. É um simples ges-
 to pelo 20º aniversário de sua partida
 entre nós. Fraternalmente, Edmundo.

Dear Mr. Laviola: foi realmente com
 muita alegria que recebemos sua carta
 com a biografia e todo o material infor-
 mativo sobre Carmen Miranda. Isso nos
 vai ser de muita ajuda como pesquisa
 dentro da música brasileira-exportação.
 Ainda não fizemos o programa dedicado
 a Carmen Miranda, dependendo para
 isso de alguns detalhes a serem resolvi-
 dos nas gravadoras aí do Brasil. Não sei se
 o padre Nazareth lhe informou que esse
 material é para ser usado num programa
 semanal de música brasileira na rádio
 Kiis, em Hollywood. Afetuosamente,
 Angela M. Chhabra, Los Angeles.

Querido Tonson, muito obrigada por
 me fazer membro do "Fã Club Carmen
 Miranda". Sinto-me muito feliz de estar
 em tão maravilhoso país. Love, Liza
 Minelli.

Sr. Tonson Laviola, Senado Federal,
 Brasília, DF. Obrigado pela honra de me
 considerar membro. Por favor mantenha
 contato. Alice Cooper.

Quando foi contratada pelo empresá-
 rio Lee Shubert para trabalhar em Nova
 York, na revista musical Ruas de Paris,
 Crmen Miranda estava no décimo ano
 de sua carreira, iniciada em 1930 com
 Iaiá, Ioiô, logo depois de seus maiores
 sucessos: Taí, de Joubert de Carvalho, e
 Camisa Listrada, de Assis Valente.

Carmem fez cinco filmes no Brasil -
 Alô, Alô, Brasil, Estudantes, Alô, Alô,
 Carnaval, Banana da Terra e Laranja da
 China - e trabalhou no Cassino da Urca,
 onde foi descoberta por Lee Shubert.

Em 15 anos de Estados Unidos, de 1939
 a 54, apareceu em 14 filmes musicais, ao
 lado de grandes astros de Hollywood:
 Cesar Romero, Don Ameche, Elizabeth
 Taylor, Jerry Lewis e Dean Martin. Os fil-
 mes: Serenata Tropical, Uma Noite no
 Rio, Minha Secretária Brasileira, Aconte-
 ceu em Havana, Entre Louro e Morena,
 Quatro Moças num Jipe, Serenata Boê-
 mia, Alegria, Rapazes, Sonhos de Estrela,
 Se eu Fosse Feliz, Copacabana, O Prín-
 cipe Encantado, Romance Carioca e
 Morrendo de Medo.

Foi a mulher que ganhou mais dinhei-
 ro nos Estados Unidos em 1944 e, em
 1940, já era a terceira personalidade mais
 popular daquele país. Morreu no dia 5
 de agosto de 1955, de colapso cardíaco,
 em Hollywood. Tinha 46 anos.

O FÃ CHORA, 20 ANOS DEPOIS:

"O esquife foi descido do avião e con-
 duzido por antigos elementos da velha
 guarda para uma carreta do Corpo de
 Bombeiros, ornamentada de flores.
 Sobre a urna funerária de Carmen flu-
 tuava o pavilhão nacional. O cortejo
 deslocou-se lentamente, precedido por
 batedores da Polícia Especial e de cente-
 nas de automóveis, dirigindo-se por
 entre alas compactas de povo para a Pra-
 ça Mauá, onde o espetáculo assumiu
 proporções gigantescas. No momento
 em que o cortejo fúnebre aproximou-se
 da praça, aquela enorme massa humana
 que até então permanecera em silêncio,
 chorando, começou a cantar Taí, ao som
 da orquestra da Polícia Militar



"Feliz e bela como um ídolo em tecni-
 color, como poderia ter escrito alguém.
 Tinha a expressão tranquila de quem
 cumpriu seu dever. Estava com vestido
 vermelho escarlate, não parecia morta;
 tinha-se a impressão de que um leve
 sorriso florescia no seus lábios.

"No dia seguinte foi o enterro. espetá-
 culo que jamais será esquecido pela sua
 grandiosidade. Nenhum outro enterro
 poderia ter superado o de Carmen
 Miranda. O que aconteceu foi algo de
 inacreditável. Nunca o Rio de Janeiro
 reuniu tanta gente triste em suas ruas.
 Gente chorando e cantando e, à passa-
 gem do esquife, em toda parte, chuva de
 pétalas de rosas, lenços brancos no ar e a
 condecoração do sol sobre o esquife de
 Carmen. Ao passar pelo Flamengo, o
 carrilhão da Mesbla tocou em ritmo
 dobrado a música que a consagrou em
 todo o Brasil: Taí, eu fiz tudo pra você
 gostar de mim...

"Só quando o esquife chegou ao
 Cemitério São João Batista, a tremenda
 realidade surgiu diante de todos. Car-
 men tinha morrido. Muitas pessoas tive-
 ram que subir em árvores e também em
 vários túmulos para melhor observarem
 o atáude ainda envolvido na bandeira
 nacional. Carmen Miranda foi sepultada
 no túmulo 1724 E.I.

"Depois do sepultamento, o povo
 regressou às suas casas, ligou suas eletro-
 las para ouvir de novo Carmen. E duran-
 te esses dias houve uma verdadeira
 corrida às lojas de discos. Toda gente
 passou a ouvir Carmen Miranda, em seus
 velhos e deliciosos sambas, no anseio de
 escutar a voz que, por certo, já nos céus,
 entoava cânticos angelicais. Francisco
 Eduardo Lemos, membro do Fã Club
 Carmen Miranda.

Em homenagem ao 20º aniversário da
 morte de Carmen Miranda, haverá missa
 cantada (gravação da cantora), em Brasi-
 lia; na Broadway, estréia o musical
 Miranda, Miranda, produzido por Stan
 Hurwitz. Endereço do Fã Club: SQ 302 -
 B1, ap. 502. Brasília - DF.



Preto é Gente: o Presidente De Moçambique, 500 Anos Depois.

Samora Machel nasceu em 1933, na
 província de Gaza, ao sul de Moçam-
 bique. Filho de camponeses pobres,
 emigrou com seus pais para Louren-
 ço Marques, onde se formou enfer-
 meiro, sob a orientação de médicos
 portugueses. Em 1961 conheceu
 Eduardo Mondlane, o intelectual
 africano educado nos Estados Unidos
 e fundador do movimento naciona-
 lista do qual nasceria a Frelimo. Sob
 a influência de Mondlane, de quem
 se tornaria o braço direito, Machel
 abandonou sua profissão e dedicou-
 se integralmente à tarefa revolucio-
 nária. Em 1963, parte para a Argélia a
 fim de receber instrução militar
 como guerrilheiro. Com a morte de
 Mondlane, atingido por uma bomba
 enviada pelo correio, Machel assu-
 me seu lugar como chefe supremo da
 Frelimo, com base na Tanzânia. A
 partir de então, dispondo de instru-
 ção e equipamentos fornecidos pelos
 países comunistas, comandou a luta
 guerrilheira de 10 anos, que enfra-
 queceu as forças portuguesas em
 Moçambique e criou as condições
 para o golpe de Lisboa, do ano passa-
 do.

Homem austero, que granjeou a
 figura de herói nacional, Machel não
 fuma nem bebe e certo dia determi-
 nou que as mulheres de seus camara-
 das baixassem as bainhas de suas
 saias. Agora está promovendo uma
 campanha para acabar com a prosti-
 tuição em Lourenço Marques.

O Estado de S. Paulo, 25 de junho
 de 1975, dia em que Samora Machel
 tomou posse como primeiro minis-
 tro de Moçambique.

FEMINISTA DIZ QUE NAO QUER HOMEM NA SUA TRINCHEIRA

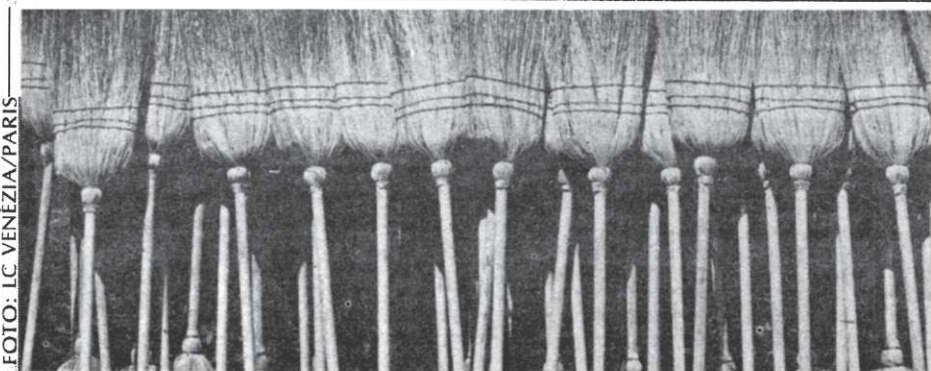


FOTO: LC VENEZIA/PARIS

Ilustração para texto sobre machismo, numa revista da Unesco.

Homem Com Homem,
Mulher Com Mulher:
Faca Sem Ponta,
Galinha Sem Pé!

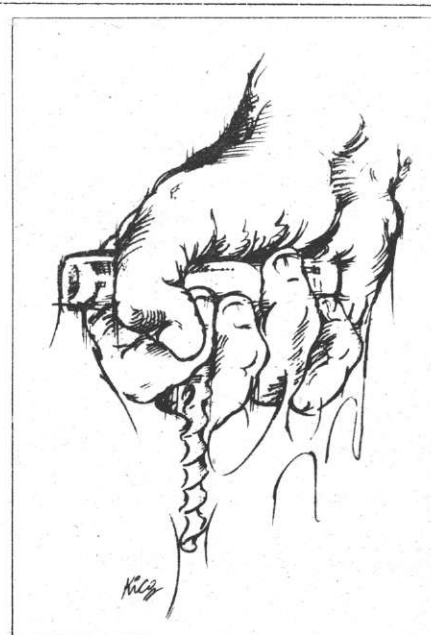
Dito popular.

O problema da libertação da mulher não é explorar uma contradição, mas acabar com estruturas mais profundamente arraigadas. Exige um ataque à natureza do próprio estado. A tirania do estado patriarcal é o modelo atenuado da tirania do estado fascista, pois longe de ser um fenômeno aberrante (cuja maior possibilidade se limitou à Europa entre as duas guerras mundiais), o fascismo é a condição normal do estado moderno, a condição para a qual tendem todos os países industrialmente avançados. O fascismo é o desenvolvimento lógico dos valores do estado patriarcal, aplicados às condições – e contradições – das sociedades de massa do fim do século 20. Dessa forma, como Virginia Wolf assinalou em fins da década de 30, a luta pela libertação da mulher é uma luta contra o fascismo.

Politicamente falando, as mulheres não encontrarão uma voz militante enquanto não

se organizarem em grupos dirigidos por elas mesmas. Um dos objetivos da ação política é educar as pessoas que a organizam. Neste estágio de subdesenvolvimento político da mulher, trabalhar com homens – ainda que simpatizantes – freia o processo mediante o qual as mulheres aprendem a funcionar, como adultos autônomos e politicamente maduros. As mulheres precisam aprender, antes de tudo, a falar entre si. Como os negros e outros povos colonizados, têm problemas de organização e sentem dificuldades para respeitar-se umas às outras e para se levar a sério. Estão acostumadas com a direção ou, pelo menos, com o apoio e a aprovação dos homens. É, portanto, da maior importância que aprendam a organizar-se politicamente por sua conta e mobilizem as outras mulheres. Os erros, pelo menos, pertencerão a elas, e poderão aprender com isto.

A única oportunidade que a mulher tem de realizar a profunda mudança de consciência necessária para a sua libertação é organizar-se separadamente. A consciência muda somente através da confrontação, em situações nas quais a conciliação é impossível. Há certas atividades que somente grupos exclusivos de mulheres podem – ou desejam – realizar. Só grupos inteiramente formados por elas diversificarão convenientemente suas táticas e serão

Gavetinha
Literária:
"Experiência
Número Zero".

Ai, senti uma dor forte aqui do lado. Aconchegada num lugar morno, virei um pouco a cabeça, torci o corpo e tentei uma posição melhor. Assim. Agora sinto que me empurram quase com raiva, meu corpo rodopia, estou até tonta. Ficou tudo mais escuro, escuro e apertado, tento resistir, dar socos, tento sair mas já estava presa àquelas paredes moles, que rugem como caldeiras. Empurrada por alguma coisa, entrei num corredor estreito, viscoso, será sangue o que escorre das paredes? Elas foram se aproximando até apertar tanto meu corpo que pensei que fosse me quebrar inteira. Quis me segurar, foi impossível, senti vontade de gritar, não podia. Estariam testando até quando eu suportaria a dor? Não, eu não aguento mais, quero sair, por favor! Então um ferro prendeu minha cabeça e me puxou por aquele corredor, pareciam mesmo tenazes, meus ossos ficariam para sempre marcados. Mais um puxão com força e minha cabeça sai fora do corredor, um braço, o outro, o tronco, as pernas, tudo macetado, dolorido, moído. Consigo abrir os olhos e uma tesoura enorme aparece em direção à minha barriga. Tudo roda, alguém me segurou de cabeça para baixo, levei um tapa nas costas, não aguento mais. Até o ar dói no meu peito, grito de puro pavor. Acho que morri. "Nasceu, é uma linda menina. Avisem o pai aí fora."

Beatriz Horta

suficientemente "extremistas". As mulheres deveriam promover manifestações, marchas, protestos. Deveriam ter aulas de karatê, assobiar para os homens na rua, invadir salões de beleza, adotar um grande número de lesbianismo militante, dirigir suas próprias clínicas de psiquiatria e aborto livre, adotar o sobrenome materno, arrancar os cartazes publicitários insultuosos para a mulher, processar por difamação as "revistas femininas" de grande tiragem, organizar concursos de beleza para homens. Os atos "extremistas" são válidos em si porque contribuem para aumentar a consciência das mulheres. Sem deixar-se dominar pelo medo de confirmar os clichês sexistas, os grupos militantes devem comprometer-se a adotar condutas que violam os padrões de feminilidade. Um meio muito comum de reforçar a passividade das mulheres é dizer que serão mais eficientes, e influentes politicamente, se agirem com "dignidade", se não infringirem o "decoro", se forem "charmosas".

As mulheres deveriam manifestar seu desprezo por esta forma de intimidação, disfarçada em conselho amistoso. As mulheres serão muito mais eficazes se forem rudes, escandalosas e – segundo os padrões sexistas – não atraentes. Enfrentarão o ridículo, e não basta que o suportem estoicamente. Na verdade, deveriam ficar satisfeitas com isto. Quando classificam suas ações como "ridículas" e suas reivindicações são rejeitadas como "exageradas" e "absurdas", as mulheres militantes podem ter certeza de que estão no bom caminho.

Susan Sontag – jornalista e feminista norte-americana.



Figura popular até agora inédita em nossa literatura, o **Leão de Chácara** estréia, com toda sua força tragicômica, pela mão de nossa maior revelação literária dos últimos anos.

Tiago de Mello

Poesia
Comprometida
Com a Minha
e a Tua Vida

O primeiro romance do contista de **Notas de Manfredo Rangel, Repórter** é obra de desgarrada fantasia e de crítica da própria invenção artística. É preciso conhecê-lo.

SERGIO SANT'ANNA
Confissões de Ralto
(uma autobiografia imaginária)

"Os poetas, mais do que os estadistas, têm a capacidade de perceber o amanhã." Thiago de Mello dispensa apresentações. E esta é o seu mais recente trabalho poético.

Além destes lançamentos,
a 2.a edição do consagrado

MALAGUETA ; PERUS E BACANAÇO

de João Antônio

"Um clássico velhaco!" – no dizer de Marques Rebelo

LANÇAMENTOS DA
CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA



JÁ PRENDERAM LUDOVINA NO CHIQUEIRO. AGORA, O ASILO.



E Ludovina, o Que Prefere? Chiqueiro Ou Asilo?

No lugarejo de Guaravera escondido no Norte do Paraná, Dercílio Alves Paes - dono de 3 fazendas de 1 milhão de cruzeiros cada uma - tem também armazém de secos e molhados, 2 carros na porta e, nos fundos da casa, a irmã presa num chiqueiro de 2 metros quadrados.

Ludovina, 50 anos, já levou eletrochoque muitas vezes, em vários hospitais paranaenses, mas não adiantou. Há 2 anos, então, o irmão mandou erguer o barraco ao lado do chiqueiro e prendeu Ludovina. Ela tem 3 sobrinhos, os 3 universitários, os 3 filhos de Dercílio.

De vez em quando, e isso começou por volta dos 7 anos de idade, Ludovina olhava as pessoas com um olhar rancoroso e deixava escapar um gemido. Deitava numa rede na varanda da fazenda e morria de rir quando um abacate maduro se esborrachava no chão, assustando as galinhas. Uma gargalhada cortante. Dizem que até assustava. Trouxe um dia, do mato,



uma pomba-rola cinza, para a mãe botar no arroz (e logo Ludovina, que não gostava de pomba no arroz), a mãe assustou-se: a filha trazia a cabeça da pomba numa mão, o corpo na outra, as duas mãos lavadas em sangue.

Assim a vida toda, desligada, deprimida ou revoltada, "incomodando todo mundo desde criança", diz o irmão Dercílio, que já foi delegado suplente num município ali perto, Marilândia do Sul. Dois meses atrás, quase terminou a pena de Ludovina: um morador da região denunciou o caso à polícia de Londrina, município ao qual Guaravera pertence. E 2 policiais, João Pedro e Expedito, vieram soltar Ludovina para levá-la mais uma vez ao hospital Shangrilá, na cidade. Expedito ficou com nojo: a mulher estava em cima numa cama imunda, restos de comida em latas de cera pelo chão, pontas de cigarro de palha, um buraco que serve de latrina. Mas tiveram de pegar Ludovina à força, não queria sair, gritava:

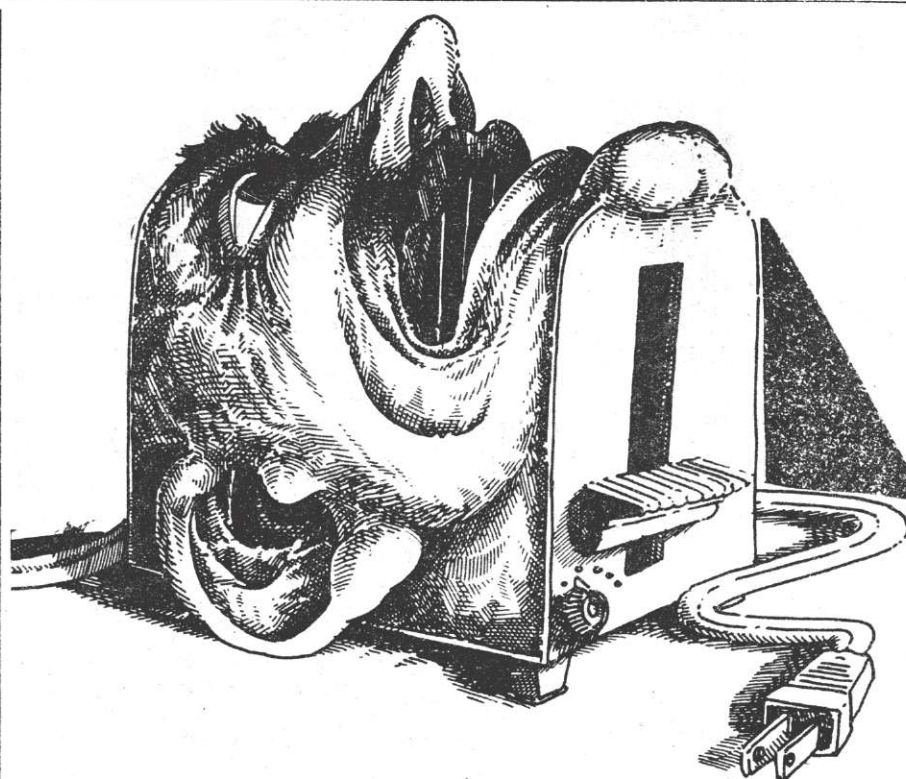
- Eles querem me matar! Querem me matar!

Dercílio não estava em casa na hora, mas depois foi prestar depoimento na Delegacia de Londrina. A mesma explicação: Ludovina, solta, perturba o sossego de todo mundo; mas a mais, o quarto é pintado de cor de rosa por fora, branco por dentro, tem luz elétrica, nunca lhe faltam cigarros de palha como gosta. O delegado não deu flagrante em Dercílio por manter a irmã em cárcere privado (crime previsto no Código Penal), porque "compareceu por livre e espontânea vontade na Delegacia".

Dercílio depôs, saiu da Delegacia direto para o hospital Shangrilá, tirou Ludovina e levou-a de volta ao seu lugar - mas ela espera autorização para ser internada em Marilândia, no Lar São Vicente de Paula. No dia seguinte, Dercílio foi reclamar na redação da Folha de Londrina, que noticiou "o caso da louca presa num chiqueiro" sua irmã Ludovina:

- Isso eu não admito! vocês chamaram um ser humano de meio porco e meio gente, não admito!

Jurandir Camargo.



E Alguém Consegue Escolher Alguma Coisa Depois Dum Choque Na Cabeça?

Quero explicar muito bem o que penso do eletrochoque. Esta corrente elétrica, aplicada nas têmporas, produz uma convulsão parecida com a que sofre o epilético, e provoca no cérebro numerosas micro-hemorragias. Os efeitos parecem ser positivos nas pessoas deprimidas, ainda que provoquem grandes distúrbios na memória, e uma sensível diminuição da capacidade de pensar. Não se conhece a razão pela qual o eletrochoque produz melhoras momentâneas nos deprimidos. Acho que o eletrochoque é sempre perigoso, antes de tudo por causa de micro-hemorragia, que destrói substância cerebral e diminui o patrimônio neurônico do cérebro. Em segundo lugar, ele consolida no paciente o conceito de doença mental, mesmo quando ele se sente aparentemente melhor. Em terceiro lugar porque a melhora (aparente) é causada, talvez, pela perda de memória, que não é tão passageira como sustentam os seus defensores. A melhora passageira tem um preço: um terrível engano. De fato, os problemas reais foram esquecidos; mas podem voltar em condições ainda piores.

Vamos ser francos: o eletrochoque diminui bastante a substância orgânica do cérebro. Quem iria pensar em arrancar a boca de um sujeito para curar sua dor de dente? Após 100 anos de pesquisa, ninguém provou nada de muito certo neste campo. Vamos fazer outro paralelo. Tomemos um cérebro eletrônico que não consegue dar respostas adequadas, devido à sua constituição. Após esforços inúteis... aplica-se nele uma corrente elétrica de alta voltagem, na esperança de que a situação se modifique: mas o excesso de corrente simplesmente queimará alguma válvula.

Aplicar o eletrochoque tem o mesmo sentido. O problema precisa ser enfrentado pelas autoridades. O próprio inventor do eletrochoque, professor Cerletti, nos últimos anos de sua vida, se deu conta dos perigos desta técnica. Num congresso de psiquiatria em Nápoles, o professor Cerletti pediu que o eletrochoque não fosse contado entre os recursos terapêuticos, devido aos abusos praticados.

Já falei dos males causados, das hemorragias, da perda de memória. E não são distúrbios leves, como falam os defensores do eletrochoque. Sei do caso de um

estudante de alemão que esqueceu todas as palavras que vinha aprendendo, após uma série de eletrochoques. Ele provoca, às vezes, amnésias definitivas.

Vamos falar mais francamente ainda: há terapeutas que, para "curar" seus doentes, não vacilam em levá-los a viver uma vida quase de vegetal. Se esta mutilação artificial tivesse qualquer explicação convincente (como se aceita uma operação mutilante, no caso de um tumor), muito bem. Este não é o caso do eletrochoque. As pessoas não precisam de choques, mas de ajuda para romper uma situação isolante, modificar uma situação existencial. Para honrar a memória do professor Cerletti, para cumprir seu desejo, tenho uma proposta: que o eletrochoque seja limitado aos porcos, como se fazia no tempo em que se começou a estudar seu efeito sobre os seres humanos.

O psiquiatra Edelweiss Cotti, autor do texto acima, nasceu em Bolonha, em 1923. O texto faz parte da obra *Contra a Psiquiatria*, publicada na Itália. A técnica do eletrochoque, que ele condena, é empregada por muitos psiquiatras brasileiros - mesmo em clínicas sofisticadas, que pretendem uma abordagem "nova" da doença mental. Geralmente o paciente não sabe que está levando o eletrochoque (é anestesiado, antes). Teoricamente, a família deve dar um consentimento por escrito, para que o eletrochoque (ou ECT, como chamam os médicos) seja aplicado. Mas só teoricamente.

O JORNAL DEMITIU NARCISO, NARCISO FEZ OUTRO JORNAL.

ViVer LONDRINA

HORÓSCOPO
IDI AMIN. UM LOUCO?
KOJAK O DONO DO FUBA
CHURRASCO DO DINHO
FARMACIAS DE PLANTAO

LONDRINA 6 A 12 DE JULHO DE 1975 NÚMERO 0 DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Abaixo o sexismo!
comanda as mulheres

Atenção todos: aqui está o veludo, a vedete deste inverno

Estouro de 12 bi em Londrina

Mortos e feridos na batalha do gripe

Com esta larga você não vive

Mais Uma Opção Para Londrina: o Viver.

- O jornal tem grandes idéias, mas primeiro vai ganhar dinheiro. É Narciso Kalili (editor fundador do EX) falando de seu novo jornal (acima, o nº 0). "Viver/Londrina" é um semanário dominical distribuído gratuitamente em 10 mil casas (45 mil leitores), desde 27 de julho, naquela cidade do Paraná (que já tem 2 jornais diários).

- Nossa proposta editorial é mostrar tudo o que Londrina tem. O jornal é de prestação de serviços e leitura. A proposta editorial está ligada à comercial. A publicidade que pretendemos é também prestação de serviço: desejamos que os leitores tenham o maior número de opções antes de qualquer compra.

O editor de Viver é Narciso Kalili; Ruy Barboza (ex-editor na revista Realidade) é o diretor-responsável.

A Nota Do Boletim Da ABI Conta a História Da Demissão

Uma das maiores equipes de jornalistas formada nos últimos 10 anos (mais de 50 entre cariocas, paulistas e paranaenses) instala-se num prédio novinho. O empreendimento, iniciado cerca de um ano antes, já representa um investimento da ordem dos 5 milhões de cruzeiros, aplicados pelo ex-governador do Estado do Paraná, Paulo Pimentel. A cidade é Londrina, capital do Norte do Paraná, cidade de quase 300 mil habitantes. O prédio de 2 pavimentos, um quarteirão de comprimento, tem vitral de bom gosto na frente e acomoda: impressora das mais modernas do mundo (Goss Community off-set); computador para controlar a meia dúzia de máquinas eletrônicas de composição de texto; laboratório fotográfica, escritórios, telex, arquivo e toda a infraestrutura capaz de botar nas ruas qualquer dos maiores jornais do país. O jornal - 15 mil exemplares, inicialmente, para todo o Norte do Paraná - sai dia 9 de março, e no vigésimo-primeiro número, dia 28 de março, 40 jornalistas da equipe estão no olho da rua, em solidariedade a um deles, demitido porque chamou o ex-governador e diretor-proprietário de mentiroso.

A história, chamada A Breve Aventura de Panorama, um jornal sem canhões, está contada no último Boletim ABI (maio/junho), órgão da Associação Brasileira de Imprensa, dirigida pelo jornalista Elmano Cruz. E, para contar a história, o ABI cita trechos de uma "carta aberta de demissão" que aqueles jornalistas dirigiram à Editora Tibagi, proprietária de Panorama.

A carta conta os fatos a partir de fins do ano passado, quando Narciso Kalili (ex-editor de Notícias Populares, repórter de Realidade, chefe de reportagem de Última Hora, editor de O Bondinho, chefe de reportagem da TV Cultura - SP) foi convidado pela Editora Tibagi para criar um novo jornal no Paraná: Panorama.

LIVRO DE CABECEIRA DO HOMEM

NOVA FASE VOLUME 18 PUBLICAÇÃO BIMESTRAL DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA



O Livro de Cabeceira do Homem voltou às livrarias, sob a direção do escritor e jornalista João Antônio. Nessa nova fase, a publicação da Editora Civilização Brasileira "abriu o compasso", como diz João, para cobrir muitos temas: polícia, futebol, sexo, violência, saúde, cidade, comportamento, consumo.

A equipe foi montada ao longo de 3 meses e, em fevereiro passado, entrou no prédio ainda em construção, entre martelos e serrões. Devido a outras dificuldades (muitos equipamentos só foram montados 15 dias antes do lançamento, o setor de produção da equipe não foi completado, as sucursais não foram instaladas a tempo), o jornal começou saindo atrasado: rodou cerca de 10 da manhã nos primeiros dias.

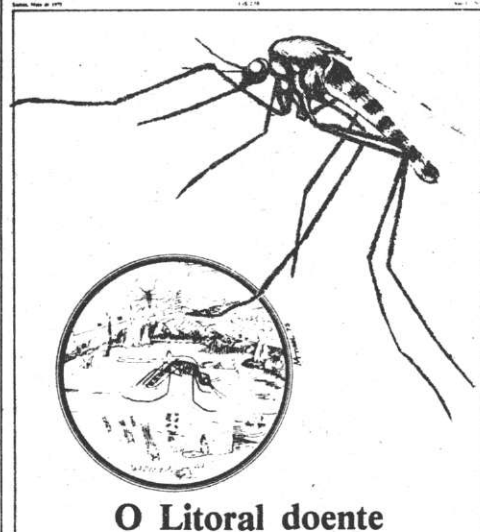
O atraso foi motivo de críticas do diretor-proprietário da empresa logo no quinto dia de Panorama. Mas o verdadeiro motivo de seu descontentamento era outro. Após elogiar os trabalhos na frente do editor-chefe Narciso Kalili, Paulo Pimentel confidenciou ao diretor de redação, e até então seu homem de confiança Délio Cezar, que não estava gostando era da linha do jornal: "pesada demais". (As instruções verbais da direção da empresa eram: que se fizesse um jornal de oposição; e os princípios do jornalismo a ser exercido em Panorama estavam expostos no editorial de primeira página do nº 1, assinado por Paulo Pimentel: 1) honestidade ao tratar a informação; 2) definida a faixa de público a que se destinava o jornal, a fórmula do Panorama não se alteraria ao sabor de conveniências do departamento comercial; 3) Panorama teria a postura de grande jornal - ou, conforme diziam os dirigentes da Empresa Tibagi, seria o 3º ou 4º jornal do país).

A crise editorial, iniciada tão cedo, durou pouco. No dia 27 de março, quinta-feira santa, após 20 dias trabalhando até 18 horas por dia, a equipe encerrou os trabalhos do Panorama nº 20. E, ao retirar-se da redação, Narciso Kalili soube de Délio Cezar que estava demitido. Na sexta-feira santa, um grupo de 15 membros da equipe procurou os dirigentes da empresa, o diretor-presidente Paulo Pimentel e o diretor-superintendente Nassib Jabur, para saber o que havia. De saída, Pimentel foi claro: "Vocês estão exagerando. Nós não temos os canhões de O Estado de S. Paulo. Como é que vocês publicam uma reportagem sobre a Cia, põem palavras como 'torturas' em títulos, publicam uma entrevista com Darci Ribeiro, um homem cassado?". Mas novamente o trabalho da equipe foi elogiado: "Se eu fosse jornalista, gostaria de trabalhar num jornal como Panorama", disse ele.

Ao mesmo tempo, enquanto a equipe recebia a garantia de que tudo seria resolvido, outra equipe já estava formada na redação, com jornalistas de outros órgãos informativos do grupo Pimentel (imprensa e TV). E após 2 dias de expectativa, o desfecho: na segunda-feira, a equipe vai à redação e sabe, do próprio Paulo Pimentel, que realmente estavam demitidos não só Narciso Kalili, como também o editor de reportagem Hamilton Almeida Filho. "Então o senhor nos mentiu", disse Narciso, ao retirar-se. Uma carta de demissão foi escrita e assinada por 24 membros da equipe. Dias depois, mais 12 jornalistas pediam demissão.

O texto publicado pelo Boletim ABI diz, ao final: "A carta de demissão historiava toda a crise do jornal e concluía com uma lição ao ex-governador: Só mais isto, Sr. Paulo Pimentel: o jornal O Estado de S. Paulo não tem canhões. Tem apenas coragem e dignidade para fazer a imprensa que faz, com o sucesso editorial e comercial que tem".

COMPLEMENTO



O Litoral doente

Além de uma visão geral sobre a encefalite, dia em que dois repórteres foram expulsos do município, neste número o distanciamento entre autoridades e cidadãos, um filósofo que para pagar uma dívida, achou melhor latir um americano que só agora o Brasil des... vender os filhos, cinema e sua fauna: mais sobre, "Seu Chico e suas modas de viola", o Hentil com seus Pratinhos.

jornal da cidade

Impressão em offset - Cópia R\$ 5,00
Recibo: 18 a 24 de maio de 1975 - R. 30 - C-4.200

Artigos: Moura Cavalcanti, Hermilo Borba Filho, Paulo Fernando Craveiro, Andrade Lima Filho, Mário Souto Maior e Roger Bastide
Entrevistas: cineasta Alberto Cavalcanti, professor Rafael Menezes e Detetive Dunga

Serviço:
Como e onde se vacinar

Exclusivo:
As fotos do pavilhão de isolamento

É O FIM DA MENINGITE?



AGOSTO, 13% DE DESCONTO



AGÊNCIA LOOK

Av. São Luiz, 258, loja 27 - 256-0435 - São Paulo

Durante todo o mês de agosto, a Agência Look está oferecendo 13% de desconto (em qualquer tipo de compra!) a quem aparecer por lá levando exemplar do Ex-13.

A Look, além da venda direta, na sua livraria, cuida também das assinaturas de tudo o que se edita no exterior, dentro dos seguintes temas: Arte, Decoração, Arquitetura, Cinema, Teatro, Publicidade, Fotografia, Design, Moda, Quadri-nhos, Automobilismo, Aviação, Esporte e Interesse Geral.

REVISTAS E LIVROS DO MUNDO INTEIRO.

PREFEITO DA ARENA CANDIDATO A POETA DE ITAOCARA - RJ

- B I O P I -

BOLETIM



OFICIAL

INFORMATIVO

PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAOCARA
RJ.

Órgão Oficial - Deliberação nº 466 de 17 de agosto de 1973.

ITAOCARA - "CIDADE PROGRESSO."

ANO III

ITAOCARA, 15 DE JUNHO DE 1975

Nº 54

PODER EXECUTIVO

GOVERNO DO MUNICÍPIO

DECRETO Nº 335, DE 2 DE JUNHO DE 1975

O PREFEITO MUNICIPAL DE ITAOCARA, eleito pelo povo e invocando a proteção de Deus, no uso de suas atribuições e com fundamento no Art. 288 do Código Tributário Municipal,

DECRETA:

Art. 1º - Fica prorrogado até 10 de junho, o prazo do pagamento sem multa dos impostos territorial urbano e predial, relativos ao corrente exercício.

Art. 2º - Este decreto entra em vigor nesta data, revogadas as disposições em contrário.

Prefeitura Municipal de Itaocara, em 2 de junho de 1975.

CARLOS MOACYR DE FARIA SOUTO
PREFEITO

O Prefeito Decreta No Uso De Suas Atribuições: Somos Pó, Pétala De Rosa.

Itaocara foi fundada em 1809. É servida pelo trem da Leopoldina e fica nas margens do rio Paraíba do Sul, a 178 quilômetros do Rio de Janeiro. No censo demográfico de 1950 tinha 24.069 habitantes. No de 70, 22.624. O prefeito, Carlos Moacyr de Faria Souto, é conhecido pela linguagem poética de seus despachos.

Biopi - Boletim Oficial Informativo da Prefeitura Municipal de Itaocara, RJ. Órgão Oficial - Deliberação nº 466 de 17 de agosto de 1973. Itaocara - "Cidade Progresso". Ano III, Itaocara, 15 de junho de 1975, nº 54.

Despachos do Prefeito:

571 - Beatriz D. S. - Pede certidão de sepultamento. Certifique-se. É tranquilo. Quem foi sepultado, garanto que de lá não saiu. Sairá algum dia, não por enquanto. Até araruta tem seu dia de mingau, mas não é pra já. É verdade que depois de alguns anos, se procurarmos, nada ou quase nada encontraremos. Tudo virou terra. Só terra, não. Às vezes pode virar capim, flor ou trepadeira. Depende do que estiver plantado sobre o túmulo. Por isso mesmo mandei que cortassem um pé de mamão que vi, ao passar em frente ao cemitério, nascendo no meio de uma cova rasa. Nascendo, não. Já carregado de mamões maduros. Não quis nem saber quem virou mamão. Admito que se vire flor, trepadeira, arbusto, mas mamão, não.

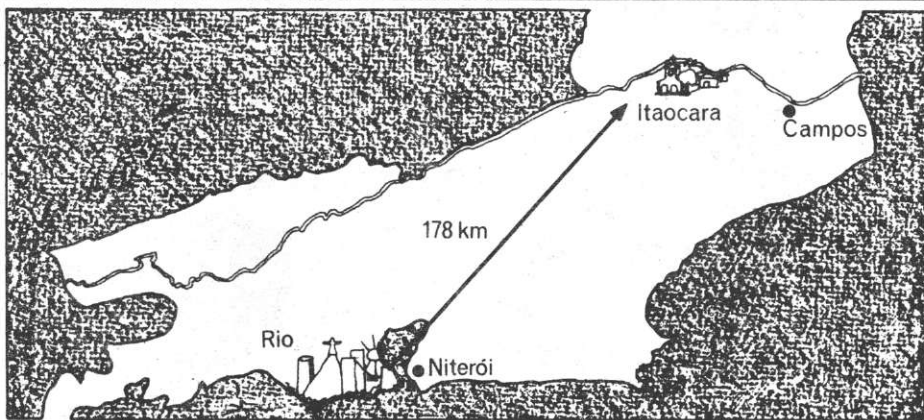
1717 - Edilson M. R. - Pede pagamento de enciclopédia adquirida para Biblioteca. Sim. Ensino. Instrução. Cultura. Aos poucos nossa mocidade vai aprendendo, e, aprendendo aprende, também a pensar com seus próprios pensamentos e a tomar decisões exatas. Li certa vez que a antiga filosofia chinesa afirmava: "A única coisa que o homem tem a fazer é: pensar. Com seus pensamentos, não com os dos outros." - Takeo Inomura.

Pena que tão bela filosofia, hoje, já não se pratique naquele grande país. Hoje Mao pensa por 800 milhões. Se me perguntarem se está certo, responderei com uma única palavra: pense.

Relatório da Ass. Social - Li. Fiquei ciente e triste. Lamentei o caso da doente Maria, solteira, internada por haver ingerido veneno, tentando o suicídio. "Que a morte, Senhor seja doce/ Para quem conheceu a cinza/ Do amor, o fundo da esperança,/ E, o vazio de todas as coisas." - A.F.S.

Faltou, na hora, à Maria, a grande decisão de gritar, de chamar, de esperar. Ela acreditou no amor e na palavra. Pobre Maria. Hoje as leis são tão elásticas que até mesmo os compromissos assumidos perante Deus pretendem revogar. É como se não valesse nada a própria palavra dos nubentes. Maria devia ter agido como mandava a Lei das Ordenações do Reino de Portugal Brasil e Algarves: "Mulher, que for corrompida de sua virgindade em lugar ermo, de dia, ou de noite, e de bradar logo, dizendo: João me fez isto, mostrando sinais do corrompimento; e sendo o dito João visto por algumas pessoas, e mostrado por ella, fica o malefício provado." Liv - 5 - tit. 135 - ol - at

361 - J. Amaral pede aquisição para sepultura perpétua. Sim. Ter certeza de que não haverá mudança e que faremos



parte do íntimo da terra, sem que a enxada venha perturbar ou quebrar nossos pobres ossos em vias de esfarinharem-se, já é uma grande coisa. Por isso adquirir, também, a que será minha última residência e já dispus comô deve ser a doce hora. Minha morte deverá ocorrer de madrugada, janelas e portas abertas e minha adorada esposa ao meu lado. Quero ver as estrelas ao longe, sentir neste último instante a brisa fresca da noite e olhar ainda para o jardim. Depois minha alma deixará meu corpo inerte e, serenamente olhará ao redor: Tudo é sombrio.

Senhor Secretário Geral. Eu creio em Deus. É bom agente crer Nele. É sempre Alguém superior à gente, a quem nos socorremos, principalmente nas horas difíceis. E Ele nos atura e nos conforta. Senhor Secretário Geral, a ordem que vou dar não é para bajular ninguém. É que acredito n'Ele, e amo o Brasil. Duas coisas perfeitamente naturais. E por uma e outra coisa Vosmicê marque com o nosso querido Monsenhor u'a missa na qual compareceremos e pediremos a Deus pela saúde e êxito da operação a que se submeterá o General Golbery do Couto e Silva. O Gal. não precisa saber. Não o conheço, nem vou conhecê-lo, mas conheço o Brasil e sei que este país precisa do General. Pode ser até u'a missa meio secreta, assim como os telefones do Palácio de Ondina, mas que, pelo menos, nós, por aqui, saibamos. Já disse e quero repetir que meu único interesse é "pedir ao Senhor para escutar nossa prece". No mais sou apenas um pequeno grão de areia, que fico por aqui mesmo, rezo aqui mesmo, por aqui vou morrer, ser enterrado e virar poeira. Poeira limpa, sem poluição, ou como disse, pétala de rosa.

Bar do Forum - Pede pagamento de lanche dos guardas no dia do júri. Sim. A despesa foi pequena e tem o visto do nosso grande, digno e culto Juiz Dr. Davi de Oliveira Varella. Júri no interior julga com mais acerto do que o das grandes cidades. É que aqui o jurado, além de ouvir as peças do processo, conhece perfeitamente como o fato ocorreu. Não adianta a habilidade do advogado em trazer testemunhas amigas ou querer provar o bom-mocismo do réu. Os jurados, normalmente, conhecem-no desde o dia em que nasceu e decidem com tranquilo conhecimento de causa. Não se deixam levar pelos romances que surgem tornando o fato quase lendário. Veja-se só o que está acontecendo com o crime de Van e Lou. Desenrola-se um verdadeiro romance de novela envolvendo os personagens. Breve como afirmou o emérito jornalista Hervê Salgado, ambos serão contratados. O que falta para absolvê-los, e que os advogados ainda não atinaram, é o "happy end". Se Lou e Van se casarem agora, já, o crime seria esquecido tranquilamente, e nenhum júri condenaria o casal a uma separação permanente. Só falta, pois o casamento

O ser rua em Itaocara - No "O Fluminense", o suplemento de Carlos Couto - "O Encontro", é a leitura de apreciação

positiva em todo o "velho" Estado do Rio. E no "novo", com igual razão. Dele a transcrição da crônica "O ser rua em Itaocara", com todo o sabor do texto integral:

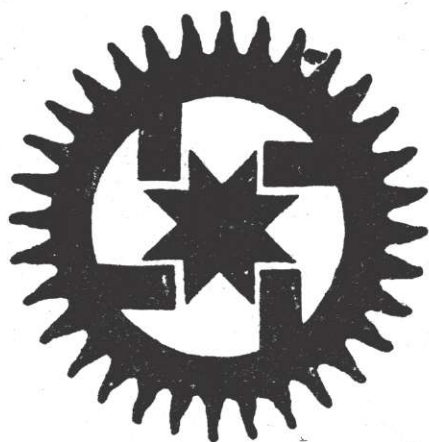
"Itaocara é um amor! Pode haver lugares tão encantadores, mais impossíveis. Se João Cronista mandasse, nomearia Itaocara Capital Brasileira da Seresta. A cidade, até nos dias de chuva parece prisioneira do luar e parece estar esperando sempre um cantor com um violão para sublinhá-la. Itaocara é um amor, reconheça-se, e muito por causa de Carlos Moacyr de Faria Souto. O atual prefeito de Itaocara é artista que está transformando a beira do Paraíba em gostosura. Não. Não vou descrever. Vão lá. Quero é discodar do Dr. Carlinhos, como muitos o chamam. Camarada de boas saídas (que muita publicidade lhe tem valido nos jornais do Brasil) outro dia fez uma lei proibindo o município de homenageá-lo, depois da morte, com nome de rua.

Vamos fazer de conta que o negócio não foi mero golpe publicitário e gritar aos quatro ventos: Está errado! Ser nome de rua é importantíssimo ideal de vida, desde que a honraria aconteça devido a parentes ou amigos influentes. E se nome de rua ganha quem luta por uma comunidade, João Cronista oficialmente se compromete a colocar a bela, a gostosa, a limpa Itaocara entre suas palavras obrigatoriamente diárias. E quando morrer, quem sabe, ganhará nome numa daquelas lindas ruas de Itaocara, daquelas ruas que vão dar no rio, que vão dar no mar, que vão dar no mundo...."

Visão transcreve despacho - Visão, a esplêndida revista de circulação que transpõe o fechadíssimo grupo a que especialmente se destina, pois esbanja comunicação em temas especializados, publicou na edição de 9 de junho um dos despachos do Prefeito. O escolhido, é dos melhores ultimamente proferidos, pela filosofia de vida que encerra e o tom literário de sua lavra.

Itaocara é Progresso.

SEICHO-NO-IE: SEITA JAPONESA DE ACEITAÇÃO GARANTIDA.



O símbolo da filosofia

Milagre! Milagre! Aprendeu a Rir Aos 30 e Tantos Anos De Idade!

A caminho de casa no fim do dia, tendo saltado do trem suburbano ou do ônibus, o **dendoin**, o vendedor de livros Fernando Shigueru Yoshimoto aproveita um descampado de cerca de 200 metros de extensão e, após olhar se não vem ninguém, massageia o abdômen e:

- **Wa-ha-ha-ha! Wa-ha-ha-ha-ha! Waaa-ha-ha-ha!**

Segundo Fernando, que chegou ao Brasil no colo dos pais e hoje, aos 43 anos, é brasileiro naturalizado, este riso precisa ser dado com alegria; não é um riso da boca pra fora, e isto ele consegue justamente com ajuda da pressão sobre o abdômen, para que- nesse período que ainda é de treinamento - o riso lhe saia e venha das entranhas. Nada mau para quem já tentou matar-se algumas vezes, sempre de cansaço de uma vida cheia de doenças incuráveis, alcoolismo, desarmonias no lar e fracassos financeiros que quase o levaram à internação no Juqueri, lugar de "louco brabo" - como ele diz que se sentia 7 anos atrás, quando graças a Deus conheceu esta maravilhosa filosofia de vida do Dr. Masaharu Taniguchi, que é a filosofia Seicho-No-Ie, um Movimento de Iluminação da Humanidade iniciado em 1º de março de 1930 no Japão, para ensinar ao homem que o pecado não existe ("Deus jamais criou um pecador; portanto, o que Deus não criou não existe"); já é do conhecimento de todos - diz um folheto da seita - graças ao moderno progresso da psicanálise, que a consciência de culpa recalcada no interior leva o homem à inconsciente autopunição, provocando doenças, fracassos, tragédias e guerras; e a mais radical consciência de culpa inculcada no subconsciente da humanidade é a consciência de pecado; o dr. Taniguchi, hoje um velhinho de 82 anos, criador da Seicho-No-Ie quando tinha 36, doutor em filosofia pelo Religious Science Institute dos Estados Unidos, ex-operário braçal numa fiação de seda em Osaka no tempo em que começava a primeira Guerra Mundial, autor do romance *Crítica a Deus* (1923) que tem Judas como herói, o dr. Taniguchi mete o bisturi ousado e destemidamente e realiza uma cirurgia radical:

- **O homem está isento do pecado! O pecado não existe!**

Aí está, diz o folheto, a explicação dos milagres que ocorrem com grande frequência na Seicho-No-Ie.

Fernando Shigueru Yoshimoto e sua patroa, dona Glória Hifumi Yoshimoto, têm 6 filhos, dos 2 aos 13 anos de idade (a mais velha, Emilia, está no 6º ano); moram na ponta da rua Dr. Ernesto Mallet, em Itaquera, bairro dos mais afastados de São Paulo, bairro de quem trabalha no duro mesmo. Pagam \$ 400 de



Como se aprende a rir? Na frente do espelho.

FOTO: DOMINGOS COP JR

prestação pela casa própria, não de BNH, mas uma casinha que alguém deve ter erguido tempos atrás às próprias custas, com saleta, banheiro pegado à cozinha e higienizado com creolina, 2 quartos.

- **Minha patroa falava em Deus, eu falava: se Deus existe, então traga aqui. Se gosta tanto, por que não casa logo com Ele? Hoje parece piada, mas naquele tempo foi fogo... era só Tatuzinho e mais o seo Conhaque Dreher me intoxicando por completo.**

Nesse tempo, uns 8 anos atrás, ele tinha deixado de ser sítante em Bastos, na Alta Paulista, e tinha comprado um bar na rua Vergueiro, em São Paulo. Tinha adquirido um vício pior, diz ele, mulheres: filiais! e dá uma gargalhada.

- **Posso falar português claro, né?**

Não achava graça em nada, se a mulher ria ele espancava, a mulher chamava a polícia, um dia se viu internado no Instituto Aché, levado à força pela mulher e por um amigo. Ficou um mês, tratado a sedativos, saiu prometendo nunca mais beber, mas que nada, um mês depois começava de novo, e foi então que apareceu o Acendedor e, através dele, a obra que acha fundamental em sua cura: Mente, Corpo e Destino, do professor Katsumi Tokuhisa, vice-presidente da Seicho-No-Ie (eles falam "sei-tchô-nô-îe").

- **Livro abençoado para mim. Vi lá: "sorria alegremente, olhando para um espelho. Sorria..." e eu desconfiado; no dia seguinte - eu nunca havia sorrido alegremente - falei: vou experimentar para ver o que acontece. Não conseguia rir! Fiz esse tratamento de riso mais uma semana. Falei pra patroa: estou praticando sorrir; diz que é bom, né? Aí comecei trabalhar alegremente, sorrido todo dia.**

Um mês, olha, eu senti que meu lar tinha modificado. O negócio começou a prosperar... O dr. Taniguchi diz: quando você ri, os cabelos também ri, pulmão sorri, todas as células riem, a unha também sorri... Comecei a sentir um pouquinho de fé, a minha fisionomia transformou, até adquiri um espelho maior! Wa-ha-ha-ha!

Por gostar de ter um trabalho em que possa ser útil às pessoas, em que possa transmitir aos outros o que aprendeu, é que Shigueru deixou de ter um bar e foi vender livros didáticos; assim ao mesmo tempo em que desenvolve esse trabalho maravilhoso de vender livros de porta em porta, ele apresenta aos clientes o Acendedor (assinatura anual \$36, um exemplar por mês), que traz relatos de experiência, ensinamentos do dr. Taniguchi, orações: Trecho do último nº (70):

"Pratiquemos o Shinsokan (oração para nos identificarmos com Deus, a Perfeição, o Jisso), e confirmemos que não haverá crise no nosso empreendimento, mesmo quando o mundo inteiro esteja passando por uma depressão econômica, porque a sabedoria de Deus conduz-nos sempre pelo caminho da prosperidade."

O número de janeiro do jornal Emkwan, o mesmo onde se anunciava a inauguração de mais uma das 85 igrejas da Seicho-No-Ie no Brasil (em São José dos Campos), trazia na última página o relato de experiência de Shigueru Yoshimoto. O título era: "Deus é o presidente da minha empresa".

Tudo tem caminhado junto: a prosperidade da empresa de Shigueru (ele compra os livros à vista e revende); e a prosperidade da Seicho-No-Ie. No começo, menos de um ano atrás, ele



fernando:ex-infeliz.

reunia meia dúzia de pessoas na saleta de casa, todo tomingo às 3 da tarde. Hoje, quase 100 pessoas frequentam os cultos dominicais, agora num puxado que ergueu no fundo do quintal; ali é o templo da Seicho-No-Ie em Itaquera, e dia 13 de julho passado 60 pessoas assinaram o livro de presença na porta (muitos não assinam, principalmente os que estão vindo pela primeira vez). Ao fundo, num canto, um retrato do general Emílio Médici; depois, mais ao centro, um do professor Katsumi Tokuhisa e outro do dr. Taniguchi ao lado da esposa. Na parede ao lado, uma folhinha da Seicho-No-Ie está aberta no dia 29: "O passado não existe. O futuro não veio ainda. Vive perfeitamente o agora."

A expressão mais ouvida entre os adeptos é "muito obrigado". Devemos agradecer a tudo, obrigado Deus, obrigado papai e mamãe, obrigado, obrigado, muito obrigado, porque está escrito na Sutra Sagrada (Kanrono-Hoou): "A reconciliação verdadeira será consolidada quando houver o recíproco agradecer." Gratidão tudo cura:

"... Agradece ao koku-on (graças e dons divinos da Pátria). Agradece a teu pai e a tua mãe. Agradece a teu pai e a tua mãe. Agradece a teu marido ou à tua mulher. Agradece a teus filhos... é norma da moral humana e faz parte da ordem natural do Reino de Deus. Quando esta ordem é vivida na terra, o lar prospera, a doença se cura e tudo que não está natural volta à normalidade."

O culto no templo simples de Itaquera termina, todos dão os braços numa roda e cantam um hino, depois fazem fila por 1 cada um massageia o ombro de quem está na frente, repetindo durante 1 minuto ou mais: brigado, obrigado, obrigado... e todos riem. Aí, fazem exercício para rir coletivamente: massageiam o abdômen e riem, uma gargalhada conforme o modelo que Fernando Shigueru escreveu a giz num quadro negro: "wa-ha-ha-ha". Claro, alguns começam a rir sem achar nenhuma graça, mas depois começa a ficar realmente engraçado: quase cem pessoas massageando o próprio abdômen, um olhando para o outro, wa-ha-ha-ha-ha, e todo o mundo de repente tem que achar graça mesmo.

Alguns jovens de boa vontade e charme ajudam Shigueru durante todo o andamento do trabalho; ao final, pelo menos metade das pessoas compra o Acendedor deste mês, um ou outro livro, alguns tornam-se membros da Missão Sagrada (\$5, \$10 ou \$15), inclusive o PM Braga, que trabalha patrulhando ruas em Itaquera mesmo, e que está frequentando a Seicho-No-Ie faz 5 meses, e notou que a partir daí tem conseguido melhorar num ponto que é fundamental no bairro: ali existe, segundo ele, muita briga de marido e mulher; e é a polícia que atende, quando os dois brigam feio; depois que conheceu a Seicho-No-Ie, o PM Braga tem conseguido excelentes resultados quando atende casais briguentos, pelos conselhos que aprendeu a transmitir, a ponto de certos casais reincidentes fazerem questão de registrar a queixa com o soldado da Seicho-No-Ie.

Mylton Severiano da Silva

QUASE TIRAM O PELO DO EX-DIRETOR NA PORTA DO HOTELÃO



A Fina Flor Está Curtindo Uns Dias Dos Mais Embochichados

A fina flor da baixa sociedade (fina porque se considera "alta") curtiu e está curtindo dias de grandes bochichos, a partir da tarde (junho, 25) em que São Pedro baixou em certo escritório do Jardim América (SP) e puxou cartão vermelho para aquele engenheiro com sobrenome que é marca de calça gringa, manjadíssimo pelo seu museu de carangas antigas.

Foi o maior rebu. Mais do que evidente, vocês manjaram o lance pelos jornais. Mas, aqui no Ex, só vou mandar pra frente coisas que ninguém falou. Então, vamos lá: o crimáceo trouxe à tona alguns dos muitos podres que caracterizam a baixa metida a alta sociedade (quá! quá!). Vamos tapar o nariz, segurar o estômago e dar um mergulho, de leve, neste mar negro...

O último varão - O falecido, podem notar, tem o mesmo nome daquele comandante de tropas gringas que, conhecido como famoso estrategista, acabou se dando mal na Guerra de Secessão. Consta que descendentes do dito cujo mandaram-se para o interior paulista, onde fundaram a cidade de Americana. Com o genitor passando da casa dos 70, o falecido engenheiro era o último representante do clã em condições de manter o nome da família no topo. Mas ele morreu sem deixar herdeiro e, o que é pior, com a fulana que o apagou pondo banca: "o motivo do crime foi uma filha que o falecido não queria reconhecer".

Ela - Elza, que lhe puxou a capivara, era da baixa sociedade. Foi manicure do clube Paulistano, recepcionista no Salão da Fenit, telefonista do Senado, alçou grandes vôos transando com a pseudo high society paulista. Assim, de cama em cama, ela acabou contraindo as chamadas núpcias com um caixa alta, que de vez em quando cruzava o oceano para se dedicar ao emocionante esporte de caçar búfalos, elefantes e onças, quicá alces - como provam os troféus pendurados nas paredes de sua elegante mansão no Morumbi.

Enquanto transavam sem maiores compromissos, tudo bem. Mas quando os nomes foram para o papel, danou-se tudo. O caçador decidiu

separar os corpos, se bem que o casório era com separação de grana (o caçador não era tatu). E eis que um belo dia ele aparece com um teco na cabeça, em seu apeteó. Elza e suas empregadas, na sala, nada ouviram (gozado, né?).

Aí o senhor engenheiro, com o tal sobrenome que serve para dar marca a uma calça gringa, entrou na parada. Elza tinha um antigo Cadillac, com peças originais e outros babados. O moço queira comprá-lo. Compra, não vendo; dá, não dou - até que a mulher resolveu, ao invés de vender, dar-lhe o carro. E outras cositas más...

Mas a mulher passou a encher, o engenheiro tentou descartar, e tudo terminou com aqueles dois tiros de 32 - por sinal, o mesmo berro com que o caçador de búfalos se abateu ou, segundo as más línguas, com que a mulher o teria fritado...

Ele - Nosso amizade, que mereceu generosa reportagem do Castilho de Andrade, aquele moçoilo automobilístico de famoso vespertino paulista, transou com uma neta do conde, aquele do parque fabril com nome de italiano. A glória: 2 clans fundidos. Maria, a moça (que usa como segundo nome aquele recipiente de lavar as mãos), gostava de aventuras paralelas. O senhor engenheiro encabreou-se, tendo ficado putibundo especialmente com certo secretário do clã. Decidiu separar-se.

O clã do conde reuniu-se e o velho pediu para a dupla por panos quentes, esfriar a cuca. Que tal uma viagem de navio para a Europa? Nada melhor do que isso para uma reconciliação...

Elá se foram os pombos, a bordo de um transatlântico, contemplando as ondas e as gaivotas, maneirando suas desconfianças... Um dia o senhor engenheiro saiu do camarote para dar umas bandolas a bordo e, eis que de repente, topou de cara com o dito cujo secretário, que era a razão maior de todas as suas suspeitas. Isso é demais, bufou o senhor engenheiro. E no fim da viagem, a vaca já havia se enterrado no brejo. (Tempos depois, para desbaratar, a neta do conde uniu-se ao secretário, numa embaixada qualquer...)

Consumatum est (o crime). Elza escafededeu-se em busca do advogado Portela (um paspanita de galocha). Enquanto isso, no escritório fatídico, o Kildare do Pronto Socorro Iguatemi - tremendo com o nome do extinto - fez um atestado de óbito com nome errado. Agora, vamos ver o que acontece no Palácio de Tênis, onde os nabos sobrevoam Elza.

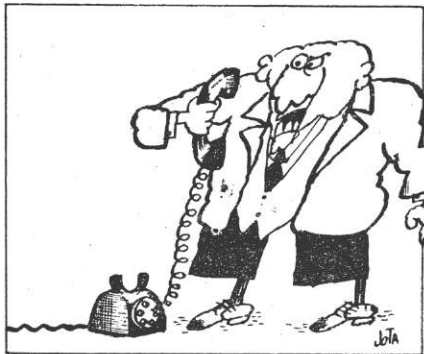
Teje Assaltado!

O Luiz Philippe, meu considerado ex-diretor do maior hotel da América Latina, agora sob a gerência de seu Guedes, estava dando uma bandola madrugadal com uns cupinchas seus. Passando pela Cruzeiro do Sul, ele deu uma encostadinha em frente à Detenção, para relembrar os velhos tempos de diretor e contar algumas emocionantes aventuras a seus considerados.

E estava ali, muito à vontade, relembrando uns lances, quando se aproximaram 2 vagaus, de berro na mão. Philippe quis dialogar, mas os assaltantes não estavam a fim. Ai, muito ingenuamente, Philippe exibiu aos vagaus um crachá de diretor do hotel, que ainda trazia consigo, dizendo que tratava bem dos amigos dos vagaus. Estamos aqui à disposição, etc. Para sorte do Philippe, os 2 seres maneiraram, deixando-o motorizado e com o tutu intacto.

A Ficha Dos Fuijões

No último Ex, falamos de escriba que comeu aquele ragu no "51" da praça doutor Julinho e deu no pé sem pagar, deixando meu amigo Catirino, o melhor garçon do pedaço, na mão. Escrachamos o primeiro Zatopeck fuijão identificado no Ex anterior. Nossos considerados da "boca" levantaram a ficha dos outros 2 fuijões: um, escriba do jornal sanguinolento, que tem o sobrenome de "Pino" e, pelo jeito, gosta de dar cano; o outro, seu primo, ou seja, primo do Pino canista.



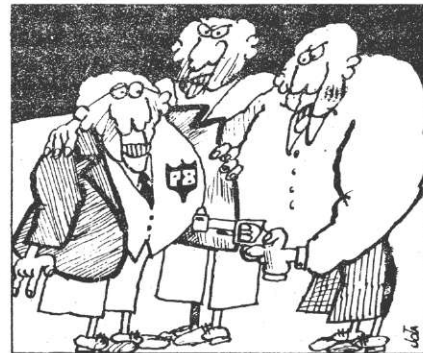
Que Os Pais Casem...

Um jornal da aprazível cidade de Jundiá, terra dos meus considerados Sandro/Vera, saiu com um anúncio que era a maior sacanagem em cima do Armando, dono de uma firma

numa das ruas principais. O anúncio dizia: **Aluga-se arreios, charretes e cavalos, para romaria ao Santuário de Pirapora, a ser realizada amanhã. Os interessados poderão procurar o sr. Armando, à rua tal, nº tal, ou pedir informações pelo telefone tal.**

Evidentis, tiraram duma com o Armando, que não tinha nada com isso e bufou pra cima do jornal. O jornal saiu, no outro dia, com este "diz-que-diz", assinado por certo **Don Casmurro**. Um primor. Lá vai, ipsis literis:

A cidade ainda tem, infelizmente, alguns canalhas que não tendo o que fazer, ficam fazendo brincadeiras de mau gosto, o mesmo que costumam, ao que tudo indica, fazer com as próprias mães. Assim aconteceu outro dia à noite, quando um cafajeste telefonou à redação do JT (Jornal da Tarde, SP), pedindo para colocar um anúncio, dando como endereço a rua Barão de Jundiá, onde o sr. Armando tem uma firma. Preocupados com as atividades da redação, não percebemos, de início, que se tratava de gozação. Pelo barulho que fazia do outro lado do telefone, agora percebemos que os 2 cafajestes deveriam estar com as famílias numa daquelas casas de tolerância existentes em Viracopos. Causamos, sem querer, transtornos ao sr. Armando, que foi vítima de chacotas. Todavia, pedimos a ele desculpas e vamos tolerar mais uma vez, pois esses indivíduos que telefonam para tais coisas são uns bons filhos da ... Um conselho final aos cafajestes: peçam a seus pais para que se casem no civil, pois do contrário nascem filhos dessa laia.



Sete Mil Hóspedes!

Infelizmente, teremos seguramente 7 mil hóspedes até o fim do ano no hotel do seu Guedes. "Sergião", que tentou faturar um banco com uma máquina de plástico, foi solto. Edmundo, preso de confiança do diretor, foi para a colônia de Bauru, onde aguardará a gaiola ser aberta. E o Mascarado, meu considerado Claudio Vieira, está esperando uma colher dos capos pretas pra ir pra Bauru também.

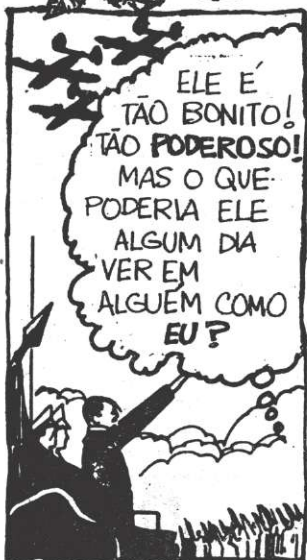
Na minha última visita, ganhei um quadro de bronze muito bonito, feito pelo Polydoro - meu chapeta que está puxando um latrô que lhe custou 16 anos. O Beizola segue transando os seus jogos de futebol e seu Guedes continua firmão, sem dar moleza nem pra calça azul e nem para funça. Evidente que, assim, os potes (celas fortes) andam cheios. Vamos ver no que dá. Agora, uma vez por mês, passarei um dia inteiro no hotel de seu Guedes, junto com meu consideradoíssimo capa-preta corregedor.

Audiência no pavilhão 6, e ronda por todos os outros, para sentir a barra.

Percival de Souza



EU ERA APENAS UMA GAROTA COMUM COM ESPERANÇAS E SONHOS COMUNS. PODERIA TER SIDO FELIZ CASANDO COM FRITZ, MEU JOVEM VIZINHO, ATÉ QUE, NAQUELE DIA FATÍDICO, FRITZ ME LEVOU A UMA CONCENTRAÇÃO E EU O VI PELA PRIMEIRA VEZ... E ME TORNEI O ALVO DE UMA



NOS DIAS SEQUINTE, EU NÃO CONSEGUIA TIRÁ-LO DO MEU PENSAMENTO...

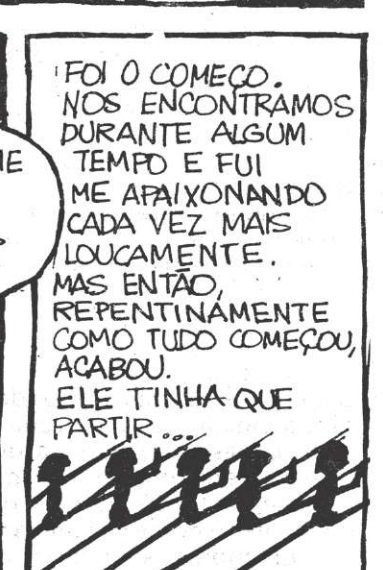


ENTÃO, UM DIA...

EVA, VOCÊ VAI TER QUE TRABALHAR MAIS TEMPO HOJE À NOITE. MAS, HERR HOFFMAN, HOJE É O DIA DA MAIOR QUEIMA DE LIVROS DO ANO!... TODO MUNDO VAI ESTAR LÁ! SINTO MUITO, EVA. MAS ESTA NOITE É MUITO IMPORTANTE!



AQUELA NOITE



EU NEM SABIA O QUE ERA UM "DOMÍNIO", MAS NÃO TINHA IMPORTÂNCIA. PODERIA MORAR EM QUALQUER LUGAR COM ELE E SER FELIZ, MAS PAPAI SUBIU PELAS PAREDES.



MAS PAPAI FINALMENTE MUDOU DE IDÉIA



E, ANTES QUE EU PERCEBESSE TINHA SIDO LUFTWAFTADA PARA OS BRAÇOS DO MEU AMADO!



OS MESES SEGUINTE FORAM DELIRANTES DE FELICIDADE. NADA FALTAVA. NADA A NÃO SER OS SINOS ANUNCIANDO O CASAMENTO.



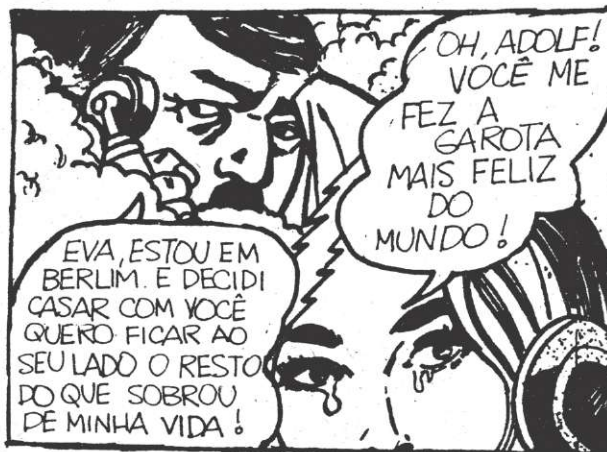
MAS A MINHA PACIÊNCIA JÁ ESTAVA COMEÇANDO A SE ESGOTAR. OS NEGÓCIOS DE ADOLF ERAM OCUPAR MAIS E MAIS A EUROPA...



EU FUI ME SENTINDO MAIS E MAIS...



FINALMENTE, QUANDO ELE NÃO VEIO PARA CASA NO DIA DE SEUS 56 ANOS...



A RECEPÇÃO FOI COMO EU SEMPRE TINHA SONHADO.



E ENTÃO, ATÉ QUE ENFIM, A ESPERA ACABOU. ADOLF E EU ESTARIAMOS JUNTOS PARA SEMPRE.



OMAGO PASTINHA

Pastinha não fala nossa linguagem nem sequer pensa como nós. Ele tem sua filosofia.

Achei que não devia relacionar essa transformação em que está mergulhada a Bahia, transformação econômica-ecológica-sociológica acentuada por nosso subdesenvolvimento, com a figura do Mestre. O que pensei fazer como repórter, aluno de um discípulo do Mestre como pessoa humana, foi recolher os fragmentos de um depoimento que seria difícil de conseguir. Mas tinha certeza de poder chegar lá. E como um "entendido" da capoeira, como pessoa e como jornalista, fiquei encantado com o que o Mestre falou.

Bom, irmão, a capoeira do Pastinha, que está cego, encurvado pelo tempo, é mais a capoeira mental hoje, do que a antiga, de agilidade total do corpo e da mente. A história dos últimos 86 anos que viveu, passa por sua ótica, muito pessoal, documental, diria. Talvez a gente esteja querendo contar a história de um tempo que já se perdeu na poeira. Mas Pastinha não me deve explicações, você entende? Ele está falando de todo um tempo, de tudo que passa, que se passa, em sua frente. O que passou também.

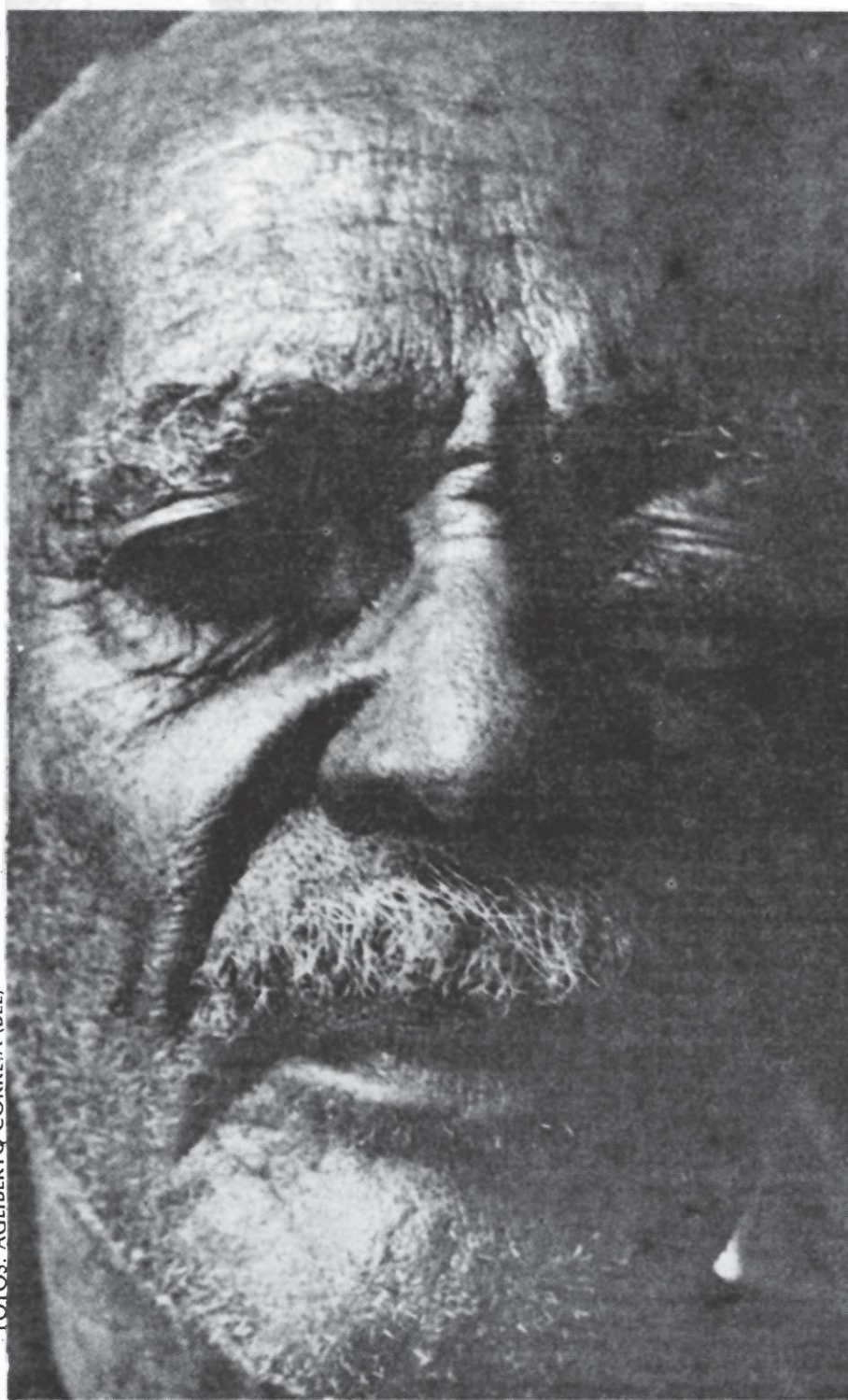
Há alguns anos os repórteres baianos costumam aporrinhar Pastinha. Coisas como: "E a promessa da Prefeitura em lhe dar uma pensão de três salários-mínimos? Não se cumpriu?"... Mestre Pastinha ainda sem pensão, notícia, compaixão dos leitores, grana pro patrão dono do jornal! Barra muito pior para um mulato que introduziu uma luta muito pouco bem vista na sociedade branca baiana, vivendo sua solidão de velho na miséria, miséria mesmo, sem frescura minhas: péssima morada, comida idem, sem direito ao mínimo.

de reforma do conjunto arquitetônico do famoso Pelourinho exigiram como trunfo a Academia do Mestre, antigo ponto turístico. Roubaram-lhe os instrumentos, tudo.

Na falta de prato melhor, o drama do Mestre Pastinha passou à imprensa, como notícia mais corriqueira, assunto predileto de todos os jornalistas "inspirados" e opositores de "um progresso desumano". Algumas matérias desses jornalistas colocaram o Mestre em oposição ao Prefeito, ao Governador, etc, etc. Porque o Mestre fala mesmo. Prometeu, tem que dar. Ele ainda conserva toda a formação moral do baiano de alguns anos, tradicionalista, rígido nos compromissos. Quer dizer, tudo mudou e ele ficou aí, por assim dizer.

Resultado: as autoridades que prometiam, se vingaram amarrando as pensões prometidas, não devolvendo a Academia do Mestre, enfim reagindo como era de se esperar.

Como critério, coloquei em minha cuca o seguinte: vou conversar humanamente com o Mestre e disso vai sair alguma coisa. Acho que saiu, irmão. Não sei se exatamente para o Ex. Só magia. Um presente pra vocês. Bêu, meu irmão, ogan de candomblé, achou muito bonito o presente, com sua modéstia e autoridade. Foi o suficiente.



Cego, Aos 86 Anos, o Mestre Nos Dá Tudo o Que Tem: Sua História. Depoimento a Gustavo Falcón

Logo depois da revolução de 30, graças ao Chefe de Polícia do Interventor Juracy Magalhães Júnior, cessou a perseguição aos terreiros de candomblé na Bahia. Nosso sistema é um absurdo! O Chefe de Polícia, simpatizante do candomblé, aconselhou os pais-de-santo a registrar os terreiros como centros recreativos, alguma coisa assim. O registro no Diário Oficial foi suficiente para acabar a perseguição policial aos cultos dos negros, a essa altura entupidos de brancos, mulatos, amarelos e vermelhos.

Isso aconteceu há mais de 35 anos. Cessou a opressão religiosa e surgiu a absorção do sistema. Tão violenta, que se existirem hoje 2 terreiros respeitáveis na Bahia, é muito! 35 anos foram suficientes para arrancar toda a força moral de uma religião oprimida antes. Os pais-de-santo nascido depois da perseguição montaram agências no Rio, encheram os bolsos de dólar, assumiram a civilização branca no

que ela tem de pior: pelo lado do dinheiro.

O processo de desmoralização do candomblé foi a resposta que o sistema como um todo (religião oficial + preconceitos racistas + interesses empresariais do turismo, etc), encontrou para impor sua cultura, que alguns chamam de "cultura brasileira", como se isso existisse.

Não muito longe da década de 30, um marujo baiano, brigão, "arruaceiro", mulato, filho de espanhol dono de armazém com preta velha, sapateira, aconselhado por Wilson Lins (escritor e político) e talvez também por Jorge Amado, registrou sua academia de capoeira como um desses centros esportivos permitidos por lei. Foi o suficiente para a política deixar de perseguir, pelo menos ostensivamente, os capoeiristas.

Registro na mão, Mestre Pastinha, o marujo de que falei, passou a lecionar capoeira no Pelourinho. Milhares de pes-

soas passaram por sua academia no Largo do Pelourinho, onde hoje funciona o Hotel Senac, de luxo. Turistas incontáveis, de todo tipo. E seus alunos, discípulos, perpetuadores da dança que aí já se tornou menos violenta, cheia de cânticos na roda, animada por berimbaus.

A capoeira, agora, não possuía mais qualquer relação original com a clareira do mato onde os negros se refugiavam para lutar, para fugir da escravidão e praticar a luta. Apareceram outros mestres e estilizações. Pastinha ficou, contudo, fiel à angola, capoeira tida como autêntica. Na academia não se ensinava tudo. E a malícia da luta ficou guardada para as brigas de rua, geralmente com policiais, em festas de largo. Tudo foi conquistado no pau, com luta, até a própria academia do Mestre Pastinha.

1975: o velho Mestre cego, com sua academia tomada pelos homens do turismo, do sistema, instrumentos perdidos, alunos dispersos e o orgulho atravessado na garganta, mas que não o impede de falar, discorrer como quem conta história para crianças, ferido e magoado por um mundo onde "tudo é comércio".

Com Pastinha um depoimento não pode ser de mentiras.

Depois de uma tarde inteira de conversa, primeiro desconfiada, depois transformada num papo amigável, sem pauta, sem previsões, louco, eu tive a oportunidade de conhecer a quinta mulher da vida do Mestre Pastinha. A primeira coisa que ela fez foi me deitar um olhar curioso dizendo: "Tá gravando? Ah, isso não! Isso custa dinheiro. O senhor está se aproveitando da cegueira do velho..."

Eu lhe expliquei que tinha autorização do Mestre (achei estranho ela o chamar de "velho" pejorativamente, acentuando sua cegueira); que havia dito a ele quem era; que lhe expliquei que tipo de jornal era o Ex. Tenso, o Mestre Pastinha confirmou tudo que disse. Não desliguei o gravador. A mulher olhando firme para mim voltou a falar de dinheiro. Falou da miséria de Pastinha, das dores de cabeça que os repórteres têm lhe arranjado falando contra o governador, etc. Expliquei que não tinha dinheiro e que não costumo "subornar" minhas fontes para não ocorrer o mesmo comigo.

Disse meu nome, tentei acalmá-la, mas nada. Finalmente, pediu para ouvir a fita a fim de censurar o que Pastinha havia dito. Há pouco o Mestre havia contado como lhe tomaram a academia. Havia dito que não perdoaram nem os bancos, instrumentos, berimbaus, atabaques, pandeiros e tudo o mais. A promessa da volta ao local, ponto das caravanas turísticas até uns 3 anos atrás, foi esquecida.

Tive que voltar o gravador. Passei a fita a pedido do Mestre. Num trecho onde uma autoridade era citada, a mulher virou fera, censurou, gritou, e conseguiu provocar Pastinha. Se ele não estivesse cego, eu senti, teria tomado a maior surra da minha vida. Ficou furioso, levantou cambaleando e seu dedo indicador roçou o meu rosto. Disse que não queria ver aquilo publicado. Falou do mal contra o mal, e eu lhe prometi que não faria sensacionalismo com, afinal, um fato tão explorado pela imprensa baiana.

Ele confiou em mim. Eu lhe dei a fita de presente, disse-lhe que estava interessado em seu depoimento e não em notícia sensacionalista. Ele foi solidário. Sua mulher nem sequer soube que existia uma primeira fita, muito mais interessante, longe dos interesses da barriga e do comércio. Com a palavra, Mestre Pastinha:

A capoeira tem muitas coisas. Primeira parte: a capoeira tem seu dicionário, segunda parte, tem seu dicionário, terceira parte, tem seu dicionário e quarta parte, tem seu dicionário. Quer dizer que a capoeira... Vocês não sabem, a capoeira tem muita coisa. Eu vou contando isso a você, quando eles vão escrever, escreve aquilo como quem diz: eu já sabia! Isso é meu, sou eu que tô dizendo. Falar a verdade na vista de quem sabe pensar, quem tenha pensamento, saber mais ou menos que uma coisa se combina com uma outra, diz é isto mesmo, está certo. Não deixa vestígio, tá bom?

O que é capoeira? É folclore? Então? Vamos dizer que a capoeira tem o seu lendário, tem sua formação, a capoeira é justo que se diga.

Não vá dizer que a capoeira é o que ela não é, nem vá contar o que não viu ninguém falar, então não vá contar aquilo que não pode contar. Não é todo mundo que vá abrir a boca e dizer "eu conheço a capoeira, a capoeira é isso". Nem todos mentais, nem todos sujeitos pode abrir a boca pra contar o que é a capoeira não, porque ela destaca-se. Aquele que aprendeu sabe, ela mesmo defende o sujeito por conta própria, tá bom?

Dizer: eu sei jogar, eu aprendi jogar porque ela é do mental, tenho em mim mesmo, eu posso fazer isso e acontecer... A capoeira dá, nega e tira. Dá, nega e tira. O capoeirista taqui, alegre. Na hora que o sujeito vem falar com ele toma um sopapo sem saber como.

Eu vou lhe dizer a você positivamente: tem. Você perguntou uma parte. Eu vou lhe dizer a parte que você perguntou. É o seguinte: se tem ali um capoeirista brigando, pode ser com outro capoeirista ou não. Tá bom? Pode ser também um aprendiz, pode ser um professor, né? Ninguém sabe. Sabe que ele é capoeirista.

Então você pergunta: ele tem capacidade de se manifestar na vida do camarada ou o outro camarada é mais perfeito que ele, mais lutador do que ele, ele pode se salvar? Quem pode se salvar aí? Tem quem salve ele de unha do outro? Porque o outro pode não ser capoeirista mas é um bom lutador. Ele, sabe, é menos experiente na luta. Ele pode ser salvo? Pode. Tá bom? Eu respondi pode. Ele pode ser salvo. Se tiver com os orixás... Com os anjos da guarda dele, né? Que esteja com o protetor dele, então defende-se. Aí é que se diz, é onde se diz: a capoeira é parcela do candomblé. Capoeira é parcela do candomblé. Agora o que é parcela do candomblé? Tem tanto nome pra significar...

"Todos Podem Aprender. De General a Doutor."

A capoeira é um dos professores particular! E a particularidade é normal. O senhor me destaca esse nome aí? Aí você vai tirando as conclusões...

Eeeeeeeeeé: como vem pesado... Olhe, quando passou essa formalidade de capoeirista aqui, a capoeira era proibida, tá vendo? A capoeira era proibida, os doutores que você citou que aprendiam capoeira, foram doutores que aprenderam a jogar capoeira naquela época atrasada que a capoeira era proibida.

Mas os doutores, alguns deles, precisava aprender capoeira, gostava de capoeira, aprendia a jogar capoeira por debaixo do pano, já compreendeu? Por debaixo do pano. A capoeira sempre, em toda a vida, a capoeira foi proibida. E como a gente podia aprender a jogar capoeira? Jogava

aqui, jogava ali, coisa e tal, aprendia às escondidas, e aprendia na vista também do público, aprendia e aí pronto, a polícia vinha, desbaratava tudo.

Quando ocorreu aqui a época de Floriano Peixoto (1892-96), né? então eles fizeram uma capotagem com os capoeiristas. A polícia rigorosamente reprimiu, tá bom? Foi andar, daqui pra ali, foi pra guerra do Paraguai, tá?

Jogaram uns capoeirista lá, do lado da fronteira pra ser comido na bala. Tá bom? O plano deles...

Os capoeiristas foram. Chegaram lá ficaram tomando conta da fronteira.

O pau comeu, os capoeiristas vortaram e eles viram capoeirista manifestando de todo lado, contente e satisfeito. Recebeu aquela represália do capoeirista praticamente, deliciadamente, suave, com ânimo mas cada qual com seu desenho nos lábios, compreendeu?

Aí foi indo, foi indo, foi indo, ficou encostando aí, mas capoeirista, toda vez que tinha festa no lugar capoeirista já estava: era capoeirista de fraque, casaca, cartola, chapéu de pelo, boa roupa, tá bom? Anel, relógio, a coisa formalizada mesmo, capoeirista decente mesmo, não era só capoeirista nojento não, viu? Era capoeirista decente. Então nessa ocasião ficou aquilo assim ó, sapateando, normá.

"Ela é o Pai e a Mãe De Todas As Lutas No Brasil."

Que é que se pode fazer com esses home? Vai desbaratar esses homens todo? Não precisava: a gente escurraça eles devagarzinho e tal, mas deixa eles por debaixo do pano, fecha os olhos a um e a outro porque (mudando a voz) tem branco também no meio, tá bom? Branco também tá no meio... Eles são governador, são os brancos, tão fazendo a represália contra os pretos, né? Mas tem branco também que gosta dos pretos, tá bom? Tem por qualquer interesse: ou por interesse do trabalho, ou por interesse da capoeira, né? Gosta dos capoeiristas. E outros também que protegem capoeiristas, não é? Capoeirista brigava, quando chegava lá solta o rapaz aqui que é meu. Nera somente a patronagem não. Era pela camaradagem, pela amizade própria que saía da cadeia. Eu tô lhe dando isso assim, tô lhe dando num detalhe diferente. Quer dizer que eu tô botando o negócio no jeito pra você entender.

Antigamente se julgava que a capoeira é somente pra nós. Mas hoje a capoeira, eu, eu, Vicente Ferreira Pastinha, digo aqui, a você, dou esta gravação, pra você mostrar a eles o que é a capoeira: é parcela popular, é do povo, por que é do povo? Porque todos nasceram com a capoeira no juízo. Todos ajuizados pela capoeira.

A capoeira é pai e mãe de todas as lutas. Eu, Vicente Ferreira Pastinha que tá dizendo esta palavra. Eles queira aceitar por verdadeira ou não verdadeira, mas contanto que é pai e mãe de todas as lutas, tá bom?

No Brasil, qual foi a primeira luta que entrou no Brasil? No Brasil já tinha luta, já se lutava, tá ouvindo? No Brasil já se lutava. Agora quem? Se não tinha ninguém pra lutar no Brasil. O povo? Os índios? Os índios lutava, eles tinham seu sistema de luta.

Não é? A primeira luta que veio ao Brasil veio de lá da África. Os africanos não trouxeram capoeira praqui não. Eles vieram de corpo e alma praqui. Pra defender, pra trabalhar, ganhar seu dinheiro e mandar buscar a mulher na África, trazer a mulher.

CAPOEIRA É



Ou lá ficava, lá se ia. Tá bom? Agora, eu não vou dizer tudo, a graça da capoeira, que eu não quero superar, eu não quero superar. Senão eu ainda dizia e você ainda ficava com mais detalhes, suprema é a capoeira porque tem. Mas se eles mesmo tão agradando com a usura: jogar capoeira com 2 meses querer ser mestre, querer ser professor, tá bom?

Olhe: eu comecei a jogar, com 8 anos aprendi capoeira, com 8 anos.

Vamos dizer com 8 anos, com 9 anos eu passei a ser capoeirista. Aprendi com um mestre, Benedito, baiano não, africano. Com ele ia daqui prali (morava nessa época na Rua da Laranjeira). Bom, então eu fui pra Marinha, em 1902. Lá fiquei coisa e tal

e em 1910 eu saltei e pedi baixa, tá bom? Levei 8 anos na Marinha. Em 1910 peguei Raimundo Aberrei. Foi o primeiro aluno que eu peguei aí quando eu dei baixa. Raimundo, Zeca, João Fortunato, João Moleque, tudo isso, Virício. Fiz um bocado deles. Eu ensinava a eles na rua de Santa Isabel.

"Eu, Pastinha, Enfiei a Capoeira Na Sociedade."

Os aluno todo era trabalhador, operários. Bom. Botei aí. Daí pra daí fui indo, fui indo, peguei a lecionar aqui, tinha uma, duas, 3, 4 repúblicas de estudantes, aqui no largo do Cruzeiro. Homens que vinham pra Salvador se formar pela faculdade da Bahia, tá bom? Estudante de médico, todas corporação. Minha academia já era no cruzeiro do São Francisco, na rua, no meio do Terreiro. Isso em 1910, 12, 13, tá bom? Depois passei a ser funcionário da Santa Casa de Misericórdia. Fiquei trabalhando, fiquei quieto com a capoeira.

Depois, em 1941, passei a tomar conta de uma capoeira na Liberdade (bairro proletário de Salvador), tá bom? Assunte bem: em 1941 me chamaram na Liberdade pra tomar conta dessa capoeira. Então disse lá a eles,

CANDOMBLÉ



veja bem, que eu não queria, mas em todo caso vocês me ajeitaram e tal, vou ficar aqui com vocês. Desse dia em diante ficou sendo Centro Esportivo de Capoeira Angola e não mais um grupelo de capoeiristas. Bem, eu procurei dizendo a eles que eu ia botar a capoeira dentro da sociedade. Eu vou botar a capoeira dentro da sociedade.

Não tinha capoeirista nenhum aqui que manifestasse. Eu, Pastinha, botei a capoeira dentro da sociedade. Falei com o senhor Wilson Lins, tá bom? chamei ele, ele apoiou, e me acompanhou até hoje. Jorge Amado também até hoje me acompanha. Tá vendo o senhor? Você fique olhando meu respeito, minha consideração, e as implicações de parte a parte. Toma lá dê cá. Wilson e Jorge não podiam deixar de aprender capoeira. Os filhos deles também aprenderam. Você compreendeu bem?

Agora você veja hoje pra eu tá aqui e chegar gente querendo que eu largue a capoeira... Um camarada aqui, há alguns anos, tornou a me repetir esta palavra: "Seo Pastinha, eu quero lhe dar uma coisa mas o

senhor não quer afatar-se da capoeira" ...

"Bote Na Marinha. Tá Ouvindo? Bota Na Marinha."

O senhor disse uma coisa aí que me comoveu: o senhor disse aí que aprendeu, que estudou, não foi? O senhor sabe que eu fiz um trabalho bonito? Trabalho bonito não! Quer dizer, bonito para mim, na escola.

Tinha um professor que conhecia meu tio né? Então meu tio andava se queixando e coisa tal que o menino era um menino desordeiro, não queria nada, não presta atenção, não quis aprender, coisa e tal, não tem jeito a dar nesse menino. A resposta que ele dava ao meu tio: bote na Marinha. Tá ouvindo? Bote na Marinha.

Então eu tava aí assuntando a resposta dele. Bota na Marinha, eu ficava olhando assim pra ele e ficava dando risada. Quando ele saía dali eu não me incomodava não.

Então eu fui indo, fui indo, chegou uma época, 1902, então tomei um instinto e fui pra Marinha, sentar praça, me empregar como indigente. Tá bom?

Cheguei lá, perguntei ao sentinela: ô meu amigo, eu queria falar aqui com um camarada aí. Com quem eu me entendo aqui? Ele disse: qué que o senhor quer? Quer sentar praça? Eu disse é. Aí ele chamou o cabo da guarda, o cabo veio. Chegou, disse, e esse rapaz quer sentar praça.

O cabo da guarda mandou eu entrar, aí me levou na presença do oficial do dia, né? Ele me levou à presença do comandante coisa tal, chegando lá o comandante disse que eu não servia, né? porque eu era pequeno demais. Ele disse: você precisa comer mais uns 4 sacos de farinha pra você entrar aqui. A carabina é maior do que você!

"Eu Conheci Cordão De Ouro. Ele Morreu Assim:"

Eu aí fiquei assim, triste né? Aí eu disse a ele: eu não tenho onde ficar. Ele disse: aonde que o senhor vivia? Eu digo, eu tava empregado, ele ficou assim, ficou, disse: deixa ele dormir aí. Ele vai se criando aí. O nome do oficial era tenente Olivo. Aí fiquei lá. Me botaram pra ser cabo dos faxineiros. Depois veio inspeção de saúde coisa tal. Consegui entrar na escola.

Veio uma ordem: Vicente Ferreira Pastinha, número 110, eu disse opa! Fui receber fardamento. Eu e mais 16 meninos.

Aí o professor que mandava pra Marinha antes, amigo de meu tio, era o dito professor da escola agora, na Marinha. Eu vi ele na minha frente e eu disse: aii! Ele disse quem não sabe ler um passo à frente. Ele olhou pra mim, olhou pros outros que não passaram e disse passe: eu aí passei. Ele disse leia. Eu disse, sei não. Ele disse leia, leia, leia. Ele pegou um maço de papel, né, escreveu A B C, disse tome, vá sentar.

Olha: deixa eu logo dizer. Todos os capoeiristas não gosta do mar, já compreendeu? Gosta do mar aquele que já está no mar e que vê o balanço do mar, aí acostuma-se com o balanço do mar, gosta e acha que aquele ali também é um dos grandes professores. Eu viajava muito de escalé. Fazia exercício, instrução, não é?

Eu conheci Besouro (Cordão de Ouro). A arte da pessoa do Besouro, Besouro foi soldado do exército, tá ouvindo? andou por aí coisa e tal fazendo as proezas dele, se empregou, foi para Maracangalha. Ficou e depois se empregou na roça. Na fazenda de um homem chamado Sovera. Ele ficou trabalhando lá.

Então lá sempre brigava com a polícia e ele não gostava da polícia, a polícia não gostava dele também.

A polícia nunca gostou de capoeirista, tá bom? E fez as proezas dele coisa e tal. Eu nunca saí com ele.

Nunca fiz farra junto. Ele morreu assim: um camarada farseou ele aí, coisa de trabalho, do patrão, o camarada matou ele com uma faca de ticum, um estilete de madeira. Morreu um pouco novo.

Na época de Besouro teve outros capoeiristas bom na Bahia: Doze Home e tantos outros. Hoje bom na capoeira na Bahia tem João Grande, João Pequeno e outros rapazes (os 2 são discípulos de Pastinha). Por que meus melhores alunos são pretos? Porque o clima dá pra eles. A capoeira é deles, fui titulada pra eles...

Eu sou filho único, eu sou filho único. Meu pai era dono de um

armazém ali na rua do Tijolo. Seu nome era José Senhor Pastinha, descendente de espanhol. Minha mãe era santamarense, seu nome era Raimunda. Agora eu fui filho único da parte do espanhol, da parte de pai. Da parte de minha mãe eu fui o segundo filho. Minha mãe trabalhava em casa em serviço de sapateiro.

Agora deixe eu explicar a você. Eu conto assim uma coisa mas dá vontade da gente contar mais uma coisa pra encher porque é obrigado a encher. Assim, fica uma barbúdia, a gente passa como mentiroso. Olhe: em 1910, quando eu dei baixa, eu fui trabalhar, no meu primeiro emprego, que eu achei foi na imprensa, no Diário da Bahia (há muito que não existe esse jornal). Fui trabalhar ali de ganhador. Sabe pra quê? Levar gazeta para o correio, assinatura. Ganhava 1.600 réis. Já compreendeu? Dali eu saí, fui me empregar lá no correio, lá no comércio, de carregador também.

Aí eu ia trabalhar por conta própria minha, tá vendo? Eu era solteiro e não me casei não, viu?

Depois fiz de tudo: empalhador, pedreiro, todos os biscates.

"O Senhor Não Acha Que Isso Tudo é Comércio?"

Eu vou dizer uma coisa ao senhor: isso vocês fazem pra quê?

O senhor não acha que isso tudo é comércio, não? Que não seja o senhor que não faça pra comércio, não vise dinheiro, o senhor não venda jornais. Mas outros vendem fotografia, vendem tudo. Pra eles tudo é comércio mesmo, tem que ser comércio. Ainda que alguns não queiram fazer comércio mas ele tem que fazer comércio disso. E nós que não temos nada pra comércio, temos somente a história, um caso que aconteceu com a gente, esse caso nosso é historiado.

Então se faz uma propaganda, entra em praça, quando entra em praça a coisa vira comércio, esse comércio se estende, e esse comércio é que está hoje prevalecendo em todos os lugares. Eu estou lhe dizendo a você porque eu estou um pouquinho magoado, deixe eu dizer ao senhor. Tem tido aqui centenas e milhares de pessoas que vem aqui, compreendeu o senhor? Vem aqui é gente. Aqui não é minha residência, não. Minha academia tomaram e a minha residência não é aqui. Eu estou aqui pra atender aos senhores. Tomei este quarto aqui, achei e me apoiei, compreendeu? Quando eles (os jornalistas) publicam essas coisas de mim, eles pensam que está fazendo mal ao senhor só? Está fazendo mal pra eles também.

Fazem mal para eles mesmo, fazendo mal a mim, falando mal do prefeito, falando mal do governador, publicando o nome do governador dizendo que ele não presta. Não adianta isso. Não adianta nada. Eles tão fazendo aquilo pra publicação, pra notícia. Por que que se faz aquilo pensando que o outro vai se agravar com o que tá se falando? Já acabou-se o tempo... Já houve tempo que o governo se preocupava com o público falando. Hoje o governo nem dá trela a isso, não dá, não quer saber. Se faz uma propaganda, pra ele lá é propaganda, ele tá cuidando do trabalho dele, do serviço dele, não tá prestando atenção.

HARE HARE



FOTOS: LUIZ CÂMARA/CLAUDIO EDINGER

Sem drogas, sem carne e sem sexo, de mantos e idéias indianas na cabeça rapada ao som

AGORA TAMBÉM

HARE KRISNA



Só um rabo de cavalo loiro na cabeça rapada, uma marca feita com barro importado do sagrado rio Ganges entre os olhos, saari (manto) cor de abóbora, físico em dia com o Manual da Força Aérea, descalço. É Mahavira, canadense, 23 anos, líder místico, introdutor do Movimento Hare Krishna no Brasil.

O movimento começou em 66, no Central Park de Nova York. Na sua primeira aparição mundial criou-se uma imagem de movimento engajado. Foi em 1967, em Londres, no Congresso da Dialética da Libertação, o poeta americano Allen Ginsberg e o porta-voz do Poder Negro, Stokely Carmichael, cantaram juntos o mantra (oração) Hare Krishna Hare Krishna, Krishna Krishna, Hare Hare, Hare Rama, Rama Rama, Hare Rama, Hare Hare.

Depois seus devotos norte-americanos participaram de manifestações pela paz no Vietnã e até integraram o comitê pró-eleição de Mc Govern. Mas o movimento de Mahavira não propõe nenhuma mudança:

— Estive em toda a América Latina e os latinos estão sempre falando em revolução. Mas aqui no Brasil é diferente, não há revolução e realmente temos um bom governo porque ele é forte e tem controle. Esta sociedade não tem que mudar, só tem que desenvolver seu conhecimento espiritual.

O desenvolvimento espiritual de Mahavira tem 7 anos. Começa no Canadá, passa pelos Estados Unidos inteiro, Venezuela e República Dominicana ("lá só se pensa em revolução mas consegui devotos") e então chega no Templo Sri Sri Radha Krishna, na Avenida Waldemar Ferreira, entrada da Cidade Universitária de São Paulo.

Em 1968, aos 17 anos, Mahavira tocava rock com mais 3 garotos e uma menina: "Saíamos por aí, tocando, viajando em outra consciência, viajando em todas. Mas nada me satisfazia, a música, o sexo, as drogas, nada".

O grupo já estava rodando fazia 2 anos quando encontrou um velho cantando Hare Krishna. Depois de cantar o velho falou: "Através da consciência Krishna é possível transcender o mundo material, relativo a tempo e espaço, e alcançar assim a plataforma existencial perfeita, além do nascimento e da morte." A conversão foi rapidíssima e só um cara do grupo não entrou: "Ainda hoje está perdido aí pelo mundo material", diz Mahavira.

Esse velho que tirou Mahavira "do passageiro e da ilusão" é Sua Divina Graça A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada (que vem ao Brasil em agosto). Ele viajou da Índia a Nova

de mantras, eles vieram nos ensinar a mendicância organizada.

Por Dácio Nitrini

ÉM NO BRASIL

York e foi para o Central Park desenvolver a consciência Krisna no Ocidente. A revista "Back to Godhead", editada pelo Bhaktivedanta Book Trust (Los Angeles - London - Bombay) explica por quê:

"Prabhupada disse que originalmente, depois de renunciar à vida, seu programa era pregar ao povo indiano. Esta era sua intenção. Mas embora a cultura original da Índia fosse a cultura da consciência de Deus, havia uma dificuldade: quando os ocidentais tomaram a Índia, introduziram seus próprios valores e deram a impressão aos indianos que a cultura espiritual era atrasada, primitiva e inferior. Depois de anos de dominação, essas idéias começaram a prevalecer e o povo começou a pensar que o progresso verdadeiro era encontrado na industrialização. Então Prabhupada foi para a América. Se conseguisse que alguns ocidentais apreciassem a ciência do serviço devocional e se tornassem sinceros a Krisna, os indianos também compreenderiam a importância do que haviam abandonado. Ele quis estabelecer uma corrente reacionária mundial."

Mahavira gosta de contar - falou nisso pelo menos 3 vezes em menos de duas horas - que Swami Prabhupada chegou em Nova York com "apenas 7 dólares na bolsa e toda a filosofia do Baghavad Gita - livro da Suprema Personalidade de Deus - na cabeça".

Sem nenhum dinheiro e com problemas para conseguir o visto de permanência nos Estados Unidos (cada 3 meses tinha que ir para o Canadá), Sua Divina Graça conseguiu fundar em 66 a Sociedade Internacional Para a Consciência de Krisna, hoje com sedes pelo mundo. Nos Estados Unidos há 35 sedes, na Ásia 12, na Europa 12, na Oceania 5, na África 2 e na América Latina 6 (Argentina, Venezuela, México, Porto Rico, República Dominicana e Brasil).

Só nos Estados Unidos 5 mil devotos dedicam-se a Krisna em tempo integral. Têm duas grandes gráficas perfeitamente aparelhadas para imprimir folhetos, livros, cartazes e tudo o que o Bhaktivedanta Book Trust achar necessário, possuem fábricas americanas de legítimos incenso indiano e manufaturam e exportam altares para os templos de implantação.

Seis meses de trabalho no Rio e em São Paulo e o movimento Krisna já tem 25 devotos e 60 seguidores. Os devotos moram no templo (por enquanto só existe o de São Paulo) e vivem unicamente para sua religião. Os seguidores, quase todos parentes e amigos dos devotos, encontram-se todos os domingos às 4 da tarde para uma cerimônia, o Festival Transcendental.

Esse é o acontecimento mais importante da semana. Todos se reúnem para ouvir de Mahavira as verdades eternas do Baghavad Gita.

Ele senta-se cruzando as pernas numa almofadinha de seda vermelha e franjas douradas, que está ao lado de um trono estofado com seda vermelha e veludo azul-céu. Em cima do trono está a fotografia de Sua Divina Graça Prabhupada.

Quando Mahavira termina suas explicações religiosas, todos cantam e dançam o mantra Hare Krisna. Quem começa a puxar é o próprio Mahavira, tocando um tambor indiano de pele feita de pasta de arroz. A música começa devagar, bem cadenciada, e todos marcam o ritmo batendo palmas.

A cadência é cada vez mais rápida até explodir num carnaval de gritos, palmas, tambor e sininhos, enquanto



Mahavira (à esquerda) na porta do templo Sri Sri Radha Krisna, perto da Cidade Universitária, SP: "Nenhum brasileiro viu outro morrer de fome"

uma devota purifica o ar com incenso de sândalo.

O transe só termina quando ninguém aguenta mais o cheiro e suor se confunde com o incenso perfumado. Todos sentam no chão de sinteko e os devotos começam a circular oferecendo comida aos presentes: "Coma sim porque faz bem. É comida espiritual vegetariana, são os restos que Krisna não quis comer".

Os restos de Krisna são doações de comerciantes, principalmente do Ceasa, produtos perecíveis que não foram vendidos e que são distribuídos às instituições religiosas com finalidades filantrópicas, embora o movimento não tenha esse objetivo.

Enquanto as pessoas comem - é gostoso - ouvem mais um pouquinho da doutrina, quase sempre devotos que contam como eram insatisfeitos antes e como são felizes agora.

O Rio de Janeiro não tem Festival Transcendental. Os devotos de lá não conseguiram dinheiro suficiente para manter um templo. Em Petrópolis, numa fazenda de 30 alqueires doada por um deles, 5 devotos estão montando uma comunidade "com casas, escola e plantação para garantir nossa auto-suficiência".

A casa-templo Sri Sri Radha Krisna custa \$ 6 mil por mês de aluguel, está numa zona residencial de luxo e não tem móveis nem camas: todos dormem direto no chão. Os homens na sua ala, as mulheres na delas. É proibido uma ala invadir outra.

Eles se organizam em castas, como na Índia, consideram as mulheres inferiores e só admitem sexo para os casados, mesmo assim só com o fim de procriar. Mahavira diz que não há contradição no fato de Indira Ghandi liderar a Índia: "A Índia dela não é verdadeira; é a material. Veja no que está dando".

Mahavira é solteiro:

- Não preciso de outra associação para evoluir até Krisna. Estou muito satisfeito só com o Mestre Prabhupada. Não que uma pessoa casada não vá a Krisna. Mas é como ir de ônibus, cheio de barulho. Prefiro ir só, de automóvel. O cachorro também tem vagina e pênis, só não

faz sexo em cama de ouro. Nós estamos sofisticados mas a vida não é para se viver como cachorros ou gatos. Podemos ter sexo, mulheres e filhos. Mas controlados, com inteligência. Os devotos do Senhor têm sexo, mas só para procriação: dessa forma você controla quantos filhos quer ter. E quando você está controlando sua vida sexual seus filhos serão de melhor qualidade".

Júlio César, carioca de 19 anos, há 6 meses abandonou a escola, família e trabalho num escritório para ser devoto em São Paulo.

- No começo meus pais não gostaram e vieram aqui. Viram que não estou jogado na rua, tomando droga, e ficaram satisfeitos. Isso aconteceu com quase todos nós. Muitos pais que não moram em São Paulo chegam e se hospedam no templo.

Além de adorar Krisna, o tempo dos devotos é para estudar, aumentar o número de adeptos e conseguir doações, vendendo folhetos ou incenso.

Em quatro meses já imprimiram 50 mil exemplares de um livrinho chamado "Além do Nascimento e da Morte", que já venderam. O livro não tem preço fixo, mas "em troca as pessoas dão no mínimo \$5". Eles vendem seus produtos nas ruas comerciais de São Paulo. Na esquina da Barão de Itapetininga com D. José de Barros, 3 devotos conseguiram \$ 900 em 6 horas. Isso tem explicação divina:

- Nesse serviço devocional, que se chama sarkirtana, estamos distantes de qualquer atração física, material e corporal de qualquer entidade viva.

O propósito é se relacionar o mínimo possível para distribuir nossa literatura.

Qualquer pessoa é abordada e as roupas indianas fazem a propaganda. Quem fica sabendo que não é trote de calouros acaba se interessando. As mulheres compram mais, porque o ponto de venda é sempre a palavra yoga. Problemas com polícia ou fiscalização não existem: "Estamos divulgando uma religião que tira os jovens do mundo do vício", dizem aos policiais, que se afastam agradecendo os folhetos.

O devoto Antônio estava na rua D. José de Barros e só abordava as mulheres. "Antônio, e a sua vida sexual?"

- Eu não me masturbo. Há 2 meses, desde que entrei para o serviço devocional, não tenho relação sexual. Não sinto falta. Mas isso depende muito da pessoa. Já tive relações sexuais com mulheres mas nenhuma me satisfaz. A mulher é 9 vezes mais potente que o homem em termos de luxúria. Só me excito quando como demais no jantar: tenho sonhos eróticos e acordo ejaculado. Em cada esperma a gente perde 4 gotas de sangue e isso faz falta à inteligência e à memória. Se eu tiver uma relação sexual agora, não é pecado, isso não existe. Mas haverá uma reação. Existe a lei do Karma, da ação e da reação. Por exemplo, a Argentina está muito prejudicada, eles são o maior produtor de carne do mundo, mataram muitos animais e agora estão sofrendo por isso. É a lei do Karma, hoje eles estão com revoluções...

Essas instruções estão no livro de cantos e poemas de Prabhupada editado na Argentina, "Néctar Para Cinsnes".

"O devoto de Krisna deve ser bondoso com todos, fixo na Verdade Absoluta, inatacável, caridoso, gentil, limpo, sensível, bom, pacífico, completamente apegado a Krisna, manso, firme, sem desejo material, autocontrolado, sério, humilde, poético, silencioso, esperto."

A publicação ensina como alcançar o estado de Bhava - apego a Krisna estático e transcendental que se consegue através de entusiasmo, paciência, convicção firme, observação dos princípios regulativos, associação com devotos e contato limpo e sincero com os demais.

Quem alcança Bhava nunca está agitado, sempre está ansioso por utilizar seu tempo no serviço devocional do Senhor, não espera obter nenhuma posição de respeito em troca de suas atividades, rechaça tudo o que não favorece o desempenho do serviço devocional, crê firmemente que o Senhor protege sempre o devoto, sente-se exclusivamente dependente da misericórdia do Senhor e é sempre manso e humilde. Todos esses regulamentos ainda não foram publicados no Brasil. Mas são transmitidos por Mahavira.

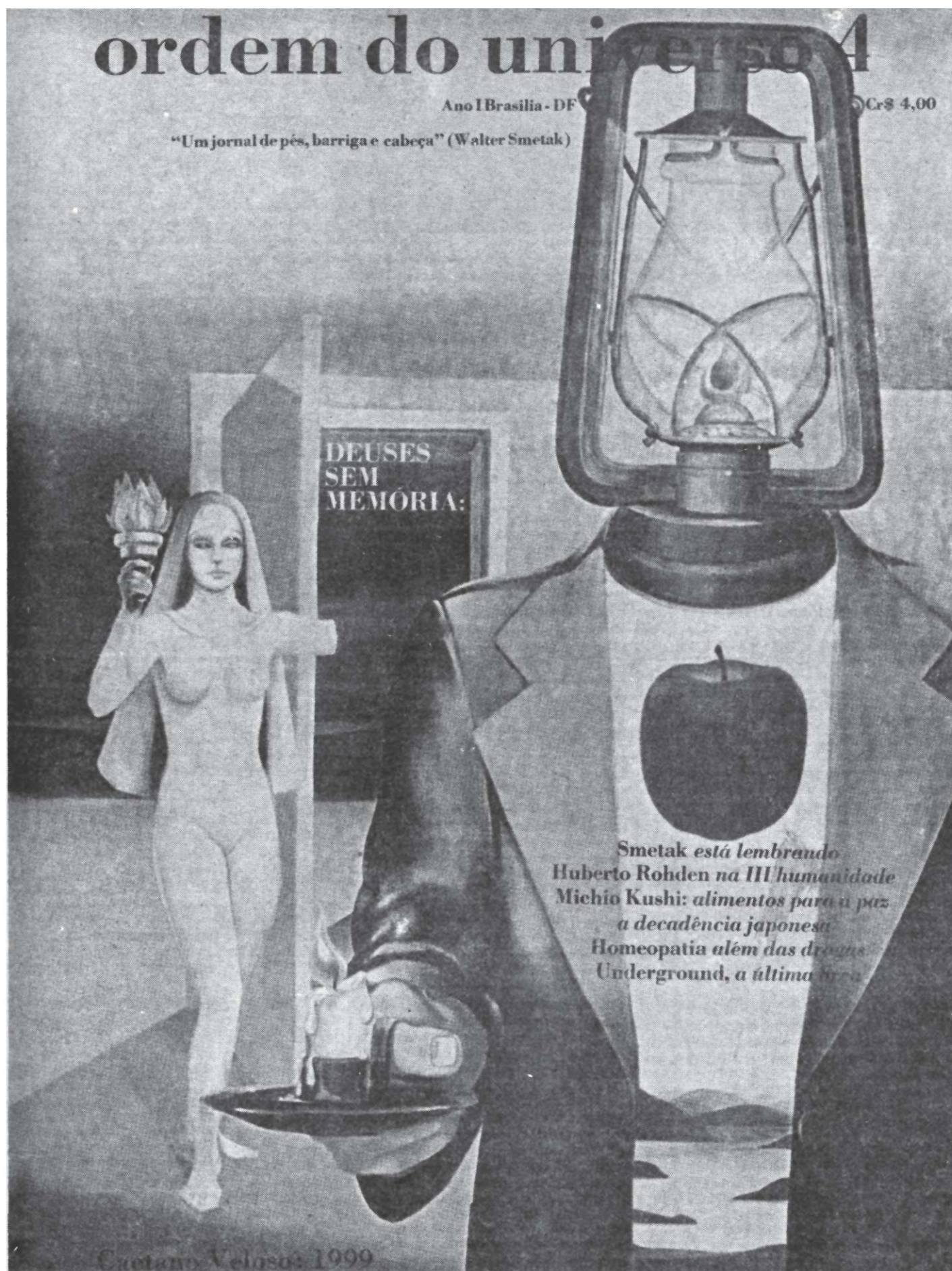
- A nossa cultura está perfeitamente organizada para se viver uma vida material perfeita. Material não quer dizer madeira, quer dizer como usar esse mundo, que não é mau porque também vem de Deus. Não que seja um produto como Pepsi-Cola; é um produto de Deus, e Krisna desenhou esse mundo para os homens desfrutar independentemente dele. Mas Krisna não quer esse mundo como está, cheio de sofrimento.

- Os comunistas são invejosos, querem todos iguais; mas não há diferença entre um doutor e uma pessoa que bebe? Os comunistas dizem que no Brasil as pessoas estão morrendo de fome, mas nenhum brasileiro viu outro morrer de fome. Dizem que o Norte é horrível. Pois vá ao Norte e procure alguém morrendo de fome. Não vai encontrar.

- Krisna dividiu os homens em 4 tipos: os trabalhadores, que são as pernas; os comerciantes, fazendeiros, administradores e policiais, que são o tronco; os políticos, que são os braços e as mãos; e os pensadores, que são a cabeça da sociedade. Aqui mesmo, em São Paulo, há essa divisão, mas os trabalhadores estão um pouco confusos porque não estão satisfeitos.

- Nós não queremos mudar nada. Os políticos estão aí e são bons políticos.

OBA! MÃOS À OBRA!



Eles acham que as cidades serão destruídas em poucos anos. E que tudo vai começar a partir do campo. Por isso foram para Sobradinho, cidade satélite do DF. O líder do grupo é o baiano Wanderley Pinho, 28 anos, miúdo, cabelo curto, ex-funcionário dos governos da Bahia e Distrito Federal, administrador de empresas, editor-chefe do *Jornal Ordem do Universo*, o JOU. Seu depoimento:

Quase que era auto-suficiente o pessoal da fazenda, nós, 12 irmãos, e mais os grandes. Então ficou no meu subconsciente gravada essa coisa, a possibilidade de muita gente viver junto, num clima de brincadeiras, de prazer, ao mesmo tempo que trabalho. Isso ficou como uma possível experiência para o futuro. Quando fui pra cidade, transei várias comunidades, mas depois de um tempo as pessoas não aguentavam ficar junto, e tal. Não tinha uma coisa que unisse as pessoas.

Fomos morar no campo, planalto central, Fazenda Guarirôba... o sonho do Roberto Pinho... Caetano, Gil tinham dado uma força, uma grana... mas o Roberto começou a ficar tão ocupado com transação material que esqueceu do relacionamento das pessoas e eu saí. Mais 12 saíram comigo, a gente vendo que era impossível começar a comunidade no campo.

Eu achava que tinha primeiro que lançar as bases na cidade pra depois então aos poucos partir pro campo. Talvez essa maneira seja a mais possível, concreta. Você tem uma estrutura na cidade e mora perto da cidade, onde pode revender seus produtos, pra evitar aqueles problemas de comercialização: produz e não tem pra quem vender... o cara te compra barato, você não vai ter condições de adquirir as coisas que a cidade produz que você precisa. Muitas coisas da cidade ainda são indispensáveis pra gente.

Essa experiência nova - desde o começo deste ano - fui eu que comecei, inclusive financeiramente. O dinheiro partiu de mim, tomei emprestado em banco, tal, e eu não tenho nada, não é nada meu na realidade. Eu pego de um lado e dou do outro. Se você pega e não dá, e você acumula, a energia fica atrofiada, não passa, não segue a espiral. Tudo deve seguir no universo a espiral do couro cabeludo, espiral das mãos, tudo é espiral, você pára... e parar é morrer. O mundo é constante mudança, vida é mudança.

Nosso objetivo é a paz mundial, por mais utópico que possa parecer.

De repente, as cidades estarão sitiadas por esses pequenos grupos de 10, 20, 30, 50 pessoas que não vão precisar mais das leis feitas pelo homem, leis intelectuais, mas sim leis naturais, leis que existem independentemente da vontade dos cidadãos e do Estado, ou dos grupos econômicos mais fortes para dominar os mais fracos. Leis naturais realmente: quem

Brasília: 28 pessoas, restaurante macrobiótico, padaria e jornal.

Por Alex Solnik

VAMOS ORGANIZAR?

trabalha, come, quem não trabalha vai morrer de fome. Quem é forte, vai ter capacidade de trabalhar 20 horas por dia e produzir 100 sacos de arroz; quem é fraco vai produzir 10 quilos de cenoura. Mas quando as pessoas estão em comunidade, o forte vai trabalhar no campo e o fraco faz artesanato, arte... ensina ioga. A relação comunitária é essa: um ajudar o outro nas suas fraquezas, quem sabe mais ensina quem sabe menos, até que haja um equilíbrio.

Daqui a 2, 3 gerações todos serão fortes... fortes ideologicamente. E muito importante ter consciência genética da necessidade do trabalho, da alimentação natural, do estudo de como juntar as coisas da tecnologia com a tradição do povo, dos índios, e criarmos uma terceira coisa, uma terceira raça, uma terceira humanidade, uma terceira tecnologia, que não é o artesanato e não é a tecnologia tresloucada, mal utilizada - mas uma tecnologia que saiba utilizar bem os recursos da terra.

Quer dizer, a civilização já tomou muitas porradas, agora é hora de aprender a utilizar bem as coisas, que somos nós mesmos, talvez aí a gente possa então construir um mundo novo e um novo homem. E eu espero que isso aconteça. Estamos trabalhando 20 horas por dia quase todos, 28 pessoas, num pique louco - às vezes eu sinto que é loucura o trabalho da gente - mas sei que é necessário enquanto somos jovens e fortes trabalhar muito, porque quando a gente tiver velho já construiu bastante coisa, já lançou bastante sementes... e aí outras pessoas virão, vão colher, vão lançar outras sementes, e a coisa vai caminhar assim em progressão geométrica. Então dentro de 30 anos é possível que a gente consiga modificar a direção da humanidade.

10 dias atrás eu tive um sonho em São Paulo. Eu raramente sonho. Aliás, as pessoas que se alimentam de cereais, basicamente, quase nunca sonham. E depois que você tem uma alimentação baseada em cereais por 3, 4 anos, quando sonha é para ter um sonho profético, pra ver uma coisa que tá acontecendo ou vai acontecer. O sonho foi assim: eu tava sobrevoando a cidade e vendo as pessoas se afastarem de São Paulo por todos os lados, todas as estradas, as pessoas com sacolas nas costas, carros com trailer atrás cheio de bagulho, as pessoas indo embora de São Paulo, não aguentavam viver mais na cidade. Não dou mais 4 anos pra começar acontecer essas coisas, as pessoas em revolta deixando São Paulo. Talvez a poluição que está mais barra pesada agora seja só o início da coisa - das pessoas andarem com máscaras de gás... crise de energia, elevador parado, fábrica parada, nem rádio, nem cinema, nem transporte, quero ver o que essas pessoas vão fazer em São Paulo.

São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Belo Horizonte, Porto Alegre são cidades que estão caminhando para uma autodestruição. Cidades onde as pessoas não vão ter mais relacionamento pessoal. A tendência das pessoas nessas cidades é se odiarem cada vez mais porque um é o concorrente do outro, e a concorrência é sempre terrível.

Então a gente prefere começar esse trabalho aparentemente difícil de pessoas com formação universitária, engenheiro, economista, psicólogo, médico, agrônomo, que deixaram bons empregos na cidade, na Bahia, São Paulo, Rio, e partiram pro planalto central, longe da civilização, dos grandes centros consumidores, de informação e coisa, pra começar de zero, plantar no campo. A gente tá com uma terra que um deputado do Rio tá dando pra gente, um deputado cassado, não sei o nome dele, é um amigo que tá cuidando disso... não sei se ele vai dar ou vender. Vamos começar a construir casas, escolas, pequenas fábricas, empacotar coisas, construir templos. Não sei a dimensão exata da terra - é um vale todo cortado de rios, uns 40 quilômetros de Brasília.

A comunidade, hoje, não é um ponto físico como referencial. Como núcleo, a comunidade tem 28 pessoas que moram numa cidade-satélite de Brasília, Sobradinho, em várias casas alugadas, 4, 5 pessoas por casa, com crianças e tudo

FOTOS: ALLAIN BARKI/CLAUDIO FAVIERE



Wanderley vai todo mês a São Paulo diagramar e rodar o jornal. Os 20 mil exemplares circulam em todo o Brasil. Só em Portugal há 200 assinantes.

isso. Temos em Brasília um restaurante de comidas naturais, uma padaria e um jornal - Ordem do Universo. Cuidamos de tudo. E quando formos pro campo, não vamos abandonar essas atividades urbanas.

Na comunidade tem gente de várias classes, mas principalmente da classe média. Tem gente pobre, um pretinho mesmo que mora com a gente, uma pessoa maravilhosa, veio sozinho e tá morando com a gente de igual para igual. Ninguém recebe salário. As pessoas têm um trabalho a fazer, primeiro com elas mesmas e segundo para o jornal, o restaurante, o que seja. A organização paga os aluguéis, tem comida, roupa, necessidades mínimas de cada um de nós. Temos uma estrutura normal como qualquer empresa: um gerente que assume a de receber o dinheiro, pagar, tem o cara que toma conta da cozinha, as pessoas responsáveis pelo restaurante, e não existe a transa do chefe, todo mundo deve fazer as coisas.

Já existem no mundo várias comunidades como essa, a nossa é apenas mais uma - tem nos Estados Unidos, na França, mesmo no Brasil em Goiás, Espírito Santo, Bahia, Mato Grosso, Paraná, São Paulo, Rio, as pessoas começando a assumir a posição de um cara que vai viver uma vida simples, aprender as coisas básicas da vida, plantar, aprender a se relacionar com a terra, fabricar alimentos.

A gente tem algumas coisas mais ou menos estabelecidas. Drogas, por exemplo, a rapaziada não usa. Não usamos e não queremos que se use lá dentro pelo seguinte: droga é muito yin, muito negativa, dispersa muita energia, você fica num mundo estupidamente caótico - se bem que a ordem do universo também seja caótica, contraditória - sua cuca começa a transmitir vibrações numa velocidade incrível e você precisa ter uma carga de energia maior para poder resolver os problemas do cotidiano que são grandes, são terríveis. Droga pra gente, além das convencionais, é remédio, açúcar, produtos químicos. A gente procura usar o mínimo possível das coisas que vêm da indústria química, quase nada.

A transação de sexo também é um assunto importante pra gente em termos de relacionamento das pessoas. Chegamos à conclusão na comunidade que sexo não é simplesmente prazer, pode ser muito mais que prazer. Pode ser uma

coisa transcendental, inclusive. Pode passar a níveis não captados pela grande massa. Cada um procura transar com sua mulher, sua amiga, sempre dois a dois, não existe uma relação polivalente, tribal.

Agora, se alguém estiver a fim de transar... é problema de cada um. E nos perguntamos: será que é interessante pôr mais um cara no mundo? Nesse mundo caótico onde a gente ainda não se preparou para ser pai, ser mãe. As pessoas vão fazer parto, e vão fazer cesariana, porque não sabem transar com o corpo pra enlargar a bacia e a criança nascer numa boa, como animal sabe. Vai pro hospital, se submete a mil drogas, mil instrumentos, faca, o diabo a quatro. O aborto é outra transação que a gente não acha legal. As 4 crianças da comunidade já vieram nascidas mas tem várias crianças pra nascer e vão ser nascidas lá mesmo, sem médico, só com os amigos vibrando: "olha aí, legal, quero ver essa criança legal, tal". E tem um negócio: as crianças lá da comunidade não choram... tão sempre numa boa.

Os regulamentos foram sendo estabelecidos através de uma coisa informal. Nada de "você não pode fazer isso, não deve fazer isso". Apenas o bom senso. O conceito tradicional de comunidade entre a rapaziada do underground internacional hoje ainda é assim - um bocadinho de gente reunida, vivendo no mesmo local, comendo, trabalhando, fazendo as mesmas loucuras. Pra gente, comunidade significa viver de acordo com um princípio qualquer que possa estabelecer uma capacidade de recepção e de emissão de energias e vibrações para todas as outras pessoas, para todo o planeta, para todas as coisas - e essa capacidade de emitir vibrações parte de uma coisa simples que é o próprio corpo.

Você sempre vai ter a alimentação como ponto de referência importante. A tua cuca, as vibrações emitidas por você, existem a partir do que você tá comendo, que é não só comida material, mas são as informações, as tuas impressões, a maneira como você respira, como você dorme - voltado para o sol ou contra o sol. Se você recebe energia, vai ter e vai emitir... você se tranca num gabinete com ar condicionado o dia todo, não vai ter energia mesmo, vai ter uma energia parada.

Uma coisa que me influencia bastante no que diz respeito à transação da formação de um grupo foi realmente a

macrobiótica. Eu comecei a sentir que a transação do viver na cidade não era mais possível, cada pessoa tinha que trabalhar em lugar específico - fazendo projetos que não gosta, trabalhando de fotografia a nível comercial, sem curtir a coisa, outros trabalhando como burocratas, tecnocratas do governo, como era o meu caso, fui assessor do governo da Bahia... Então a gente tentava viver de acordo com aquela idéia da redução de custos, mas não havia uma motivação real, um trabalho que unisse as pessoas, uma alimentação que unisse as pessoas.

Eu vinha do interior da Bahia, Inhampubi, fui pra Salvador, comecei a estudar num colégio politizado, Colégio da Bahia, comecei a conviver com o pessoal que tava ligado nas transas políticas da época, 61, 62. E participei de movimentos políticos, coisa e tal, como todo mundo daquela região. Depois veio a revolução, coisa e tal, que desvaneceu todas aquelas idéias políticas, tal, no nível teórico que as pessoas assumiram aquela coisa. Então fui conviver com o pessoal de teatro, fiz escola de teatro, me interessava por arte, por uma vida mais simples. O pessoal não tinha dinheiro e tinha que viver com roupa simples, comer de maneira simples, andar a pé e começar então a ver de forma bastante crítica a vida das pessoas endinheiradas, a vida da burguesia, sem teorizar nada, só sentindo realmente.

Toda aquela liberação que havia de você participar de passeatas, em 64, mil comícios, mil brincadeiras, invasão de universidade, não sei que, não levaram nada. Então houve um boicote a esse tipo de atitude por parte da polícia, da política do governo, e as pessoas tiveram necessidade de procurar uma nova maneira de expressão dos anseios da sua época, da vivência da realidade do seu tempo. Mais tarde, numa fase de começo de amadurecimento dessa realidade, conversando com Gil, ele começou a falar de macrobióticos - naquela época ele via macrobiótica como uma realidade muito consequente, ele era macrobiótico ferrenho, hoje não é mais, o que é muito bom. Ele dava toques a todo mundo, aqueles toques gerais, as pessoas escutavam, era Gilberto Gil falando... isso foi em 68. Comecei a ler, comer, e realmente houve uma modificação muito grande em termos físicos, biológicos, comecei a ter uma relação mais pura com as pessoas, mais real, senti que toda aquela loucura do comer não era verdadeiro na vida de um homem. Queria partir pro campo, mas me achava sem estrutura. Fazer o quê no campo?

Eu tinha começado Administração na Universidade da Bahia, depois fui pro Rio, trabalhei na Globo, no Correio da Manhã, na revista Shell de publicidade de petróleo, estudava na Fundação Getúlio Vargas, depois houve uns problemas comigo, problemas políticos, então me mandei pra Niterói, passei um tempo lá e fui pra São Paulo. Fundação Getúlio Vargas, emprego na Folha de S. Paulo... trabalho de pouco tempo, so pra garantir o pão, transporte, cigarro, mas vi que São Paulo era uma loucura e voltei pra Bahia, terminei Administração e fui ser assessor da secretaria de Planejamento.

Capaz de me relacionar bem com todo mundo, sabia que meu fim não ia ser aquele, de burocracia. Tinha certa liberdade de viajar e sempre pensando que podia pegar uma bolsa pra ir pra Europa, Estados Unidos, fazer algumas coisas que tinha vontade, mas não tinha dinheiro. E foi o que aconteceu realmente. Menos de um ano depois de trabalhar no governo consegui uma bolsa pra Espanha, de lá fui pra França, Inglaterra...

Quando você tem uma visão unitária, global, da realidade da vida, você transa com todo mundo: com os militares, governo, transa com a rapaziada, com hippy, com ladrão, com polícia, e transa numa boa porque sempre tem alguma coisa pra dizer pra eles, eles são homens também. Você consegue transmitir ao cara o conhecimento daquelas coisas simples sem se filiar a nenhum partido, nenhum dogma.

Acho que a gente não deve restringir a possibilidade de relacionamento

com quem quer que seja. Não pode é dogmatizar, se prender aos conceitos ao pé da letra. Houve toda uma geração que acreditava que a luta tinha que ser lá fora, tinha que ser para derrubar, para destruir. Nós, dessa comunidade, acreditamos hoje firmemente (e trabalhamos em função disso) que a luta tem que ser talvez até paralela, com nós mesmos; destruir esse inimigo que nós temos, que é basicamente o egoísmo de querer ter, desejar sempre; querer ter e nunca querer ser. É impossível você derrubar hoje uma estrutura montada há 3 mil anos de civilização, em cima de conceitos genéticos talvez de propriedade. E o pobre querendo, é o rico querendo.

Todo mundo querendo. O importante é que a gente possa ser, possa se preparar para uma crise que possa surgir, e eu creio muito nessa possibilidade de crise, apocalipse... o apocalipse pra mim já está sendo.

A filosofia do Extremo Oriente é muito mais profunda do que a dialética simples de Marx, Lenin e tal. Eles se esquecem de que o homem é energia, de que a matéria é apenas uma transubstanciação, como o próprio Engels disse.

Essa transubstanciação de energia é que origina tudo. Então as pessoas se apegam ao fator material, e aí você vai encontrar a mesma merda nos Estados Unidos, na Rússia, em qualquer país onde predomina a concepção material, que esquece que a dialética é complementar, o dia e a noite são consequentes um do outro, o frio e o calor são opostos complementares, não existem os opostos. O rico tem um lado pobre e o pobre um lado rico.

Geralmente, as pessoas ricas são pessoas doentes. Tão aparentemente bonitas, filho de rico é gordinho e tal, mas é fraco. Esses são os primeiros que vão se danar quando a barra pesar, faltar alimento, aumentar a poluição... O pobre talvez então tenha sua vez, o cara no campo, se dê melhor que o rico. O cara que tem uma visão política da realidade acha que isso é uma coisa reacionária, conservadora, mas eu acho isso uma coisa real, muito real. O rico se acostumou tanto à facilidade, ao conforto, que a consequência natural será ele não suportar o sofrimento.

O pessoal intelectualizou muito toda a transação do viver. E aí - mil teorias, milhões de regimes, milhões de loucuras, mas nós estamos propondo uma, entre mil outras que vão aparecer: as pessoas irem pro campo, trabalhar, trabalhar no campo, fazer fábricas no campo, pequenos agrupamentos onde se transmita ensinamentos de pai pra filho, tradições baseadas em verdades sentidas e não intelectualizadas.

O jornal é o instrumento prático de passar adiante essas vivências, essas informações para a sociedade do futuro que a gente tá imaginando. Existem umas 200 mil pessoas no Brasil ligadas a essa coisa que a gente tá trabalhando.

Não conseguimos ainda por falta de condições financeiras e estrutura atingir essas pessoas. Pessoas que compram o jornal, e compram mais 10 jornais e dão, quer dizer, não é pra comprar um jornal, é pra comprar um instrumento de luta.

O jornal pode ser uma metralhadora na mão dessas pessoas. Você não vai matar o cara, mas vai conscientizá-lo de que a culpa dele é uma arma e a consciência é uma arma muito mais poderosa que a metralhadora ou a espada ou a porrada.

Ficar divagando, filosofia, utopia, ioga, não sei o quê, macrobiótica, papá, mas não, propondo coisas concretas, como modificar, como atuar, como produzir realmente, como mudar sua vida estruturalmente.

Aos poucos, creio que o jornal vai ter mais leitores, quando falar de muitas outras coisas, dos problemas do país, problemas do povo, quer dizer, com uma consciência social em vez de apenas uma consciência ideológica, esquecendo o lado social, o lado político da realidade que é importante, faz parte do todo, né?

Vi jornal como Ordem do Universo na Europa, vendia esses jornais nas ruas,



Ninguém da comunidade recebe salário nem tem uma função definida. O cozinheiro pode virar gerente e o gerente pode virar cozinheiro.

metrô, para sobreviver, e no Brasil não tinha jornal assim. Nessa época eu era assessor da secretaria da Agricultura do Distrito Federal, pensando em poder fazer experiências com a agricultura biológica no planalto central, tal, queria fazer projetos da pesada, mas quando passei 6 meses lá dentro vi que não era possível absolutamente nada, a transação era trazer alimentos de São Paulo pra viver lá, tentar abastecer o mercado pro povo não gritar que não tinha produtos, tal. Aí sai pra fazer o jornal. Mas eu sozinho a essa altura. O jornal foi o começo da comunidade.

Tinha o dinheiro do salário e comecei a escrever, papá, Cristiano veio fazer a diagramação - foi a primeira pessoa que chegou na comunidade - e o primeiro jornal saiu macrobiótico realmente, voltado para alimentação, problemas da agricultura e tal. Mandeí o jornal pra vários amigos, Brasil, Portugal, restaurantes macrobióticos, 10 mil exemplares, na maior loucura. Aí recebemos algum dinheirinho, né, que não deu pra cobrir os custos mas deu pra dar uma força. Imprimi o segundo fiado... as pessoas gostaram do segundo número, alguns amigos deram anúncio de página inteira. O terceiro número já foi uma jogada mais firme porque já tinha um público de, sei lá, 6 ou 7 mil pessoas ligadas no jornal, escrevendo, a gente recebendo 200 cartas, muita gente querendo ajudar, inclusive financeiramente. O quarto número já saiu mais legal, acho que o jornal vai ficar.

Pode fazer um paralelo com o problema de energia na nossa civilização. O homem tem duas possibilidades de utilizar a energia: uma, aumentando a quantidade de energia para ter calefação dentro de casa, ar condicionado, bam-bam-bam; outra, fortificando-se biologicamente, internamente. Aí ele não vai precisar matar muitos animais pra ter cobertores de lã, não vai ter necessidade de utilizar muita energia pra ter água quente, etc. Nos países frios, a quantidade de energia usada no inverno é cada vez maior porque as pessoas estão mais fracas, cada vez suportam menos as condições ambientais. Só que essa fonte de energia não é inesgotável. Imagine quando não tiver mais petróleo... vamos utilizar energia atômica e aí vai ser a merda total.

Na china, por exemplo, estão construindo grandes subterrâneos nas cidades como locais específicos para guardar

sal grosso e arroz integral somente. E pode chover bomba atômica que eles vão ficar numa boa lá durante meses.

Então, enquanto nêgo tá se preparando com antímisseis, não sei o quê, nos Estados Unidos, na Rússia, os chineses que têm uma concepção clara, natural daquilo que seja o princípio único aplicado à vida cotidiana, estão se preparando dessa maneira. Inclusive o conselheiro de Mao é um velho macrobiótico de 90 anos.

Se você não pensa você mesmo tornar forte essa constituição biológica sua e da espécie, se for confiar nos governos e nos ministérios da saúde, na ONU, não sei o que mais, bábá, cê tá frito, porque hoje o que o governo brasileiro faz, por exemplo, é terrível porque está fomentando através do INPS a própria degenerescência da raça, a decadência da constituição forte do povo, porque estão dando remédio, pensando que tão ajudando o povo, remédio de graça, né? Mas estão diminuindo a capacidade de resistência do organismo.

O povo já não é resistente porque sempre comeu bagulho, mandioca, arroz branco, feijão, o que nunca alimentou ninguém, não desenvolve uma raça que pense, que execute, que faça.

Ainda vem remédio e produto químico em cima. Os currículos das universidades dando a maior força a essa política de loucura em termos de medicina, cuja meta, inconscientemente, é dar mais divisa aos grandes laboratórios internacionais das drogas, que são empresas fantásticas. Se utiliza cada vez mais esses bagulhos todos e se esquece que o pai da medicina (Hipócrates) dizia: "Que o alimento seja o teu remédio". Que seja uma coisa boa, natural e conveniente para o povo que não tem dinheiro, não tem acesso a médico, mesmo médico ruim. O Ministério do Planejamento gasta milhões de cruzeiros para planejar isso e aquilo mas que não pode ser executado porque o povo não tem dinheiro pra comprar as coisas, os produtos industrializados pela política que fomenta a industrialização, numa sociedade onde o povo não tem como base a agricultura - que sempre foi a base das grandes civilizações... se esquece de pensar na agricultura nesse nível pra se pensar numa agricultura como indústria, como se a terra, a chuva, o ar, os vírus, os micróbios que existem na terra fossem organismos inertes como são as máquinas de uma indústria.

Cada pessoa deve fazer o que mais gosta. Mas também não deve esquecer que as outras pessoas gostariam de fazer aquela coisa que ela está fazendo. Então lá na comunidade, de repente o cara que estava cozinhando passa a fazer a diagramação do jornal, o cara que fazia diagramação vai ser gerente do restaurante, outro passa a ser padeiro, a ter contatos externos, tal, uma variação de funções todo o tempo. Nunca uma coisa estabelecida: você é isso, você é aquilo. Todo mundo tem várias profissões, e aos poucos começam surgir possibilidades das pessoas se especializarem em determinadas coisas que dependem de muito estudo, astro-biofísica, acupuntura, agricultura biológica.

Nosso cotidiano lá é acordar às 5 e meia da manhã, alguns fazem ioga, outros não, alguém acorda mais cedo pra fazer o café, mingau de cereais, pão integral, chá, alguma coisa assim, tomar banho frio - todo mundo só toma banho frio em todas as casas - e descer pra cidade em duas kombis e um volks, todo mundo junto.

Domingo a gente fica em casa ou vai pra um sítio, ou tomar banho de cachoeira, toma-se banho nu, uma maravilha. Ou ficamos em casa, fazemos um almoço coletivo. Vaise muito pouco a diversões eletrônicas, cinema, teatro. E mais trabalho efetivo. Sempre voltados para trabalho, estudo, trabalho, estudo.

Temos aulas, cursos nas casas, sábado por exemplo, aulas práticas de culinária, massagem, diagnóstico de doenças, leituras coletivas. Temos uma biblioteca de mais de 2 mil livros. Se lê basicamente coisas de Michio Kushi, um mestre oriental que escreve sobre medicina, agricultura, física, química, tudo. Ele tem uma visão incrível. Mas também se lê sociologia, política, Krishnamurti, Reich, sei lá. Mas principalmente coisas práticas, mais do que teorias - como aprender fazer massagem, como aprender a fazer remédios, como conservar alimentos, como yanguizar as coisas... então você aprende basicamente transformar negativo em positivo, positivo em negativo. Em essência, a gente tá reaprendendo a mexer com os elementos da alquimia da Idade Média. São os novos alquimistas que estão chegando. Pegar o que é ruim e transformar em bom; se necessário, pegar o bom e transformar em ruim, porque o bom e o ruim também são relativos, circunstanciais, o que é bom agora vai ser ruim amanhã.

A comunidade é aberta. As pessoas vêm, a gente aluga mais casas. Não perguntamos de onde a pessoa veio, nada.

As vibrações da pessoa se sente na hora. Quer trabalhar com a gente, viver com a gente, tudo bem, vamos começar a transar. A gente dá logo um bocado de coisas pra pessoa fazer, muitos livros pra ler, pouca comida, um cobertor fininho, uma cama bem dura de tatame, coisas assim. Primeiro muita dificuldade pra pessoa sentir as barras, depois vai amainando, menos trabalho, mais comida, mais horas de sono. Isso é invenção minha, porque a pessoa chega com aquela visão da vida boa, então com muito trabalho e pouca comida ela se yanguiza um pouco, toma um pique tal que muitas pessoas se estranham depois de um mês. Uma mudança incrível.

Banho frio, por exemplo. Dou uma importância tão grande a banho frio na constituição do cara, na maneira que ele vê as coisas, só o banho já produz um câmbio incrível no pensamento do cara.

Só o fato de você eliminar açúcar da sua vida é fundamental: tua memória volta a funcionar de maneira fantástica, não a memória de se lembrar de uma coisa esquecida, mas a memória que te leva a ter gratidão por tudo, pelas pessoas que te deram a mão um dia, pelas pessoas que te deram o leite quando você era pequeno, que são seus pais...

As pessoas se esqueceram de ter gratidão. Gratidão a milhões de pessoas que trabalham no campo pra produzir o arroz que tu come, essa gratidão as pessoas esqueceram de ter. E aí, quando tua memória se desenvolve bastante, você passa a se lembrar do teu passado e a ver o futuro.

A MORTE DE CRISTO

Quem anda armado de amor, cuidado com quem não ama nada.

1. Giordano Bruno

Existem almas vazias que têm sede de sensações fortes para mobiliar seu vazio interior. São inclinadas, conseqüentemente, a fazer o mal. Nem todas farão, claro, mas as que não conseguem se livrar disso escolherão de preferência vítimas como Giordano Bruno. Por que? Porque Giordano Bruno redescobriu Cristo no Universo, isto é, o Amor de Deus em termos de astrofísica.

Bruno antecipou no século XVI, pelo simples jogo de seu pensamento, a descoberta da energia cósmica do século XX. Descobriu e reuniu num sistema de idéias as relações entre o corpo e o espírito, o organismo individual e seu meio-ambiente, a unidade e a multiplicidade do universo, universo infinito englobando uma infinidade de mundos. Toda coisa existe nela mesma e é ao mesmo tempo parte integrante de um todo. Assim, a unidade individual, ou alma, existe nela mesma e é ao mesmo tempo uma parte do todo que é por sua vez infinito e múltiplo. Bruno acreditava numa alma universal animando o mundo; para ele, esta alma se identificava com Deus. Bruno era essencialmente funcionalista. Tinha uma idéia tão clara quanto abstrata da identidade e da antítese funcionais simultâneas. Ele se movimentava no interior da corrente universal que transportaria o pensamento humano em direção à formulação concreta, 400 anos mais tarde, das equações orgonômicas funcionais. Descreveu, segundo seu senso, muitos atributos da energia da atmosfera que o inventor da Energia Vital do século XX tornou visível, manejável e utilizável com fins práticos, bioenergéticos. Para Bruno, o universo e todas as suas partes possuíam qualidades que se identificavam com a Vida. Em seu sistema, não havia contradição irreduzível entre o individualismo e o universalismo, pois o indivíduo era para ele nada mais que parte de um todo e não um simples número, parte de uma soma, como nas matemáticas mecânicas. A alma do mundo estava em todas as coisas, agindo como alma individual, mas também ao mesmo tempo como parte integrante da alma universal. Esta teoria concorda, apesar do emprego de fórmulas astrofísicas, com o funcionalismo orgânico moderno.

Bruno tinha ainda descoberto o caminho que leva ao conhecimento de Deus

e era por isso que devia morrer. E morreu após uma agonia de nove anos, de 1591 a 1600; em 16 de fevereiro deste ano foi arrastado pelos herdeiros de Jesus Cristo em direção à fogueira e lançado em suas labaredas em nome do Amor do Criador. Se bem que a Igreja Católica pudesse, graças ao poder que exercia sobre milhões de almas humanas, chegar ao ponto de cruéis técnicas imperialistas, ainda que fizesse disso uma coisa da qual fazia parte a execução pelo fogo dos perigosos pesquisadores da realidade do mundo de Cristo, não se teria razão de inscrever esses métodos diabólicos no passivo da Igreja Católica somente. A Igreja não é mais responsável pela introdução e manutenção de métodos da Peste Emocional que um Nero, um Calígula, um Gengis Khan, ou, na época moderna, um Hitler ou um Stálin. A peste que sempre se mostrou feroz quando os líderes tinham pela frente a difícil tarefa de manter a unidade e a cooperação entre as multidões doentes, entorpecidas e cruéis.

As doutrinas de Bruno carregavam, apesar de sua orientação judiciosa, muita energia, muita força para modificar a ordem que serve de base à massa sempre semelhante de animais humanos — massa cujos sonhos deviam se manifestar durante os três séculos seguintes pelas agitações destinadas a sacudir as bases do mundo humano. Se tivéssemos permitido que a descoberta de Deus e de seu Reino se fizesse realidade, que os homens descobrissem em seus espíritos, em seus corações e em seu modo de vida tudo o que a Igreja transformou em "mistérios" e pôs fora dos limites acessíveis, o mundo teria naufragado logo. Aí está o destino trágico de todo o conhecimento que nasce num mau momento, num mundo mal preparado para recebê-lo. Eis porque Bruno de Nole devia morrer.

Os inquisidores bem colocados, os procuradores gerais, os soberanos pontífices da Igreja estabelecida não são quem põe fogo na pólvora. Não é a massa humana passiva, sofredora, sonhadora que arrasta os Brunos diante dos Tribunais da Inquisição, simples etapa desses condenados, no caminho até a fogueira. Nem o inquisidor, nem a massa adormecida de homens são e se sentem responsáveis pela morte de um profeta. A massa adormecida não tem a menor idéia dos crimes perpetrados em seu nome, e o inquisidor não faz nada além de seguir certas regras ou leis, de manear mecânica, rígida, como um robô des-

provido de graça e de liberdade para agir de outro modo.

O verdadeiro assassino que desencadeia o horrível mecanismo é em geral um cidadão discreto e "bem pensante" que nada tem a ver com o problema da multidão adormecida e sonhadora de homens nem com as graves responsabilidades administrativas dos juizes e inquisidores. O verdadeiro assassino é o detetive que se lança à perseguição do prisioneiro em fuga, não porque o detesta, nem porque deseja dar força à lei, nem porque conhece os partidários e os limites do negócio. O verdadeiro assassino é o infeliz que chega por acaso; a falta de sorte atingindo a vítima sem nenhuma razão, como a bala perdida de um caçador que erra na mira do cervo e mata o guarda florestal que passava ali por acaso.

O verdadeiro assassino não tem a intenção de matar uma pessoa determinada ou um indivíduo qualquer. A vítima sucumbe ao assassino. As razões que nada têm a ver com sua verdadeira vida, suas crenças ou seus lucros com o assassinato. A vítima teve somente o azar de cruzar num dado momento o caminho do assassino, momento importante aos olhos do assassino, mas não da vítima. Um profissional pago para matar não tem nada contra sua vítima; não a escolheu nem lhe deseja nenhum mal. Mata porque sua função é matar, não se interessa em saber quem tomba sob o machado ou sob a guilhotina, quem senta na cadeira elétrica.

O assassino de Giordano Bruno era um nobre veneziano que tinha o nome insignificante de Giovanni Mocenigo. Ninguém jamais ouviu falar dele antes do assassinato, ninguém se recordaria dele após o assassinato. Ele poderia muito bem ter se chamado Cocenigo ou Martenigo. Ele não sabe nada, não faz nada, não ama nada, não se interessa por nada salvo sua completa nulidade. Ele se coloca em qualquer lugar, passeia em qualquer lugar, não necessariamente num palácio, e medita geralmente sobre algum golpe mau. Ele produz sonhos perniciosos como a galinha põe ovos, sempre um por vez. Ele é suficientemente maligno para se livrar de seus crimes ordinários, como qualquer criminoso audacioso e temerário que ataca um banco para ter dinheiro sem se dar muito trabalho ou que, à noite, vai pela rua das mulheres, impelido por suas necessidades sexuais. O matador pestilento não justifica seu crime nem mesmo no seu íntimo. O caráter empestado sai à procura de um motivo para matar: a vítima deve ter um traço que a designa para a morte: ela deve se distinguir da multidão adormecida ou imóvel, sua alma deve, de preferência, parecer com a de Cristo que tinha o sentido de eternidade.

O matador empestado distingue-se do matador racional que espera de seu crime dinheiro ou satisfações sexuais, ele mata por nada. Assassina sua vítima porque simplesmente não suporta a existência de almas como de Bruno, de Cristo, de Ghandi, de Lincoln. Ele pode ocupar um posto qualquer numa administração governamental ou comercial, num instituto universitário bacteriológico ou numa sociedade de luta contra o câncer. Pode ser jovem ou velho, do sexo masculino ou feminino. Uma coisa só importa: o que o impele para o mal é o desejo sexual cruelmente pervertido e frustrado: ele detesta o amor de Deus a ponto de matar em nome de Deus, do Cristo ou da honra nacional.

Foi assim que Mocenigo, o nobre veneziano de alma vazia, escreveu duas cartas a Bruno, nessa época em Frankfurt, e pediu que o sábio lhe ensinasse "a arte da memória e da invenção". Melhor dizendo: Mocenigo sabia que Bruno possuía em abundância o que lhe faltava e quis se empanturrar com o sangue de sua futura vítima.

Bruno acreditava no poder do amor que une todas as coisas e impulsiona o homem a fazer o bem. Bruno acreditava firmemente no grande amor que, unindo todos os homens do universo, os confundia numa só unidade e gerava tudo que há de bom no homem, tal como Jesus Cristo acreditou no poder do amor, no qual via a grande força do Reino de Deus. E aceitou se instalar na casa de seu assassino.

Se Mocenigo o fez vir, foi porque desejava apreender dele a grande arte do pensamento. Quando Bruno exprime o desejo de retornar a Frankfurt, Mocenigo se opõe e ameaça apelar ao Santo Ofício. Diga-se que Mocenigo tem, como todos os assassinos de sua espécie, alguma ligação com os inquisidores. Ele decidiu utilizar esse vínculo para prejudicar seu generoso amigo se este recusasse ensinar a "grande arte do pensamento e da memória". Vale dizer que Mocenigo zombava violentamente do conhecimento. Não sabia mesmo o que fazer dele, como manejá-lo, desenvolvê-lo, aplicá-lo.

Tudo o que sabia fazer era extrair pensamentos pífios de seus órgãos genitais entorpecidos. Ele não se interessa pelo conhecimento enquanto tal, não sonha com aprender a fazer pesquisas, resolver problemas. Ele gostaria de apropriar-se do conhecimento como alguém cobiça um belo carro, um iate, uma garota do bar ao lado, ou simplesmente um prato de peixe para encher a barriga. Ele quer ter por nada todas as coisas que o outro adquiriu à custa de grande esforço e árduo trabalho. Que tenham o nome de Mocenigo, Caifás, Judas, Saul de Tarso ou Stálin, é sempre a mesma história que não vai mudar. Eles não suportam esse pensamento; isto os faz empalidecer de inveja; isto lhes dá um desejo irreprimível de uma coisa que são incapazes de possuir; por isso eles conduziram Cristo para a cruz e Bruno para a fogueira.

Quanto mais a futura vítima se aproxima do conhecimento do Reino de Deus, mais se arrisca a ser assassinada.

E tudo isso se passa sem que ninguém saiba de nada, nem mesmo o assassino. Bruno insiste em partir — suspeitando, talvez, de seu futuro assassino — mas Mocenigo insiste que ele deve pernoitar, com o apoio da "autoridade secular". A partir desse momento, o mecanismo da mola-robô acionado pela Peste Emocional através dos anos entra em ação e não pára antes que a vítima seja reduzida a nada. A inveja e as baixas intrigas de um Mocenigo não têm grande importância, elas nem mesmo figuram nas alíneas do processo verbal. O verdadeiro motivo do assassinato nunca é mencionado, não interessa ao tribunal que se dê em 1592 ou 1952, na Itália, nos Estados Unidos ou na União Soviética. O verdadeiro motivo desses desprezíveis assassinatos não é objeto de nenhum inquérito, em qualquer lugar que seja, salvo quando se trata de assassinatos de rotina, mas nunca nos Assassinatos dos Cristos. Os juizes que pronunciam as condenações e os tribunais que as executam são livres para chegar até onde queiram, mesmo que suas vítimas sejam inocentes. Se, como muitas vezes acontece, o erro não pode se manter secreto, a vítima deve agradecer se ainda estiver viva; se estiver morta, qualquer um vem



POR WILHELM REICH

Quem não vive o pleno gozo sexual, só pensa em violência.

chorar sobre seu túmulo, mas ninguém ousa atacar o verdadeiro assassino.

A partir desse momento é sem nenhuma importância que se fixe aqui ou ali o ato de acusação, que se proíba a Terra de girar em torno do Sol ou as pessoas de acreditar numa Alma Universal, ou no Amor Universal; não importa se fizemos conferências aqui ou ali, se levamos uma vida de homem honesto, se tivemos só o azar de cair acidentalmente numa emboscada. Tudo isso não tem a menor importância desde que o verdadeiro tema é a morte de Cristo, suspeito de querer instaurar sobre a Terra seu Reino de Deus tão receado. Pouco importa saber se Cristo declarou verdadeiramente que era o rei dos Judeus. Isto não foi senão um pretexto e todo mundo tem consciência disso.

Tem-se o cuidado de cercar o assassinato jurídico de todas as aparências de legalidade, para que a morte se faça naturalmente e sem proeminências. Ninguém deverá jamais ser acusado de uma injustiça. O código de honra deve ser respeitado. Cada um sabe como as coisas se passaram mas ninguém se mexe.

Bem mais tarde, quando a vítima já estiver morta há muito tempo, quando seus apelos a Deus tiverem se esvaecido para sempre, quando o mito da "justiça feita" tiver se evaporado, os historiadores se debruçarão com toda segurança sobre os fatos. E pode acontecer que um papa se ajoelhe diante do túmulo de uma das vítimas para reabilitar, a título póstumo, sua honra. "Obrigada, Senhor" ouviremos a vítima murmurar. E mais uma vez, Deus renuncia à sua criação, o homem feito à sua imagem, e continua a enviar seus profetas para pregar nos desertos imensos e vazios. Mecenigo é esquecido. Ninguém fez pesquisas sobre ele, ninguém o julga culpado mesmo que alguns o desprezem. Ainda mais, haverá pessoas para sustentar que Cristo foi crucificado por motivo justo, pois ele se insurgiu como um simples rebelde contra o governo estabelecido, provocou sem necessidade os escribas em vez de ficar calado e deixar tranquilamente as almas humanas estagnadas no imobilismo.

2. Contraverdade

Para compreender o líder, é preciso antes compreender aqueles que ele lidera. Para combater o adversário, é preciso conhecer sua força e seus fundamentos racionais. Para compreender o domínio dos fascistas Negros e Vermelhos sobre as massas populares, é preciso antes conhecer o povo. Foi daí que partiu em 1930 a pesquisa sobre o fascismo "psicológico das massas".

Para nos servirmos utilmente do instrumento da verdade, é preciso conhecer a fundo a contraverdade. A questão não é saber por que existe uma verdade sobre as coisas, mas por que a verdade não chega a se impor. Se é verdade que apesar de todos os sermões sobre a verdade e a paz — os mentirosos, os trapaceiros e fuxiqueiros estão geralmente em boa situação econômica, deve haver uma força poderosa que se opõe à verdade. Esta força não pode ser a própria mentira, já que a mentira não é dura. É preciso então que haja alguma verdade fundamental de um gênero particular, que pregue uma peça na verdade propriamente dita. Esta verdade, nós a chamaremos de contraverdade.

A mulher que tem um amante além de seu marido legítimo, vive uma verdade importante: Seu casamento se acabou, ou porque o marido a trata mal, ou porque ele é impotente, ou porque simplesmente ele não é o marido que ela precisa, se bem que sob outros aspectos ele

possa ser um homem de valor. A vida é rica, muito rica para que se possa prendê-la numa camisa de força medieval. Portanto essa mulher não vive a verdade sem mentir. Em seu caso, sua mentira esconde uma contraverdade muito importante: se o marido soubesse, ele a mataria ou mataria o amante, ou talvez os dois. Ninguém lucraria com isso. Tratando-se da verdade, a contraverdade é, nesse caso, mais poderosa que a verdade.

Na época das conferências de Teerã e Yalta, havia boas razões para não revelar a verdade sobre o embuste que os fascistas vermelhos preparavam para os americanos. A contraverdade, nesse caso, era a aliança com os Fascistas Vermelhos contra os Fascistas Negros.

Os representantes oficiais são obrigados a jamais dizer uma verdade, de manter-se afastados da verdade, de evitar todas as questões embaraçosas, veridicas, de se limitar a formalidades ocultas, de "representar" sem jamais desistir de... QUE? De costumes? O que são os costumes e por que há "costumes"? É uma questão de boa conduta? Evitar a todo preço a verdade, é se conduzir bem? É por respeito ao público? Por que o público foge da verdade? Por que um homem que simplesmente diz a verdade é considerado um herói? É porque a multidão é composta de covardes? Por que a multidão é fraca quando se trata de dizer a verdade?

Existem contraverdades essenciais servindo de barreira à irrupção da verdade. Antes de procurar o fundo racional da contraverdade, tratemos de limitar seu domínio:

Os Judeus não tinham o direito de entrar no campo dos santos. Por quê? Não temos o direito de achar que, para dar pensamentos elevados a um povo, é preciso pô-lo em contato diário com o sagrado? Ora, nesse caso não foi assim. É preciso então que uma razão maior se oponha ao que se permite ao povo, para que ele possa entrar no santo recinto da verdade.

A energia cósmica, que se manifesta em todas as coisas e age nos sentidos e emoções de todos os cientistas e pensadores, nunca foi abordada de maneira concreta. É tanto mais admirável que seus efeitos, tais como o cintilamento do céu, o pisca-pisca das estrelas nas noites claras e a ausência de cintilamento nas noites nubladas, o campo energético dos corpos vivos, o desaparecimento do campo energético durante o processo da morte, o frágil clarão azul e cintilante na "obscuridade completa", o halo dos corpos celestes, e muitas outras funções, como as bolhas em todos os tecidos que se desintegram, podem ser facilmente observáveis; mas nós os ignoramos durante os 2.500 anos nos quais o homem explorou a natureza. Quando, enfim, a energia cósmica foi praticamente descoberta e poderosamente "posta em evidência", houve um grande alvoroço, uma grande confusão, sussurros e mexericos; mas durante anos pessoa alguma tocou em um acumulador ou olhou em um microscópio. Por que tanto cuidado em escapar à evidência? Por que precisamos de gênios para descobrir o que salta aos olhos?

A arma da verdade comporta a necessidade de colocar questões, sejam agradáveis ou não, qualquer que seja o resultado. Se o teu pior inimigo afirma coisas falsas, é preciso provar que elas são falsas. Se ele diz a verdade, é preciso admiti-la, mesmo que ela lhe doa.

A verdade de teu inimigo é a contraverdade para a tua verdade. O adversário de tua verdade diz a verdade, há qualquer coisa de falso, de prematuro ou de incompleto na tua verdade. Antes de compreender inteiramente os assassinatos de Hitler, era preciso reconhecer a verdade do que ele dizia sobre os mar-

xistas, os Judeus, os liberais e a República de Weimar. O conhecimento de sua verdade, quer dizer, de sua contraverdade, seria uma medida indispensável antes que pudéssemos passar à operação seguinte e perguntar: "Como Hitler pôde se impor? Como é possível que uma população de 70 milhões de indivíduos cultos e trabalhadores pôde se deixar seduzir por um psicopata manifesto?" Sem se colocar a questão é impossível obter uma resposta. Hitler foi incontestavelmente o representante de uma contraverdade.

A resposta ao problema de Hitler está ligada à estrutura do caráter do povo que tornou possível seus assassinatos. Foi o povo que fez Hitler e não Hitler que se serviu do povo. Se o povo não fosse em seu íntimo hitleriano ou staliniano, não haveria Hitlers nem Stalins. Aí está a contraverdade de 1932. É sobre ela que poderia ser fundada uma nova ciência da "psicologia das massas" orgonômica, a teoria do papel da família autoritária, do medo à liberdade enraizado no povo, de sua incapacidade estrutural para organizar a liberdade e o autogoverno, da estrutura do caráter obscuro e fundamentalmente sádico das "camadas médias" do povo; foi de lá que partiu...

A distinção entre o núcleo bio-energético e as necessidades primárias é portanto a verdade, formulada por um biopata disfarçado em herói nacional, que conduziu a novas questões fundamentais, a novas verdades.

A contraverdade é o início de um novo desenvolvimento que pode ser muitas vezes mais importante que a verdade. A verdade será tanto mais sólida e sã quanto o melhor for compreendida a contraverdade. Se desejamos descobrir a contraverdade, devemos ser capazes de nos fazermos de "advogado do diabo", para nos identificarmos com o inimigo, para nos sentirmos grosseiros.

Se a economia sexual, em seu início nos anos 20, tivesse conseguido provocar um movimento "político-sexual", teria provocado um dos maiores desastres da história da humanidade; não porque as afirmações publicadas desta época não correspondessem à verdade, mas porque elas não continham toda a verdade que implica sempre também na contraverdade. Neste caso, a contraverdade era a seguinte: a repressão da sexualidade das crianças e dos adolescentes obedecia a uma necessidade;

renunciar a isso teria sido um erro fatal, porque essas crianças e esses adolescentes deviam se adaptar a uma estrutura social que exigia a colocação de uma couraça contra a liberdade emocional. Crianças sem couraças teriam sido incapazes de viver na sociedade de 1930, em qualquer lugar que fosse. Por essa razão, a verdade sobre os efeitos nefastos da couraça imposta às crianças e aos adolescentes não poderia aparecer nessa época. A verdade, tal como estava formulada, não podia — na ausência de toda informação sobre a contraverdade que lhe barrava o caminho — agir de acordo com seus próprios fins e intenções.

Constatar isso é verdadeiramente se fazer de "advogado do diabo". A contraverdade é muitas vezes mais cruel que a verdade, mas é também mais útil à instauração final da verdade. Na teoria, a auto-regulação fundada sobre a economia sexual é "perfeita", é infinitamente melhor, é infinitamente mais limpa, mais consistente, mais sã, mais conveniente que a regulação moral. Na prática, muitos exemplos vistos na Vida provam isso. O homem que goza plena satisfação sexual não é obcecado por pensamentos e sonhos obscuros. Ele ignora os instintos que o impulsionaram a estuprar ou mesmo a seduzir uma mulher contra a vontade dela. Ele não sonha nem de longe em praticar a violência a quem quer que seja, ou entregar-se a perversões. É o caráter plenamente sexual que satisfaz inteiramente às leis morais do cristianismo e de todas as religiões autênticas.

(Extraído de O Assassinato de Cristo, a ser lançado pela Ex- Editora.)



SÃO PAULO

1975

A Grande São Paulo está explodindo. Em uma área de 18 mil quilômetros quadrados, a Grande SP e seus 10 milhões de habitantes produziram, no ano passado, bens avaliados em Cr\$ 196 bilhões: 36% da riqueza nacional. Ao lado disso, o secretário estadual de Negócios Metropolitanos, Roberto Cerqueira César, afirma, em uma síntese do diagnóstico preparado pelo governo Paulo Egydio:

- Todos os estudos realizados e os indicadores disponíveis revelam sintomas evidentes de uma profunda crise social. Tanto no setor da Segurança, como no da Saúde, no da Educação e em outros setores, a situação é de deterioração rápida.

No setor da Segurança, os índices de criminalidade crescem sem parar. Fato mais grave ainda: o aumento da delinquência infantil e juvenil faz prever longo período de futura intranquilidade social.

No setor da Saúde, o relatório mostra que o índice de mortalidade infantil, na Grande SP, é o mais alto do país e ultrapassa o de países considerados altamente subdesenvolvidos e, até, semi-selvagens. Endemias, epidemias e outros indicadores habituais (de saúde) são "profundamente inquietantes".

Depois de julgar "insatisfatória" a situação do ensino, que apresenta "altos índices de repetência, de evasão escolar, de baixíssimo rendimento dos estudos e de péssimo desempenho do setor educacional", Cerqueira César continua:

- O setor da Segurança tem sua ação voltada para a contenção da criminalidade, através da repressão e da recuperação - altamente problemática - do delinquente. No setor da Saúde, a ênfase está na assistência - também precária - ao doente, em vez da ênfase na prevenção (de doenças). A mais grave, porém, dessas distorções, está na política adotada em relação ao menor. É uma política baseada em conceito totalmente irreal, que faz distinção entre o menor assistido e o abandonado. Essa distinção é absolutamente falsa, na região da Grande SP, onde a estrutura familiar se desfaz diariamente, pela necessidade da colaboração de todos os membros válidos da família para o sustento da casa.

Com base no diagnóstico oficial, Cerqueira César afirma que "73% da população da Grande São Paulo sofrem de má nutrição e apresentam deficiências pro-

teico-calóricas, provavelmente decorrentes do baixo nível de renda per capita da população". E argumenta:

- As zonas periféricas, onde se localizam as camadas da população de mais baixa renda, são as que gastam a maior parte (52% do orçamento familiar em alimentação, as que apresentam maiores índices de subnutrição e as que pagam mais caro pelos gêneros, pois são atendidos em empórios e quitandas de preços elevados. O nível de consumo é determinado, principalmente pelos preços dos produtos no varejo. Esses preços cresceram - nos últimos 3 anos - de 100 a 150%, onerados ainda por custos crescentes na distribuição e pela ação do poder público (impostos).

Cerqueira César examinou também os padrões de habitação de famílias com renda inferior a 4 salários mínimos:

- O sistema habitacional vigente não consegue atender a essa faixa de renda, por causa do alto custo das construções, dos terrenos e dos financiamentos. Essas famílias moram em favelas e cortiços, em casas construídas nos fins de semana, sem redes de água e de esgoto. São precários os materiais de construção. O alto custo da terra é o problema básico a dificultar o acesso à habitação, que tende a se agravar.

Ligado ao sistema habitacional, está o do saneamento básico, que inclui a distribuição de água tratada e o serviço de esgotos. Em sua síntese, Cerqueira César demonstra que, na Grande SP, só 53% da população bebem água distribuída pela rede de abastecimento, enquanto apenas 30% dos habitantes moram em casas servidas pela rede de esgotos. Resultado: a maioria da população corre o risco de beber água contaminada por fossas negras, expondo-se a diarreias, febre, tifoide, hepatite, verminoses, esquistossomose, além de outras infecções do aparelho digestivo.

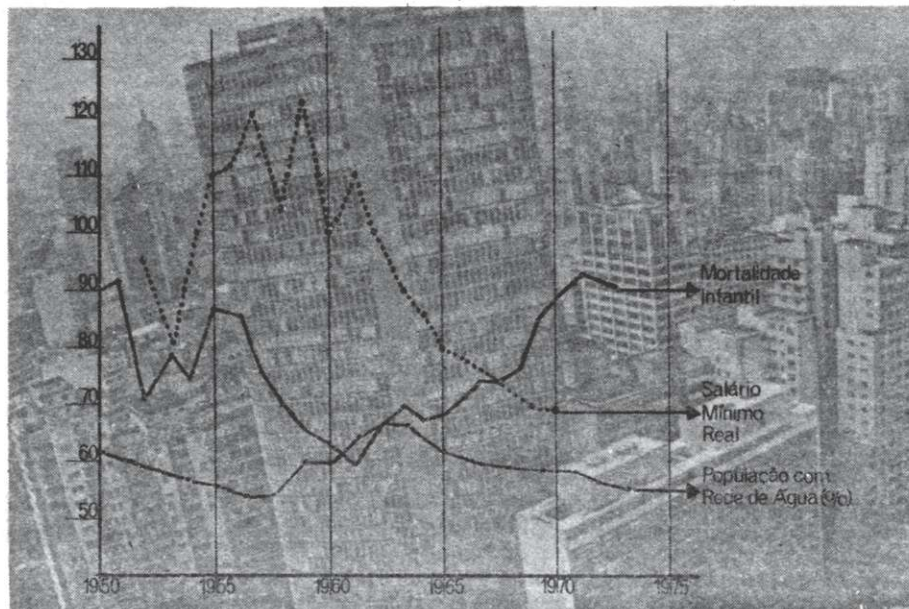
Mais: os crescentes índices de poluição tornam piores ainda os padrões sanitários de SP. Asma, bronquite, enfisema pulmonar e outras doenças das vias respiratórias podem ser atribuídas aos poluentes do ar da Capital paulista. Carga poluidora mensal, resultante da queima de óleo e lenha nas indústrias: 4.232 toneladas de óxido de enxofre, 790 toneladas de óxido de nitrogênio e 50 toneladas de cinza e poeira. Essa carga ainda inclui 458 toneladas de dióxido de enxofre, despejadas por 5 fábricas de ácido sulfúrico e 6.600 toneladas de pó que 2 fábricas de cimento e os fornos de fundições espalham no ar. O consumo de gasolina na cidade por seu lado, repre-

senta uma carga poluidora, diária, de 1.726 toneladas de monóxido de carbono, 150 de hidrocarbonetos, 84 de óxido de nitrogênio, 9 de material transformado em partículas, 6 de óxido de enxofre, 3 de ácidos orgânicos e outras 3 toneladas de aldeídos. Isso sem contar as quase 83 toneladas de carga poluidora diária, resultante da queima de óleo diesel, segundo dados da Cetesb (Companhia Estadual de Saneamento Básico) que não incluem os poluentes emitidos por outros processos industriais. Diz Cerqueira César:

- A poluição atmosférica na Grande São Paulo tem mostrado índices superiores ao nível de referência da Organização Mundial da Saúde, evidenciando a qualidade insatisfatória do ar e, no inverno, podendo atingir índices altamente críticos.

Para mostrar a qualidade de vida na Grande SP, os autores do diagnóstico, setor da Saúde, analisaram os índices de mortalidade infantil, que os sanitaristas considerem a mais exata revelação do nível de saúde de uma população. Técnicos responsáveis pela elaboração do diagnóstico: Walter Leser (secretário da Saúde), Ruy Laurenti, João Yunes, Edmundo Juarez, Cid Guimarães, Evelin Naked de Sá, Reynaldo Ramos, Sérgio Reis Quaglia e Vitorio Barbosa - uma das equipes da assessoria técnica do governador Paulo Egydio. Analisando os índices de mortalidade infantil (crianças com menos de 1 ano), esses técnicos afirmam:

- No município de São Paulo, a mortalidade infantil vem apresentando comportamento assustador. De 1940 a 1941, o índice médio de mortalidade infantil foi de 129,6 por 1.000 nascidos vivos, caindo para 90,6 (em 1950/51) e para 61,4 (em 1960/1961). A partir dos primeiros anos da década de 1960, esse índice começa uma elevação acelerada, atingindo o valor médio de 89,1 no biênio 1970/1971. Os dados de 1971 a 1973 nos permitem verificar que esse índice continua aumentando para valores em torno de 95 por mil nascidos vivos, ultrapassando os valores observados há 25 anos.



1950

Os autores do diagnóstico explicam o motivo de sua inquietação:

- O que chama a atenção, no caso de São Paulo, é o fato de que a mortalidade infantil tenha aumentado 45% nos últimos 13 anos, um período em que todos os países - ou quase todos - continuam a apresentar uma educação em seus índices.

Além da morte de crianças de idade inferior a 1 ano, os autores do diagnóstico analisaram ainda o índice de mortes entre crianças com menos de 1 mês (mortalidade neo-natal). E concluíram:

- Foi demonstrado que a mortalidade neo-natal, no município de São Paulo, vem aumentando nos últimos anos, sendo que a situação atual é tão ruim como a observada em várias áreas da América Latina, incluindo áreas rurais de baixíssimo nível sócio-econômico. Por isso, a situação atual é inteiramente incompatível com o grau de desenvolvimento e de civilização a que chegamos em São Paulo.

Em seu diagnóstico, os assessores do governador Paulo Egydio revelaram que a degradação do nível de saúde da população da Grande São Paulo - durante a década dos anos 60 e até agora - decorreu, principalmente, de desfavoráveis alterações nos fatores ambientais e sócio-econômicos. As variações aparecem em gráfico que faz parte do diagnóstico e explica as oscilações da mortalidade infantil, segundo as variações do salário-mínimo real e do abastecimento de água tratada.

São 4 as conclusões do diagnóstico do setor da Saúde, incluídas na síntese do secretário de Negócios Metropolitanos, Roberto Cerqueira César:

1 - As condições de saúde da população da Grande SP vêm sofrendo progressiva deterioração, a partir dos primeiros anos da década dos anos 60.

2 - Avaliado por alguns expressivos indicadores, o nível de saúde de sua população equipara-se - ou é até inferior - aos de outras regiões que apresentam desenvolvimento econômico menor do que o atingido na Grande SP.

3 - As condições extremamente precárias do saneamento básico e a progressiva redução do poder aquisitivo da população - com reflexos evidentes em seu estado nutricional, especialmente nas faixas de menor renda - constituíram os principais fatores condicionantes dessa situação.

4 - As atividades médico-assistenciais e sanitárias não acompanharam, durante o período, o crescimento da demanda, que resultou não só do incremento populacional, mas também do próprio aumento dos agravos à saúde.

Demócrito Moura

É andar. E andar. Osasco, Lapa, Água Branca, Perdizes, Barra Funda, Centro, Pinheiros. O roteiro é esse, com alguma variação para as beiradas das estações de ferro, dos cantões da Luz, dos escondidos de Santa Efigênia.

Para isso volto a São Paulo, revirando esta umidade, este frio. A verdade inicial é que - 15 anos depois - às caras mudaram, muito jogador e muito sinuqueiro sumiram na poeira, a maioria envelheceu, degingolou, esquinizou-se para longe, Deus saberá em que buraco fora das bocas-de-inferno em que os conheci. Mas o espírito ainda é o mesmo: duro, frio, sofrido, ô solidão de cimento armado e quanto problema continua, ainda mais depois da Lapa, nas minhas beiradas de Presidente Altino, Jaguaré, Osasco. Quanto muquinho, meu Deus, e quanto miserê nas beiradas das estações da Sorocabana.

São Paulo me dói, bate fundo aqui dentro e o que me irrita é que me passaram, me pespegaram, num coquetel, um folheto colorido, publicidade de turismo sobre a minha cidade. Um cinismo, um farisaísmo: o papel acetinado, visto, encorpado, brilhante, colorido mostra uma cidade que não existe.

"Compre em São Paulo o que o mundo tem de melhor". Meu Deus, mas se gente como o meu povinho de Presidente Altino e Jaguaré, mal pode comprar o arroz-e-feijão com que tapeia o estômago?

Estou diante do Martinelli e procuro um salão de bilhares que já existiu no andar térreo, o Mourisco, aquele grandalhão, dos espelhos laterais do tamanho de um homem e onde funcionavam, certos e terríveis como relógios, sinuqueiros de nome - Brama, Tarzan, Estilíngue... Não existe mais. Nem o salão, nem as dignidades antigas, a fortaleza, o estilo à *mussolini* daquele que um dia foi um dos maiores (um dia foi o maior) edifícios paulistanos. Empurro para longe um sentimento de culpa, enquanto leio no folheto turístico: "em São Paulo você faz negócios da China".

Ganho o Vale do Anhangabaú, atopejado de gente, carros, ônibus. Como sempre a pergunta: para que tanta correria e onde está, afinal, o lugar para o pedestre? Os carros roubaram. As calçadas apinhadas, filas para as conduções, gente e mais gente se acotovela, se esbarra, se empurra. É pressa, a cidade tem pressa. Aqui, os lentos não têm vez.

Mudou, decaiu, trocou de gentes o Largo do Correio. Hoje, pertence aos mal vestidos, aos descorados, às prostitutas, à molecadinha esfarrapada e miudamente pedinte, aos desocupados e aos tristes. Volto, pego a avenida São João, esta que me dói a cada milímetro. Noto claramente que do Anhangabaú até o Bar do Jeca o comércio caiu de classe, se amesquinhou, deu em lojas que vendem mixórdias, quinquilharias, penduricalhos, eletrodomésticos, aparelhos de som, discos. Não é isso que me grita, mas a dignidade que prossegue, viva e velha, na placidez relativa do Largo do Paçandu, a igreja dos negros, da crioula, um momento simpático desta cidade.

Entro num dos poucos lugares que resistem ao progresso em São Paulo, o Ponto Chic, onde nasceu o bauru e como o meu, humildemente. É fácil verificar, amuado, que a freguesia já não tem mais artistas e nomes consagrados da cidade. Gente anônima, agora. Não mais a frequência de um Sérgio Milliet, de um Pagano Sobrinho - morreram.

A verdade é que se come bem, quente, barato e muito em São Paulo. Uma gastronomia de todas as raças, escondida nos restaurantes ou exposta nas ruas - pizzas, pastéis, esfirras, quibes, churrascos, comilanças luso-afro-tupiniquins e todo o restante do acompanhamento. Em São Paulo, comer é um despotismo.

Tráfego intenso, desnorteante, minhocões, buzinas metendo medos e sustos. Ocorre-me uma frase ouvida na infância, aqui mesmo nesta cidade: "parece nascer gente do chão".

Entre engraxates, esmoleiros, policiais, gente empaletizada, encapotada, que fala pouco e é triste, homens que vivem de expediente, homossexuais, executivos apressados, brilhosos em seus ternos, todas as classes, vou passando, engulo um café, me pedem pressa: esta cidade sempre me pede a pressa que lhe convém, e toco para os lados da Praça da República.

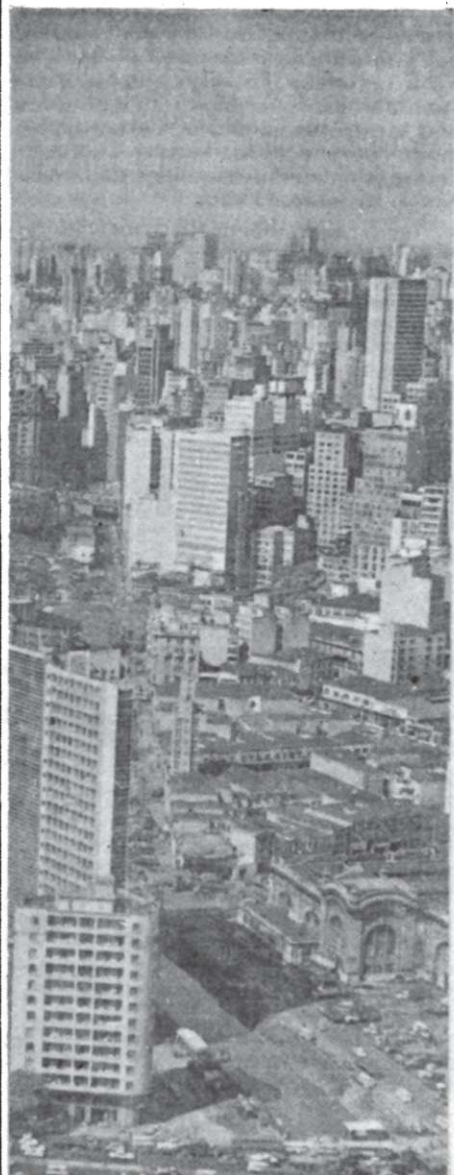
Diz o folheto que leio com um aborrecimento: "a praça da República mostra sua arte. Você encontra moedas antigas, artesanato, selos, quadros, rapazes cabeludos e moças sardentas. Os preços são do princípio do século e as mensagens de paz são grátis". Não é isso que encontro. Paz não há, nem nada - são engraxates molambentos, de todas as idades, insistentes; são mendigos que mais exigem que pedem aos passantes; é a umidade do ar, a ausência do sol, o frio batendo, arrepiando e tocado pelo vento, indo fundo nos ossos. E na alma. Um dia, eu já tive uma infância e agora esta praça me dói. Pedintes, pivetes, invertidos do amor, trombadinhas, fauna rica e pobre flora, trânsito azul-e-branco de estudantes. Não, não há gesto de carinho e nem mensagem de paz. O folheto que me desculpe.

Também há teatros, cinemas, livrarias, restaurantes, hotéis - os melhores do País. Dão a isso o nome de progresso.

Sentado no banco branco demadeira, antigo e bom, da praça Julio Mesquita, ouço de duas donas-de-casa, mãos balançando os carrinhos dos nenês, uma enxurrada de lamentações: a carne está pela hora da morte, e pão subiu, o ônibus aumentou, cresceu a despesa de condomínio do apartamento, o gás e a lua... Dou a um possível esquecimento essas lamúrias e passo, sem me deter, pelos Moraes, o antigamente melhor filé de São Paulo.

Era frequentado por artistas, jornalistas, turfistas (de quem era QG), gente inteligente, importante ou curiosa. Hoje, o filé ainda é o filé. Mas antigamente o Moraes era sórdido, paredes imundas e bem frequentado. Agora, limpinho e com ares de acrílico e luminosidades de farmácia. A fórmica em vez da madeira, o bom comportamento tomando o lugar das risadas e alegrias espontâneas ou barulhentas dos antigos boêmios e artistas. O Moraes pode ser tudo, menos o antigo. Curto mais saudade e me enfio para o largo do Aróuche, quero ver as flores.

Mas ó dou com guardadores de carros de caras amuadas, engraxates, tipos mal ajambrados, caras de frio e de problemas. Meu Deus, em que canto se escondem as mulheres bonitas da cidade? E as crianças? Eu mesmo me digo: "você está por fora, meu camarada e companheiro, está mais por fora do que nádega de índio; você passou, a sua cidade não existe mais. Toque daquei, seu saudosista chinfrim!"



Crianças em pânico não dormem

**DESFILE DE
CADAVERES
NA CIDADE**

Diz lá o folheto: "em São Paulo a noite é sempre uma criança. A noite paulistana embala você com toda a alegria que uma noite pode ter. As boates mais famosas e animadas, os teatros mais modernos, os cinemas mais confortáveis e atualizados e um mundo de restaurantes. Na noite de São Paulo você esquece que o dia vai nascer". A verdade é que só conheço gente que esquece que o dia vai nascer em volta das mesas de sinuca, nos plan-tões dos hospitais, nas delegacias, ou nas esquinas e quarteirões do trotoir e da viração - é minha gente que ganha a vida à noite, pelejando. E que diz: "pobre não luta, pobre peleja".

O folheto colorido, papel brilhante, insiste com elegância afetada: "no largo do Arouche você compra flores e leva junto muito amor e um clima de **bele époque**".

A travessia da avenida São João para ganhar a Duque de Caxias e tomar, finalmente, a Estação Júlio Prestes, é difícil, me confunde e aturde, driblo o tráfego, male mal, conforme posso. Passos curtos e corridos, nenhuma elegância a estas 6 horas da tarde, horas do rush. Pego a Duque de Caxias, um corredor amplo, comprimido e largo que desemboca na rodoviária e na Estação Júlio Prestes, percorrido geladamente pelo vento, um dos trechos mais úmidos da cidade. Trabalhadores passam, apressados, rumo às conduções difíceis e estão sem tempo para olhar manchetes, nas bancas de jornais, grandezas ou fiascos. Sem dúvida, esta é uma cidade de trabalhadores.

E de desocupados, principalmente ao pé da estátua do Duque de Caxias, na praça Princesa Isabel, onde o encontro das duas avenidas - Caxias e Rio Branco - favorece rajadas de vento que se enca-nam. Ali transita também uma faixa de marginais, viradores, gente expedientei-ra: os homens da Boca, os "corretores" da Bolsa de Automóveis. Na realidade, são uns combatentes anônimos, pingentes urbanos, uns zés-manés do pé lam-buzado. O tal folheto que alardeia depois: "no Centro, próximo ao bairro da Luz, está a famosa **Boca**. O mercado de automóveis usados nesta área é qual-

quer coisa de impressionante". Há mui-tas interpretações para a palavra **impre-sionante**. Uma delas, certamente, se refere ao patético e desesperado chama-mento dos homens da **Boca**, polegar dobrado para cima se movendo no ar: - Vai vender? Vai?

Outra palavra que pode ser compro-vada naquele trecho: **multidão**. A maior rodoviária de quantas o País tem, uma das mais modernas da América do Sul e um dos maiores ajuntamentos urbanos, multiplica tipos interestaduais que pare-cem pular de um incrível e arreliado estúdio de cinema italiano - as pessoas em branco-e-preto, fazem a realidade; a rodoviária, de acrílicos coloridos, proli-fera traços de um clima utópico, inviável e, no fundo, cruel.

Sou empurrado para dentro do trem suburbano na estação da Fepasa. Entro debaixo de porrada e cotoveladas no carro (a palavra **vagão** está proibida pelos órgãos oficiais: é usada para desig-nar apenas transporte de carga ou de animais). Nos carros já não existem ban-cos, o estofado foi arrancado, ficaram só as molas, neles é impossível alguém se sentar sem rasgar ou sujar calças e cami-sa. Sou apertado, e em segundos, tenho meus braços paralisados - estou sendo comprimido pelos 4 cantos do corpo e praticamente só posso fazer movimento do pescoço para cima. Não consigo endireitar o espinhaço, me empertigar.

É o transporte suburbano dos paulis-tas. E os pingentes nas portas e no teto dos carros não enenhum exclusividade carioca da Central do Brasil.

Nossos intelectuais, uns quiquiriquis sambudos e mal topados, reúnem-se em inúteis congressos de literatura em Brasi-lia. Ali se discutem, com palavras difíceis e incompreensíveis, altos problemas teóricos da semiologia, do hipermode-lismo, do suprarrealismo esotérico, do realismo mágico, do estruturalismo racional e da hermenêutica. Nossos inte-lectuais haviam de viajar na Fepasa às 6 e meia da tarde. E teríamos, finalmente, alguma página decente e de fibra sobre o nosso transporte coletivo. Hermenêu-ticas, hipermodelismos, estruturalismos:

belas ptoças, bandeiras da inutilidade nos céus do meu País!

Dois tipos de poluição em São Paulo, o que se escreve ou se fotografa e o que se sente - o verdadeiro. Para quem toca para os lados industriais da cidade, digamos ABC ou Osasco, a poluição fica em quase tudo das pessoas: olhos, nariz, pele, cabelos, roupas.

O trem parando na Barra Funda. É o lusco-fusco, as luzes começam a se acen-der e a estação expõe na plataforma a uniformidade e, ao mesmo tempo, a variedade de tipos que compõem a hora operária da volta à casa. Aqui, as aras ain-da mais pobres, rostos cavados. Estes fazem São Paulo a esta hora, a massa dos trabalhadores na indústria, e provavel-mente não achem graça alguma no folheto turístico dizendo: "a Augusta é a rua das butiques elegantes e passarela do charme social". Passam a vida inteira sem passear pelo requinte do comércio de São Paulo. Chegamos à Lapa.

O empurra-empurra é agora uma luta corpo-a-corpo entre os que têm que descer e os que precisam subir de algum modo. As caras são de fome, cansadas, de gente que passou o dia gramando e não há lugar para delicadezas ou bons modos. Suor, porrada, murro. Aqui nos trens, da Sorocabana, agora Fepasa, esta-mos mergulhados de cabeça, tronco, membros, corpo todo numa vida sem retoques, sem frivolidades - estamos do lado de dentro da vida dos trabalhado-res, cuja única glória é trabalhar o dia inteiro e ir dormir todos os dias bem can-sados. E assim se toca a vida. Foi aqui que gramei a minha infância e adolescência, nessas filas, nesses trens encardidos, api-nhados e de dureza geral.

Hoje não posso, aqui apertado, sentir nada sem um sentimento indefinido no trem: certa culpa, muita irritação e um respeito que me faz olhar esses homens, mulheres e crianças de cabeça baixa. Por mais que me besuntem de importâncias, meu nome cresça e eu tenha ares colori-dos, conseguidos nas areias da Zona Sul carioca, uma consciência me bate e rebate. Foi daqui que saí. E é a minha gente.

Lapa, mais povo, a plataforma aperta gente. Vila Leopoldina, muita gente des-cendo e subindo no trem, saída das indústrias. Aí a verdade dostransportes - quando o Metrô ou comodidades outras chegarão a este povo? 30 anos depois da minha infância (não são 30 dias), a Soro-cabana dos pobres, viradores, biscatei-ros e operários não mudou um só milí-metro - nem a estrada de ferro, nem as gentes.

Diz o folheto: "no Shopping Center Iguatemi você encontra de tudo um pouco. Você pode assistir a uma fita, comer um **hot dog**, beber um bom vinho e fazer todas as suas compras. Sem andar muito nem ficar exposto ao sol e à chu-va".

Mas eu vou descer em Presidente Altino, lutando aos trambolhões, para sair do trem, apertando e apertado, empur-rado e empurrando os outros, a boca crispada, aqui não é lugar de finezas ou pedir licença. Depois, vou pisar o pedregulho úmido da estação, descer a esca-daria, pegar a passagem de nível e ganhar as ruas esburacadas, de terra, com água poluída empoçada nas guias, olhar mais uma vez o casario imundo e descorado, as ruas de iluminação parca e insuficiente, onde cães e gatos vagabun-deiam nos cantos. Tipos tristes nas portas ou bebericando cachaça nos botequins.

Em casa de meus velhos, mamãe vai ficar tímida depois do beijo no rosto. Sem querer contrariar, me perguntará; jeitosa, se eu voltei para ficar. Não vou responder. Eu vou engulir café, puxar um cigarro e entender, mudamente, mais uma vez, na pele, na alma, que não tenho estrutura íntima para suportar esta minha cidade.

João Antonio



Os censores deste jornal recomendam: use calças e camisas do Jeans Store.

Levi's

A Opep tem reunião marcada para setembro. Os produtores de petróleo querem mais um aumento. Desta vez, 35 por cento.



É A GUERRA?

- As nações soberanas não podem permitir que suas políticas sejam ditadas e seus destinos decididos pela distorção e manipulação artificial do mercado mundial. No correr da História, muitas nações entraram em guerra por causa de recursos naturais como a água e o alimento, ou por causa de boas rotas em terra ou no mar - **Gerald Ford, presidente dos Estados Unidos, setembro de 1974.**

- Não vou dizer que jamais empregaremos a força. Mas uma coisa é empregá-la numa briga por causa de preços e outra quando se trata de um verdadeiro estrangulamento do mundo industrial. Entretanto, quero dizer com clareza: o emprego da força só será examinado nas circunstâncias mais críticas - **Henry Kissinger, secretário de Estado norte-americano, janeiro de 1975.**

- É evidente que os Estados Unidos não poderão permitir seu próprio estrangulamento. **Henry Kissinger alguns dias depois.**

- A intervenção militar no Oriente Médio é realmente possível - **James Schlesinger, secretário da Defesa dos Estados Unidos, no mesmo dia em que Kissinger fazia a declaração acima.**

A questão é saber o que é vital para os Estados Unidos. O debate que se trava sobre o assunto nada tem de abstrato ou especulativo. Porque, a cada dia que passa, os países da Opep (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) ganham 164 milhões de dólares a mais do que podem gastar. Nesse ritmo, daqui a 3 anos eles poderão comprar todo o ouro existente em todos os bancos da Terra. E, em 15 anos, poderão controlar todas as empresas com ações nas bolsas de valores do mundo. E a maior transferência de riqueza já registrada na História. E grande parte dela está saindo dos Estados Unidos.

Na realidade, a "guerra" já começou. Em setembro do ano passado, a revista Newsweek fez um levantamento junto a estrategistas militares norte-americanos, perguntando que métodos poderiam dobrar a Opep. E eles sugeriram 3 opções: guerra psicológica, intervenção da Cia e ataque militar.

A intervenção no conflito do petróleo começou a ser planejada antes mesmo dos aumentos de preço que geraram a crise. Em meados de 73, houve uma reunião secreta, num castelo próximo a Londres, entre altos funcionários ingleses e norte-americanos. A imprensa européia publicou que o objetivo do encontro tinha sido a elaboração de um plano de intervenção militar no Golfo Pérsico. Na mesma ocasião, a imprensa dos Estados Unidos publicava fotos de fuzileiros navais treinando num deserto da Califórnia: O general George Axtell, que os comandava, esclareceu o objetivo da operação:

- Se nós formos convocados, precisamos estar preparados!

Depois, outras manobras foram realizadas. Em dezembro de 74, o porta-aviões norte-americano Constellation, escoltado por 2 contratorpedeiros, cruzava a costa da Arábia Saudita, enquanto 80 aviões de combate faziam exercícios de pouso e decolagem. E um porta-voz do Pentágono declarava que "eles estavam se habituando às condições do Golfo". Mas foi só no primeiro semestre deste ano que apareceram planos mais elaborados.

Até o momento, o plano que fez mais barulho foi o de Robert Tucker, professor de Política Internacional da Universidade de John Hopkins. Tucker é considerado o chefe da **escola intervencionista**, que defende a deflagração de uma guerra rápida, com preciso objetivo final: baixar drasticamente os preços do petróleo. E há pouco, a revista norte-americana **Harper's** apresentou um plano, praticamente idêntico ao de Tucker, assinado por Miles Igotus, que a revista diz ser professor universitário, consultor do Pentágono e intimamente relacionado com os mais altos níveis de decisão dos EUA. É possível que Igotus seja pseudônimo do próprio Robert Tucker.

Ponto de partida de Miles Igotus: qualquer tentativa de dobrar a Opep, quando envolva intervenção militar, é ineficaz. O máximo que se pode conseguir é retardar a transferência de rique-

zas. Mas o que interessa é impedir essa transferência. Logo, que se faça a guerra.

Gabriel Romeiro

O PLANO DE IGNOTUS: ATACAR!

Depois de mais de um ano de passividade, os Estados Unidos e outras nações consumidoras de petróleo do mundo ocidental começam a debater formas de quebrar o poderio do cartel de produtores. Até agora, buscaram uma política fútil de tentar a paz. Em vez de desfechar uma contra-ofensiva econômica contra os preços da Opep, as vítimas só falam de acomodação. Em vez de uma reação de força para proteger os vitais interesses de suas nações, elas só falam em cooperação. Como resposta, o cartel do petróleo aumentou o preço mais duas vezes.

Os apaziguadores tetam justificar a extorsão árabe. Quando os membros da Opep começaram a acumular bilhões de dólares em reservas ainda por receber, disseram que isso era apenas uma compensação pela anterior "exploração" que sofreram, como se homens que há anos vinham recebendo **royalties** enormes (por um produto que não produziram nem encontraram) pudessem ser considerados "explorados". Quando os preços da Opep acabaram com o crescimento econômico do resto do mundo, disseram que esses crescimento, afinal, vinha sendo rápido demais. Como se os ditadores militares e reis megalomaniacos da Opep tivessem sido escolhidos para supervisionar o equilíbrio ecológico do planeta.

Aqueles que ganham a vida justificando a Opep, dizem que a Itália e outros países já eram instáveis de qualquer jeito. Se alguém fala de consequências econômicas globais, eles rebatem dizendo que os pobres já morriam de fome, e que a inflação não começou com o petróleo. Todos esses argumentos são válidos, mas sem importância. O que interessa é que os aumentos da Opep tornaram todos esses problemas muito mais graves do que eram até outubro de 1973. Isso, e só isso, é importante!

COMO ACABAR COM A OPEP

Por que devemos transferir bilhões de dólares em terras e indústrias para colonialistas às avessas? No Ocidente, essas propriedades talvez sejam todas dos ricos, mas pelo menos nossos ricos são taxados e controlados: não podem ser comparados ao punhado de famílias que controla grande parte das rendas da Opep.

Mas se, finalmente, resolvermos dismantelar a Opep, vem a pergunta: Como?

As estratégias não-violentas são mais plausíveis do que outras, mas - na prática - qualquer delas se mostraria sem efeito. Enquanto a Opep controlar o fornecimento de petróleo, ela vai mandar. Pode cortar o fornecimento se houver recusa financeira. Segurar o fornecimento. Limitar o fornecimento e a produção.

Não há esperanças de se encontrar petróleo "novo" que resolva o problema de fornecimento. Mesmo que encontrássemos grandes campos de petróleo, ainda teríamos uns 5 ou 7 anos até fazê-los produzir - e não há nenhum indício de grandes descobertas.

Segundo as estratégias não-violentas, para dobrar a Opep por meios econômicos, precisamos quebrar seu poder de controlar o fornecimento: esse poder derrota qualquer estratégia, antes mesmo que ela entre em ação.

Mais ainda: as dificuldades práticas não seriam pequenas. Os suíços, por exemplo, não concordariam com a estratégia de bloqueio financeiro.

QUANDO A GUERRA VOLTAR...

Só resta a força. O único poder capaz de enfrentar o controle do petróleo pela Opep é o próprio poder - o poder militar! Primeiro, a pergunta essencial: podemos começar uma guerra com a Opep só porque o preço do petróleo está alto? Com certeza, a resposta é não. E provavelmente continuaria sendo essa, ainda que a Opep aumentasse os preços mais uma vez.

Esse, entretanto, não é o fim da história. Felizmente, enquanto todos os membros da Opep praticam a extorsão, alguns – os árabes – também fazem chantagem. Cedo ou tarde, as exigências quanto a Israel vão aumentar. Os israelenses não vão recuar nos territórios que ocuparam, sem grandes garantias. Aí haverá guerra e, a qualquer custo, os israelenses sairão ganhando. A última guerra acabou com os exércitos árabes desmantelados e com Cairo e Damasco ameaçados. A próxima deve terminar da mesma forma, só que mais rapidamente. Dessa vez, a surpresa de outubro de 73 não vai se repetir. Os árabes podem ter mais e melhores mísseis, mas os israelenses, hoje, têm bombas sofisticadas. Com os aviões israelenses tendo agora que dar apenas um passo para cada alvo, em vez de 5 ou 6 como antes, as defesas árabes terão que melhorar de 500 a 600% para manter seu poder na mesma proporção. Talvez os russos forneçam melhores armas e melhores mísseis, mas melhorar 5 vezes exige nova tecnologia e anos de amadurecimento. A força aérea israelense voltou a ter o poder de 1967. Os árabes sabem disso. Daí os sírios não terem aberto fogo em 74. Mas os israelenses também sabem disso, e resistirão às exigências árabes: daí a guerra e, como consequência, novo embargo de petróleo.

Quando não havia o problema de preço, o petróleo cru do Golfo Pérsico era vendido a US\$ 1,80 o barril; o boicote árabe era uma ameaça; e Israel era pressionado a fazer concessões. Hoje, embargo não é mais ameaça, é oportunidade. Algumas pessoas, presas à velha política, não fazem essa ligação, repetindo sem parar que a guerra no Oriente Médio tem que ser evitada a todo custo, porque se Israel perder, será uma catástrofe, e se Israel ganhar, virá o boicote. E nos tornaremos cúmplices da chantagem, obrigando Israel a fazer novas concessões.

...VAI CHEGAR A NOSSA VEZ!

Este é o cenário: embargo ou corte no fornecimento pelos árabes e atmosfera de crise, provavelmente ao final de uma guerra curta e sangrenta. Aí, nós entramos!

A primeira pergunta é onde. O objetivo não é conseguir algum petróleo (mais acessíveis, por exemplo, na Nigéria ou na Venezuela) e sim acabar com a Opep. A força precisa ser utilizada para ocupar grandes e concentradas reservas de petróleo, que possam ser postas a produzir rapidamente, acabando com a falta do óleo e baixando os preços. Sendo esse objetivo final, só pode haver um alvo: a Arábia Saudita.

Já se sugeriu que a Líbia seria bom objetivo. É verdade que a Líbia é muito mais aberta a um ataque. Mas, na prática, uma invasão da Líbia seria pior do que inútil. Longe de ter petróleo suficiente para tornar a Opep vulnerável às pressões de mercado, o petróleo da Líbia nem ao menos bastaria para cobrir as necessidades atuais. Assim, o resto da Opep poderia derrotar qualquer invasão da Líbia simplesmente cortando a produção de petróleo, até forçar a nossa retirada.

Com cerca de 200 milhões de barris de reservas provadas (podem ser maiores), os campos de petróleo sauditas produzem cerca de 8,5 milhões de barris por dia, chegando aos 3 bilhões anuais. Em outras palavras: nesse ritmo, o petróleo saudita dura ainda uns 60 anos. Ao contrário disso, as reservas em outras partes do mundo são rapidamente esgotáveis. Explorando os campos sauditas em ritmo texano, teríamos perto de 55 milhões de barris diários, quase o dobro das atuais necessidades de todo o mundo.

Isso tomaria muito tempo, e muito dinheiro. Mas para se acabar com a Opep, não se precisaria de esforços hercúleos. Bastaria aumentar um pouco a produção, depois um pouco mais (a cada aumento desgastando o mercado), até chegar a um acordo. Se esse não vier, virá a hora de se inundar de petróleo o mercado.

O emprego de força militar tem que ser limitado e eficiente, para que o nível dos aumentos de produção venha das próprias pressões do mercado. E só os campos sauditas fornecem meios para

isso. Felizmente, esses campos são ricos e também concentrados num pedacinho do território saudita. Melhor ainda: a região envolvida é pouco habitada, a não ser pelos trabalhadores dos poços, no máximo uns 20 mil, incluindo os técnicos americanos. Se no Vietnã o interesse nacional norte-americano era quase invisível, lá o objetivo é claro. Há sérios riscos nessa operação, mas pelo menos não se teria sensação de inutilidade, andando sobre 200 bilhões de barris de petróleo, capazes de devolver emprego aos desempregados e de nos dar condições para um programa de substituição de fontes de energia.

OS SAUDITAS NEM TÊM TROPAS

Agora, vamos aos problemas. São muitos, começando pela logística. A região é afastada e não dá para nenhum oceano. A não ser alguns pontos de apoio e reabastecimento em Israel – a uns 1600 quilômetros de distância – não há bases aliadas por perto. Os israelenses devem muito aos Estados Unidos e é inconcebível que venham a negar o uso de seus campos de pouso, mesmo que a operação lhes traga muitos riscos. As forças sauditas que poderiam resistir a uma ocupação são pequenas e com treinamento deficiente. Apesar de todos os esforços de nosso próprios conselheiros e vendedores de armas, os sauditas ainda não possuem uma verdadeira força militar. São apenas 36 mil homens, dispersos por uma área imensa. Mas a escalada da operação é determinada por sua própria natureza: centenas de poços, quilômetros e quilômetros de oleodutos, vários tanques de armazenamento e muito a proteger, reativar e depois patrulhar. Mais: para deter a sabotagem e a contra-intervenção será necessária uma força diversificada, de bom tamanho.

O primeiro ataque deveria incluir os grupos de combate de uma divisão de fuzileiros: 14 mil homens, com 1 ou 2 batalhões anfíbios, e o resto chegando diretamente dos navios. Os fuzileiros poderiam ser reunidos discretamente no Pacífico. Mas no momento em que passassem por Cingapura, através dos estreitos de Malaca, a ameaça se tornaria bastante óbvia. A 20 nós, a passagem pelos estreitos do Golfo levaria quase uma semana. E tempo demais. Embora um pouco de resistência e sabotagem sejam inevitáveis, quanto menos melhor. É necessário esforço para diminuir esse tempo. Daí a necessidade de um ataque preliminar: os grupos de combate da 82ª Divisão Aerotransportada (dos Fuzileiros), com seus 9 batalhões de infantaria, mas sem os pesados batalhões blindados. Em vez deles, a divisão deve estar equipada com 2 batalhões adicionais de cavalaria aerotransportada, utilizando helicópteros destacados de outras divisões, assim como uma cota extra de mísseis antitanques e muitos jipes com rifles fixos.

SILÊNCIO: SURPRESA NO GOLFO!

Se os fuzileiros do primeiro ataque tiveram de chegar a Dhahran, na costa do Golfo, no dia D, e se o alerta for dado em sua passagem por Cingapura em D-7, a 82ª Divisão deve chegar em D-3, ou seja, 3 dias antes do que seriam esperados os fuzileiros.

Saindo dos Estados Unidos sem fanfarra, com breve parada para reabastecimento em Israel, os pesados jatos de transporte C-5 e C-141 voarão através da Arábia Saudita até Dhahran, escoltados – todo o tempo – por caças Phantom, reabastecidas em voo. 1 ou 2 batalhões de pára-quedistas descerão para ocupar o aeroporto de Dhahran e assumir posição em torno das casas dos norte-americanos, a alguns quilômetros. Com o aeroporto tomado, os pára-quedistas darão sinal para os aviões. A medida que descerem, os aviões vazios serão embarcados com as famílias dos técnicos em petróleo, americanos e de outros países, que quiserem ir para Israel ou para os EUA.

Entre os alvos imediatos das tropas desembarcadas estarão plataformas marítimas e tanques de depósito: seria ridículo ter de levar combustível de avião para o coração da Arábia Saudita.

Os batalhões de cavalaria aerotransportada, poderosos e muito móveis, poderiam garantir algumas instalações do campo de petróleo de Ghawar (o mais distante), 110 quilômetros ao norte

de Dhahran. Poderiam tomar também todo o campo de Abqaiq, mais perto.

Os fuzileiros chegariam 72 horas depois, para consolidar a base e ampliar a área ocupada. Com veículos, inclusive alguns blindados, completariam a ocupação de outros campos sauditas. Com pequenos barcos e helicópteros, poderiam também ocupar os campos marítimos não-sauditas de Doha, Adma, e Dubai, assim como patrulhar o Norte, em direção ao Kuwait, rico em petróleo, e ao perigoso Iraque, mais além. Logo após a chegada dos fuzileiros, em D 1 – no máximo – uma segunda divisão do exército chegaria ao oriente Médio, com infantaria, blindados e helicópteros. Os tanques viriam em rápidos navios e seriam desembarcados à força de guindastes. Finalmente, em D 3 ou D 4, a expedição seria reforçada por uma segunda divisão de fuzileiros.

Nessa altura, a força de ocupação já teria base área própria. Alguns caças iriam de Israel para Dhahran, assim que o aeroporto fosse tomado. As duas divisões de *marines* viriam com suas unidades aéreas, o que não é pouco: 8 esquadrilhas de caças Phantom, 2 esquadrilhas de reconhecimento, e outras 8 esquadrilhas de ataque, com bombardeiros leves e não-tão-leves. Não que se pretenda bombardear nada: a missão é impedir que os outros bombardeiem. Nesse momento, a força básica estaria colocada, com o reabastecimento chegando por ar ou por mar, dependendo do volume, peso e urgência. Já com uns 40 mil homens, em terra firme e no ar, a ocupação dos principais campos de petróleo estaria completa.

PETRÓLEO ÁRABE CONTRA OS ÁRABES

Chega de logística. Vamos à estratégia e à tática, começando com a tática industrial. Já se falou muito em sabotagem prévia. Os alarmistas têm visões de campos de petróleo queimando até o ano 2000. Nem tanto. O melhor que existe no mundo em matéria de combater incêndios em poços de petróleo está no Texas. Com todos os outros recursos existentes nos Estados Unidos, há boas chances de se acabar com o fogo rapidamente. Se houver sabotagem extensiva mas não sistemática, os níveis de produção anteriores à invasão poderiam ser retomados em uns 2 meses, desde que certos itens essenciais (por exemplo, tubos de grande diâmetro) fossem levados, por mar, com os primeiros grupos de fuzileiros e pessoal especializado que desembarcassem.

O custo operacional do barril de petróleo saudita vai de 10 a 30 centavos de dólar. Com 8,5 milhões de barris/dia, em um mês chegaríamos a 2,5 bilhões de dólares, capazes de pagar qualquer sabotagem. Por falar nisso, após a invasão, se não se puder confiar nos trabalhadores – mesmo com salários mais altos – eles teriam que ser substituídos. Com salários justos, teríamos quantos trabalhadores fossem necessários, vindos do Texas ou da Europa. Os trabalhadores locais sabem disso, e sabem também que se forem expulsos dos campos sauditas, seu empregador disponível mais próximo estará a centenas de quilômetros ao norte, nos campos iraquianos, a salários muito mais baixos.

No começo, algumas patrulhas tomarão conta das instalações em movimentos cruzados, cobrindo cada poço e protegendo as turmas de recuperação. Equipes de helicóptero estarão nos ares, prontas para descer ao menor indício de confusão. Devido às grandes extensões de deserto em torno dos campos muito bem guardados, a infiltração será praticamente impossível durante o dia e talvez durante a noite. O céu claro do deserto permite excelente uso para os novos engenhos de visão noturna. Os oleodutos, teoricamente muito vulneráveis, podem ser mantidos sob observação constante por helicópteros e pequenas equipes em terra. A experiência israelense provou que as táticas de guerrilha são simplesmente ineficazes no deserto: não há proteção natural. Todo o Negev e todo o Sinai são controlados por uns poucos guardas beduínos e meia dúzia de soldados, uma vez ocupados, os campos petrolíferos podem ser protegidos com segurança por um punhado de batalhões, uma fração da força de ocupação.

E O BOICOTE DE OUTROS PAÍSES?

Mesmo descontando os efeitos da sabotagem, ainda haveria problemas para o abastecimento de petróleo a curto prazo. Ao lado da paralisação total na produção saudita – que deverá ocorrer entre D-7 e D-60 (ou, no máximo, até D-90), é quase certo que certos produtores árabes mais radicais, como o Iraque, a Líbia e possivelmente a Argélia, parem de produzir. Esse corte ficaria entre 3,5 e 4,5 milhões de barris diários. É provável, também, que produtores não-radicais neguem parcialmente petróleo aos Estados Unidos e a outros consumidores que não se mantiverem distantes da ação: poderia representar um corte adicional de 2,5 milhões de barris/dia. E é possível – mas não é provável – que raros produtores não-árabes também reduzam o fornecimento aos Estados Unidos, em solidariedade a um membro da Opep.

Apesar disso tudo, o problema é controlável. Todos os países industrializados estão fazendo estoques para cerca de 90 dias e ainda haverá petróleo, embarcado em D-8, navegando para seu destino em D-90. Nessa altura, a poeira já baixou, pelo menos em parte, e os membros da Opep estarão se defrontando com as reservas sauditas-americanas que, operando ao máximo, poderiam colocar todos eles fora de ação por uns 15 anos. Neste estágio, o bom senso deverá prevalecer, e a produção será reiniciada. Mas se o risco parecer muito grande, pode-se fazer alguma coisa para reduzi-lo: no Kuwait, em Abu Dhabi, em Dubai e em Qatar, existe uma capacidade de produção de 6,6 milhões de barris diários, a maior parte ainda bloqueada para “conservação” (leia-se aumento de preços). Se tivermos que enfrentar a solidariedade de produtores árabes ou não-árabes, destacamentos do porte de batalhões podem ser deslocados para tomar parte nessa iniciativa, para fins de abastecimento imediato. A tomada do petróleo do Kuwait, entretanto, exigiria toda uma divisão e traria sério problema estratégico.

Agora, vamos às pequenas táticas. Antes de chegar à Arábia Saudita, as forças aerotransportadas terão que cruzar os 1.600 quilômetros de espaço aéreo não-aliado, em aviões de carga, vulneráveis e imensos. Mas a oposição será leve. A Força Aérea Jordânica, com 24 jatos, pode ser mantida em terra. E a rota Israel-Dhahran fica inteiramente fora de alcance das forças aéreas do Egito, Iraque e Síria – isso é importante: embora mal treinadas, essas forças aéreas são muito grandes. Por isso vamos precisar de ampla cobertura – com caças – contra as 6 esquadrilhas sauditas e contra qualquer possibilidade de chegada de aviões egípcios, jordanianos, iraquianos ou sírios. Isso talvez exija 6 esquadrilhas de Phantoms, que possam ser reabastecidos no ar e de aviões-tanque que partam de Israel, escoltados, se for o caso, por mais Phantoms, estes israelenses.

Em terra, as táticas devem se concentrar na mobilidade, em escapar dos choques. No primeiro estágio, todos os caminhões – ou mesmo Cadillacs e Mercedes – deverão ser mobilizados. Se não, as tropas que viajaram pelo ar, milhares de milhas, ficarão imóveis em terra. A velocidade é essencial para controlar os campos de petróleo, assim como para evacuar os civis norte-americanos.

CHAMAR OS RUSSOS? NUNCA!

E os verdadeiros problemas, os estratégicos? Quais as opções que restarão aos russos? Não podem contar com uma antecipação do primeiro movimento. Nem se pode imaginar que a Arábia Saudita venha a convidá-los: os sauditas sabem que podem fazer alguns acordos com os americanos. Mas se chamar os russos, a liderança saudita, orgulhosamente islâmica e orgulhosamente anti-comunista, não duraria muito. Um convite aos russos simplesmente garantiria a queda da família real. Se os rusos desembarcassem soldados no Iraque, mesmo que suas tropas não fizessem nada, teriam marcado uma grande vitória política. Poderiam alegar ter salvo o Iraque de um ataque dos capitalistas.

Os russos poderiam, ainda, encorajar uma investida do Iraque para o sul, rumo ao Kuwait. Isso tiraria do Ocidente os 2,8 milhões de barris diários do Kuwait, uma perda séria, ainda que a

curto prazo. E também tornaria o Iraque, amigo favorito da Rússia, um cliente mais importante. O risco? Choques armados entre os Estados Unidos e o Iraque, levando ao perigo de uma prova de força entre tropas americanas e soviéticas.

Uma intervenção direta da União Soviética nem precisa ser considerada. As regras da paridade nuclear não são regras que se possa mudar à vontade. Elas refletem o perigo da aniquilação. Americanos podem abrir fogo em sauditas, russos em checos, quase com impunidade total. Em nível de risco muito maior, cada um deles pode até atacar os clientes do outro. Se o Iraque fosse atacado, por exemplo, os russos teriam que reagir, por que há um compromisso público entre os 2 países. Mas com uma contra-intervenção direta dos russos, bloqueando tropas americanas e abrindo fogo sobre elas, a coisa muda de figura. Nenhum dos 2 lados poderia perder a pequena batalha local, pois o perdedor potencial teria que transformá-la numa guerra regional. Nenhum dos 2 pode perder uma guerra regional: teria que usar armas nucleares táticas. Acho que não preciso continuar explicando.

Alguns acham que os russos poderiam usar seus navios de guerra para evitar a ação dos EUA. Essa idéia é fantasiosa. A Marinha americana enviaria pelo menos 4 porta-aviões, 20 fragatas e destróieres e 10 submarinos nucleares para a região. Se os russos minarem a região, isso serviria apenas para retardar a operação. Os navios de guerra russos não podem, fisicamente, bloquear a entrada do Golfo. Para impedir a passagem, teriam que atirar. E atirar em navio de guerra americano seria apertar o botão que conduz à destruição.

A URSS NÃO PUXA O GATILHO

O problema russo é basicamente político, não é técnico. Antes de se considerar o equilíbrio de força das duas superpotências, é preciso analisar o equilíbrio de interesses russos e americanos. Em condições de paridade nuclear, o resultado é que acerta as pontas. Não é uma questão de machismo, mas sim uma reflexão sobre o verdadeiro valor, para ambas as partes, dos interesses em jogo. O controle do petróleo saudita é de interesse vital para os Estados Unidos e todo o Ocidente. Nos "tomar" petróleo seria apenas um luxo para os soviéticos. A partir daí medem-se os riscos que cada lado pode assumir. Para ter petróleo, os EUA precisam ocupar faixas de deserto. Para impedir isso, os russos têm que matar soldados americanos. Isso, nem a coleção de cansados burocratas do Kremlin - e nem o próprio Stalin! - faria. A escalada para a catástrofe estaria iniciada. Contra isso, há os prêmios pela omissão, que já são altos: mesmo que os russos não façam nada, seu prestígio e influência aumentarão imediatamente em todo o Oriente Médio e pelo mundo afora. Deixemos os russos ficarem com a influência: nós ficamos com o petróleo.

Até aqui não falamos no Irã. Com um grande exército, de 175 mil homens, bem equipado e cheio de tanques, mesmo mal treinado e dirigido, com uma Força Aérea de 100 Phantoms (e ainda espera mais%), e com uma Marinha que não pode ser considerada insignificante, o Irã poderia, teoricamente, fazer muita coisa contra a intervenção. Esse risco não pode ser afastado, mas pode ser reduzido. Num nível mais baixo, lembramos que a aviação iraniana voa graças a técnicos norte-americanos, trabalhando sob contrato, a maior parte dos quais poderia sair de férias pouco antes do Dia D. No plano político, há outro fator: embora uma redução abrupta nos preços do petróleo afete diretamente os sonhos de grandeza do Xá, ele e o Irã continuariam, de qualquer jeito, dependentes dos Estados Unidos. A União Soviética está perto demais do Irã. Com relutância e em caráter privado, o Xá provavelmente aceitaria uma ação americana que não pudesse impedir. Só lhe restaria a alternativa de entrar em guerra contra seu único protetor: os EUA.

Uma forma de se lidar com o problema iraniano é combiná-lo com o dilema em relação ao Kuwait. Por um lado, talvez seja bom empregar uma divisão composta (fuzileiros e blindados) no Kuwait para impedir uma intervenção do Iraque. Mas se os iraquianos des-

cerem através do Kuwait, rumo ao principal teatro de operações, uns 500 quilômetros ao sul, poderíamos ter combates reais, o que arrasta consigo o perigo do envolvimento soviético, em defesa de seu aliado. Mas conseguir o petróleo kuwaitiano aliviaria o problema do nosso abastecimento a curto prazo.

Por outro lado, se o Kuwait permanecer desocupado, como zona-tampão, será mais fácil evitar confrontos com os iraquianos e reduzir o risco de choque direto com os russos. Há, também, outro grave problema tático: se o exército kuwaitiano (10.200 homens) pode ser facilmente varrido, o país concentra uma população de mais de 1 milhão de pessoas, em área bem pequena. Contrastando com isto, a população no centro das operações, mesmo que se estenda até Abu Dhabi, Dubai e Qatar, chega no máximo a 300 mil pessoas, muito dispersas.

Então por que - pode-se perguntar - os iranianos não estão dispostos a proteger o Kuwait e, de passagem, tomar o seu petróleo? Este petróleo reduziria bastante a queda nas rendas iranianas quando os preços fossem pressionados para baixo. Para dizer a verdade, se o Irã entrar no Kuwait, os russos podem ficar tentados a tomar o norte do Irã, mas isto seria uma operação muito arriscada para eles, porque o Irã é área protegida por outra superpotência, os Estados Unidos. Mesmo assim, esse perigo não pode ser desprezado, e ele fica consideravelmente reduzido se o Irã permanecer tranquilo antes, durante e após a ocupação.

POÇOS PARA QUEM QUISER

Depois de tudo, teremos o problema administrativo. Evidentemente, a operação não será levada a cabo para atender aos interesses da Aramco, empresa petrolífera americana que há muito se tornou subserviente aos sauditas. Para aumentar a produção e evitar envolvimento comerciais, deveríamos abrir os poços a toda e qualquer companhia interessada, americana ou não, grande ou pequena, desde que esteja em condições de chegar logo, consertar o que for preciso e começar a fazer petróleo.

Mas petróleo não pode ser vendido a preço de custo. Primeiro, porque todas as medidas para substituição de fontes de energia seriam desencorajadas e, eventualmente, paralisadas. Segundo: para se chegar a um acordo com os demais membros da Opep, devemos dar a eles alguma margem de lucro, como garantia de que o petróleo saudita não será usado para levar os preços do petróleo até perto de zero. Por fim, o petróleo não pode ser vendido a preço de custo porque há objetos políticos amplos a atingir.

Se o óleo retirado a 30 centavos o barril fosse vendido a, digamos, 2 dólares o barril, cada dia de produção geraria lucros de 14 milhões de dólares. Ora, esse lucro não pode ser apropriado pelo país mais rico do mundo, cujas compensações, ao assegurar o fornecimento a baixo custo, já seriam enormes. Em vez disso, o lucro deveria ser encaminhado a países pobres, sob certas condições, através de uma Organização Internacional de Petróleo e Ajuda, Oipa. Em outras palavras, qualquer país pobre do mundo poderia se candidatar a uma parcela dos lucros do petróleo, se entrasse para a futura Oipa, endossando a nossa política.

E o mundo? Condenaria a América? Alguns condenariam. Outros, incluindo alguns países europeus e os infelizes japoneses, vão condenar, botar a boca no mundo e, com um suspiro de alívio, comprar petróleo muito mais barato. É claro que a imagem da União Soviética vai melhorar e a dos Estados Unidos piorar, perdendo "influência e prestígio no Terceiro Mundo". Mas que influência? Que prestígio? E como fica, agora, o prestígio dos EUA, à mercê da chantagem árabe? Os fracos respeitam mais o poder do que os fortes. Estes conhecem suas limitações.

Pensando-se ordenadamente, consciente dos riscos estratégicos e dos custos políticos, viu-se que a invasão pode ser feita. Deve ser feita. Por que se não a fizermos, teremos uma América do Norte empobrecida e cercada por um mundo transformado em favela. Não faz o menor sentido gastarmos 85 bilhões de dólares por ano - em armas - para sermos impotentes.

Miles Ignotus

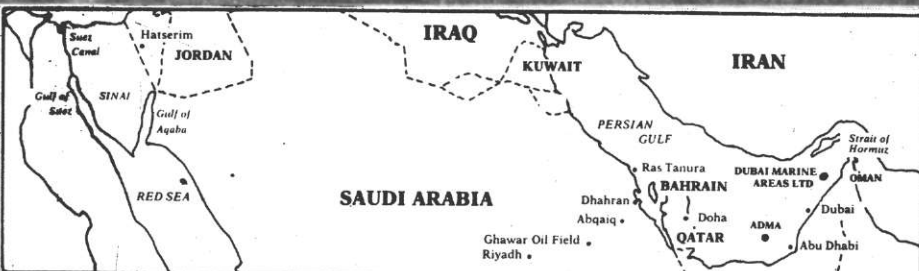




FOTO: ELVIRA ALEGRE

Fernando Moraes tem 10 anos de imprensa. Começou aos 19 anos, em Belo Horizonte, na Revista Banlavou-ra, órgão do Banco da Lavoura de Minas Gerais (nem o banco nem a revista existem mais). Após uma rápida passagem pelo Diário de Minas e pela TV mineira, mudou para São Paulo e foi trabalhar no suplemento automobilístico de A Gazeta. Então, passou para o Jornal da Tarde, lançado em 1966. Lá sempre, como repórter, ficou até o ano passado e ganhou o Prêmio Esso de Reportagem de 1970, com A Primeira Aventura da Transamazônica (junto com Ricardo Gontijo e Alfredo Rizzuti). A reportagem virou livro, que teve prefácio de Roberto Campos. Do Jornal da Tarde, Fernando passou para a revista Visão, de onde acaba de ser demitido. Nesses 10 anos, colaborou ainda com dezenas de publicações, como a Folha de S. Paulo, Auto-Esporte, Opinião, O Bondinho, Ex, Fair Play etc. Fernando completou 29 anos no dia 23 de julho.



FOTOS: PRENSA LATINA

O TRABALHO MAIS DURO DO REPÓRTER FERNANDO MORAIS

Ex - Você pensava algum dia fazer matéria sobre Cuba? Como surgiu a possibilidade de você ir fazer uma matéria sobre Cuba?

Fernando - Há muito tempo me interessava jornalisticamente o fenômeno cubano, eu era muito garoto na época da revolução, depois o interesse foi aumentando, aquele negócio que tudo que é proibido deixa a gente mais excitado. Antes, era um negócio praticamente impossível, por causa das relações entre os 2 países, não adiantava nem pensar.

Ex - Você não via chance duma coisa normal...

Fernando - Eu estava a fim de ir profissionalmente. Daí, há um ano e meio, eu li uma notinha no Estadão - nessa época eu trabalhava no JT (Jornal da Tarde) - dizendo que um político americano, ou funcionário do Departamento de Estado, ia fazer uma visita a Cuba. Aquele negócio me deixou aceso: se um gringo vai, por que eu não posso ir? E comecei a me interessar e propus para o JT uma viagem a Cuba. Os caras morreram de rir: "Viagem a Cuba? Tá legal, agora conta outra..." Aí eu perguntei ao Laerte (Laerte Fernandes, um dos editores do Jornal da Tarde) se, caso eu conseguisse um visto de entrada em Cuba, o jornal publicaria matéria minha. Ele disse que sim. Então comecei a me virar, da maneira mais simples, elementar e primária: sou exclusivamente repórter, então o que eu fiz foi mandar cartas para embaixadas de Cuba na Argentina, no México, Espanha, França e Inglaterra. Uma carta praticamente igual para todas elas, pedindo visto de entrada e dizendo que há quase 10 anos não se publicava praticamente nada no Brasil sobre Cuba, a não ser a matéria da revista Realidade (1968) e que eu gostaria de obter um visto pra ir fazer matérias lá, contar o que é Cuba hoje, 16 anos depois da revolução, 11 depois do bloqueio. Além das cartas, eu tentava contatos através dos correspondentes do jornal. Em Madri, por exemplo, o correspondente ia à embaixada, falava com o embaixador e tal. Enrolaram demais. Teve uma embaixada, a do México, onde me pediram currículo, o mais extenso possível, anexando tudo que eu tinha escrito na vida, 16 fotos de frente, 16 de perfil direito, 16 de perfil esquerdo. Parece brincadeira, né? E eu fiz tudo o que me pediram. Teve um dia que eu mandei 3 quilos e meio de papel para uma dessas embaixadas. E nada. Eu pre-

tendia ir lá em novembro do ano passado, porque ia ter a conferência de Quito, em que eu achava que Cuba ia ser readmitida na OEA (Organização dos Estados Americanos). Queria estar lá no dia que Cuba fosse readmitida. Queria estar lá pra cobrir a reação do povo ao fim do bloqueio. Mas pifou. Os caras enrolaram, enrolaram. Primeiro disseram que não acreditavam que o jornal O Estado de São Paulo publicasse matérias isentas sobre Cuba... Para dar um exemplo, eu mandei uma série de reportagens que eu fiz sobre o Paraguai, para o JT, uma reportagem sobre o imperialismo brasileiro no Paraguai: se o jornal teve coragem de publicar uma matéria séria e isenta como essa, vai ter coragem de publicar Cuba. Aí disseram que não iam dar visto de entrada para mim porque iam usar o princípio da reciprocidade diplomática. O Brasil tinha negado visto pra uns técnicos cubanos ver uma feira aqui, e que portanto Cuba ia negar visto de entrada pra mim. Mas eu não sou funcionário do governo! Não estou querendo ver feira, que negócio é este? Fiquei muito puto com aquele negócio, mas o que fazer? Até que eu fiz um negócio que a gente faz quando é criança: escrever carta pro Papai Noel. Escrevi uma carta para o Fidel Castro. E escrevi uma carta de 4 laudas, uma carta muito respeitosa - é um chefe de Estado afinal de contas - contando toda a burocracia, dizendo que não fazia sentido eles usarem contra mim o princípio da reciprocidade diplomática, porque eu não tinha nada a ver com o problema. Mandei a carta para a embaixada de Cuba no Canadá. O pior que podia acontecer era o embaixador jogar a carta fora ou então mandar pra Havana e um amarracachorro qualquer do Fidel ler aquilo, picar, e jogar fora. Mandei e não pensei mais no negócio. Isso foi no fim do ano passado. Aí eu saí do Jornal da Tarde e fui para a Visão. Comecei de janeiro, dia 2 ou 3, Visão me mandou para Portugal. Eu estou em Lisboa fazendo matéria e chega um recado no hotel, dizendo pra eu procurar o embaixador de Cuba. Depois eu vim a saber o que aconteceu: o Fidel recebeu a carta. Inacreditável, mas aconteceu. E já tinha um puta processo em Cuba, caminhões de papel que eu tinha mandado e tava tudo lá, empilhado numa mesa - "é aquele chato de novo, aquele brasileiro outra vez". Isso não ficou muito claro, mas ele teria autorizado. Aí eu fui lá, deram o visto finalmente. Quiseram dar um caráter muito oficial à minha viagem, então disseram: "pela primeira vez vamos dar visto para um brasileiro no passaporte", apesar daquela advertência que vem na página 3 do passaporte: não é válido para Cuba. Eu falei, "olha, eu pretendia ter um visto à parte, para não me comprometer no Brasil". Ele falou, "não, você não pretende publicar suas reportagens? Vão saber que você esteve em Cuba. Então tem que dar o visto oficial, tá aqui, carimbado".

Ex - Nesse meio tempo, você teve que fazer consultas para viajar?

Fernando - De Lisboa eu liguei para o

Brasil, para o diretor da Visão, que era o Ewaldo (Ewaldo Dantas Ferreira). Porque o visto tinha sido pedido quando eu era funcionário do JT. Enrolaram umas 2 semanas sem responder. Fiquei num desespero danado, louco para cair fora e tendo que ficar cozinhando em Lisboa, até que disseram tá ok, se arranca. Fui a Madri e de lá embarquei para Havana.

Ex - O visto era por quanto tempo?

Fernando - O visto era válido por 20 dias. Daí eu cheguei em Havana, veio um rapaz - é um negócio a imagem que a gente cria de Cuba, 9 milhões de barbudos, armados de metralhadoras, com granadas nos dentes. A imagem que a imprensa - nós próprios - vendemos: um país de 9 milhões de guerrilheiros. E essa imagem foi um pouco alimentada no vôo que fiz pra lá. O avião levanta vôo, e a leitura de bordo é um tablóide de 64 páginas sobre a vida do guerrilheiro Camilo Cienfuegos. Aí chega o avião e encontro um diplomata, à minha espera. Rapaz jovem, 24 anos, melhor estilo Instituto Rio Branco, cabelo escovinha, "guayabera" que é aquela camisa que eles usam na América Central, engomadíssima. Cumprimenta, se apresenta e comunica que sou hóspede oficial do governo cubano. Chato eu dizer que "não quero ser hóspede", fica desagradável. Mas eu não vim para ser hóspede do governo cubano, vim aqui para fazer reportagem. Expliquei pra ele que não, que eu já tinha explicado ao embaixador que eu estava às expensas da revista. Então ele disse que já tinha apartamento reservado pra mim no Hotel Nacional. "Agora, isso não vai te comprometer de nenhuma maneira, eu vou ficar à sua disposição para facilitar contatos oficiais. Vai ter um motorista e um automóvel para você; na hora em que voce achar que estamos tolhendo seus movimentos, você fala "até logo, volte amanhã." Cheguei dia 2 de fevereiro, fiquei lá um mês e meio. Claro, tem coisas que você não pode ver, não deixam ver. Defesa por exemplo, não adianta nem perguntar.

Ex - Nesse tempo todo que você esperou, foi lendo, acumulando coisas sobre Cuba?

Fernando - Com dificuldade. Porque quando você vai tentar achar coisas sobre Cuba, você descobre que não tem. Não tinha nada. Você vai até o arquivo do Estadão, por exemplo, e tem o noticiário até a revolução, até a invasão da Baía dos Porcos, até o rompimento, até o bloqueio. Tem o noticiário diário dos jornais - Cuba era o "centro do mundo, crise dos foguetes, foco da terceira guerra mundial". Depois do bloqueio, não tem mais nada. Então eu tinha que pedir a amigos que moram na Espanha: olha, me compra um livro sobre a reforma na educação de Cuba...

Ex - Você teve uma visão prática ao fazer essa pesquisa...

Fernando - E politicamente você só sabe dos defeitos.... Eu não sabia por exemplo que eles tinham reduzido o índice de mortalidade infantil para 23 ou 24/mil. A última coisa que eu sabia sobre Cuba, como leitor, era uma matéria de Realidade, do Milton Coelho (atualmen-

**Entrevista a
Hamilton Almeida
Mylton Severiano**

Uma gafe diplomática: Ângela Davis (sem sutiã) condecorada por Fidel. O esporte nacional é "la pelota".



te um dos diretores comerciais da Editora Abril - NR).

Ex - Fora essa, você achou mais alguma coisa de jornalista brasileiro?

Fernando - Antes do bloqueio, em 62 ou 63, 4 jornalistas brasileiros estiveram lá. E que eu me lembre, só li um trabalho publicado pelo Binômio, de Belo Horizonte. Depois, só a matéria da Realidade. Em português comprei um livro, de um sujeito que esteve lá clandestinamente e publicou um livro agora, mas é um trabalho muito fraco, o sujeito fala muito mais dele que de Cuba, coisa que o leitor não tem o menor interesse em saber.

Ex - E, lá em Cuba, qual a visão que eles têm da imprensa brasileira?

Fernando - O cubano... eles sabem que o governo brasileiro é um governo em desacordo com as idéias deles, mas não julgam os brasileiros mal. Roberto Carlos toca o dia inteiro, em versão espanhola; Pelé vale mais ou menos, porque o futebol não é popular, o negócio deles é beisebol, que aliás já mudaram de nome, chamam de pelôti. Mais o quê sabem? De Geisel sabem muito, não povo, mas escalões médios do governo, diplomacia, profissionais liberais. Sobre o Golbery, são bem informados e há o noticiário de agências. A Prensa Latina retransmite notícias que chegam ao Peru, eles têm um escritório lá. Dão muito destaque ao noticiário brasileiro.

Ex - Na área diplomática, como é que era a repercussão de imprensa?

Fernando - A princípio me receberam com certa distância. Eu suponho que fizeram alguma investigação antes de me deixar entrar, para saber se eu não era nenhum espião da Cia ou coisa parecida. Ainda assim ficava uma certa desconfiança. Mas no meio da conversa isso acabava. A maior parte do pessoal ignorava a matéria da Realidade. Agora as pessoas que tinham lido achavam que Cuba foi tratada um pouco injustamente, que era um país que estava estrangulado, um país bloqueado. Na verdade, de 70 para cá que a coisa começou a mudar. Basicamente por duas razões: o aumento da produção de açúcar (em 70 eles não conseguiram os 10 milhões de toneladas que pretendiam, mas conseguiram 8, e depois conseguiram manter um pouco menos que 8); ao mesmo tempo o preço do açúcar no mercado internacional subiu horrores. A libra (459g) de açúcar, que custava naquela época coisa de 10 centavos de dólar, chegou este ano a 90 centavos (cerca de 7,50 cruzeiros). Então a produção de Cuba hoje, no mercado internacional, equivale a 10 vezes a produção de 70.

Ex - Parece que o país sentiu duas grandes reviravoltas: a revolução e o bloqueio...

Fernando - A revolução em si envolveu o país inteiro. Depois, a invasão da Baía dos Porcos. Lá, eu vi um documentário sobre a invasão, que abre com o Somoza (na época presidente da Nicarágua, de onde partiram os invasores) se despedindo dos soldados e dizendo: "eu quero que cada um de vocês me traga um fio de barba do Fidel". Tem filmes feitos de dentro de avião, filmes do dia da invasão: você vê o mar coalhado, mas

inteiramente coalhado.... eu tinha idéia que a invasão tinha sido feita por meia dúzia de gatos pingados. Mas foi uma coisa assim como a invasão da Normandia, milhares de chatas de desembarque, entupidas de soldados. A maior potência do planeta se dispôs a invadir um país que é um cuspe, Cuba não é nada, é menor que o Piauí (Cuba: 114.500 km²; Piauí: 251.000 km²). O Kennedy jogou tudo em cima daquilo. Quando ele assumiu o governo, o negócio já estava planejado e ele aceitou. Em 72 horas, eles mataram ou prenderam os invasores. É o fato mais marcante da vida cubana. A gente não tem a dimensão do que isso, porque a gente não foi informado. Isso foi em setembro de 62. É um buraco na história. O bloqueio começa depois, em 63.

Ex - Dá pra sentir o que é o bloqueio de um país?

Fernando - Eu estive lá em fevereiro e março. Na verdade, o bloqueio começou a ser furado há uns 4 anos, quando Cuba começou a fazer negócio com a Espanha, com a Itália, com o Japão. O que eles não conseguiam aqui na América Latina, conseguiam lá. Então eu já senti o país um pouco desbloqueado. Até o ar que eles respiravam vinha dos Estados Unidos. De um dia para o outro vem o bloqueio. Estrangulamento total. Taparam o nariz e a boca de Cuba. O automóvel é um exemplo muito típico. Havana tem uma crosta de piche em todas as ruas, que é o óleo que cai dos carros. São 10 anos sem peças de reposição.

Ex - E a indústria farmacêutica, por exemplo?

Fernando - Na primeira fase, todo medicamento era soviético. Hoje a indústria farmacêutica é bem desenvolvida, para um país subdesenvolvido. Remédio é de graça. E é pouca gente: 9 milhões de habitantes, quase a população da Grande São Paulo. Tem coisa muito curiosa em Cuba. Eles se vangloriam, por exemplo, de que o país não tem prostitutas. Eu não acreditei, fui procurar, saí de táxi à noite. Fiquei meio sem jeito de falar para o motorista que estava procurando prostituta. Daí perguntei para ele de mulheres, "como é que eu faço, sou estrangeiro, estou sozinho aqui". Não queria usara palavra-chave - prostituta - porque daí o cara ia dizer "não tem isto aqui". Ele falou: "Você não está no Hotel Nacional? Tem uma boate lá" Aí eu disse, meio sem jeito, que queria saber onde conseguir uma mulher... Aí ele perguntou se eu estava querendo prostituta, e disse: "Não tem mais isto aqui. Pode ser que você encontra aqui uma mulher que durma com você em troca de um presente, pelo charme de dormir com um estrangeiro".

Ex - Como é que foi o tempo que você esteve lá?

Fernando - Eu fiquei uns 4 dias em Havana logo que cheguei, depois o interior. O país tem, de ponta a ponta, uns 960 km, e eu rodei de carro uns 1.700, e de avião, de trem. Fui até Santiago, que é do lado da base americana (Guantanamo) Nessa viagem, ida e volta, levei aí umas 3 semanas. O cara que me acompa-

nhava era o diplomata recém formado, um apaixonado por Fidel como quase todo mundo por lá.

Ex - Você pôs na pauta uma entrevista com ele?

Fernando - Eu pus. Entre os vários assuntos, eles me perguntaram com quem eu queria falar. Bem, eu quero falar com fulano, fulano e com Fidel. "E se o Fidel não puder falar com você?" "E se o Fidel não puder falar com você?" Eu disse "mas como?", eu vim aqui, quero falar com ele". Aí disseram que quando voltássemos a Havana, resolveriam isso. Eu tive dois contatos com ele. Um próximo, é uma figura impressionante. Eu imaginava que eles o chamassem de cavalo por causa do tamanho. Depois soube que não, que em espanhol todo chefe é chamado de cavalo. Mas é realmente um cavalo: 2 metros de altura e cento e poucos quilos. E cara de menino, jeito de menino. Você cruza com ele em Havana, guiando jipe, sempre fardado, de óculos, com um soldado, soldado de metralhadora. Cruzei com ele na rua, em frente ao Museu Nacional. Mas eu estava falando da entrevista. Foi sendo adiada. Daí, uma noite, já no fim da viagem, o chefe do serviço diplomático para a América Latina me chamou para jantar num restaurante chique lá de Havana e me disse: "Olha, não vai dar. Ele não vai dar uma entrevista para um jornalista brasileiro simplesmente porque é você. Politicamente ele não pode dar esta entrevista agora. Mas manda dizer que você pode escolher com quem vai falar. Você pode escolher entre o presidente Osvaldo Dorticos, o chanceler Raul Roa ou o primeiro-ministro, Carlos Rafael Rodríguez". Eu sabia que o Carlos Rafael era o segundo homem de Cuba, escolhi ele. Na antevéspera de eu vir embora, o mesmo embaixador me telefonou para o hotel, me perguntou se meu terno estava passado para eu vestir, pegar o gravador e ficar de plantão. A noite ele me recebeu. É um sujeito simpaticíssimo, velho amigo de brasileiros. Foi muito amigo do Santiago Dantas, os dois eram chanceleres. Demonstrou uma simpatia muito grande pelo povo brasileiro e uma surpreendente disposição de restabelecer contatos com o Brasil - ou comerciais ou diplomáticos. Sabe, ele falava muito de distinção, da política externa brasileira, da reabertura com a China...

Ex - E o que eles podem comprar da gente?

Fernando - Olha, tudo. Tecido, calçado. Um diplomata europeu me contou que quando Carlos Rafael viaja pela Europa, viagem de negócios, ele é recebido como um xeique. Pagam cash, em dinheiro. Eles receberam um crédito da Espanha, de 900 milhões de dólares, e um crédito de 700 milhões da Argentina. Eles acumularam dinheiro com a alta do açúcar no mercado internacional.

Ex - E na conversa com Carlos Rafael, você sentiu que Cuba está esperando chegar o fim do bloqueio?

Fernando - Eles acham que o bloqueio acabou. Antes, os países latino-americanos tinham o pretexto da guerrilha. Agora acabou. Li nos jornais que outro dia houve uma reunião de partidos

comunistas em Cuba e eles decidiram acabar com a exportação da guerrilha. Para eles, o interessante, hoje, é negociar com a América Latina. Sei lá! Em vez de comprar sapato na Checoslováquia, um sapato de qualidade inferior ao brasileiro, e mais caro... e o Brasil tá querendo vender sapato, né? E automóvel também. Porque a Argentina vendeu carro para eles tão caro? Porque eles não tinham de quem comprar, ora! Quando eles vêem os preços que o Brasil está vendendo Volkswagen para outros países americanos - Venezuela, Paraguai - eles ficam bestas!

Ex - E a partir de quando a atitude de Cuba com relação à América Latina começou a mudar?

Fernando - Parece que foi mais ou menos simultâneo com a política de détente americana. Os americanos reataram com a China, e se viraram para cá agora. Depois os cubanos descobriram também que a política de exportação de guerrilha não dá resultado. O grande choque foi a morte de Guevara na Bolívia. As coisas foram se somando. Sabe e eu penso que foi um processo.

Ex - Acho que corre aí, em paralelo, a aproximação econômica com a União Soviética, o interesse diplomático mundial da União Soviética...

Fernando - Aí já é um negócio mais difícil de ser avaliado por causa da dificuldade de acesso às informações sobre as relações União Soviética-Cuba. A política externa cubana é independente, eles não têm vinculação militar. Tem um acordo de fornecimento de armas com a União Soviética, mas não há obrigações militares com o bloco socialista europeu. O que dá a eles o direito de, por exemplo, não apoiar uma posição soviética. A crise dos foguetes é um exemplo: eles praticamente se divorciaram da União Soviética quando Moscou tirou os foguetes que tinha instalado em Cuba.

Ex - Foi um negócio que repercutiu mal na população?

Fernando - Muito mal. E o estremecimento daquela época mostrou que a política externa deles, apesar da dependência econômica com a União Soviética, é independente. Por exemplo, eles têm relações com a China. E a União Soviética vende petróleo para Cuba a preços inferiores ao mercado internacional. E Cuba não tem petróleo. Outra coisa que prejudica muito a economia cubana é a ausência de fontes de energia. É um país sem cachoeiras, um país plano. Eles têm que sair para um tipo de energia que não seja hidroelétrica.

Você viu alguma festa pública?

Fernando - Eles trabalham a semana inteira, trabalham como cavalos. Sexta à noite começa. Bebem rum a dar com pau, vodca soviética...

Ex - Como é show de boate, por lá?

Fernando - Música cubana, sempre. Rumba, mambo, um negócio bem caribeano, que a gente não ouve mais. O bloqueio afetou até isso. É uma música muito gostosa.

Ex - E o pessoal, como é o nível de vida? O mínimo...

Fernando - É mínimo mesmo, pois o Estado é o empregador de todo mundo,

O ensino é obrigatório até o 6º ano. Nos cursos médio e superior, duas linguas: inglês e russo.

e esse é o mínimo estipulado pelo governo. Mas existe um resquício da iniciativa privada, que é a Anap - Associação Nacional dos Agricultores Pequenos. São pessoas que têm terra, distribuídas pela reforma agrária, glebas de no máximo 67 hectares. Eles recebem financiamento para produzir e depois vendem para o governo a produção, seja lá o que for. Então, o chamado cidadão médio deve ganhar 2 mil cruzeiros por mês. Mas ele não paga médico, remédio é de graça por lei, e a educação também. Coisa ainda racionada é comida. Racionada porque eles não conseguem produzir. Agora, o sujeito ganha aparentemente pouco, porque você imagina, um redator do Estado de São Paulo ganha 10 mil cruzeiros. Um redator da Prensa Latina deve ganhar 1.800.

Ex - Mas você diria que eles têm equívale nível de vida?

Fernando - Não se pode dizer que é equivalente. Mas o cara tem casa própria, e todo local de trabalho é obrigado a dar refeição a preço de custo. Comem muito peixe, feijão, arroz, batata, uma comida muito parecida com a nossa. Carne, frango. Gado tem pouco, estão desenvolvendo um rebanho mais leiteiro que de corte. Então se o sujeito tem a chamada infra-estrutura, o salário fica para os jantares ou para, na sexta, sábado e domingo, encher a cara de rum nas boates, porque não tem onde aplicar o dinheiro. Bancos, por exemplo, só agora que eles vão começar. Agora que eles vão estabelecer uma taxa para empréstimos a longo prazo e vão começar a financiar automóveis. Estão importando Fiat da Argentina...

Ex - Parece que a revolução cubana meteu o dedo em tudo quanto é lugar, não é? E o que mais?

Fernando - O que está ruim é o racionamento, isso é ruim. É um país pobre, não existe indústria. Racionamento é um negócio muito duro. É um negócio que dói na pele do sujeito. Ele tem que enfrentar fila para comprar uma cota de manteiga. Sabe, quando voltei fui discutir a matéria com o Henry Maksoud (diretor da revista Visão). Esta conversa que estou tendo com vocês, eu tive com ele: uma conversa de 3 horas. E ele, "como é que este país pode ser assim como você está dizendo? Você trocaria a vida que tem aqui para viver lá como jornalista?" Eu disse pra ele: "olha, eu sou um sujeito que tem uma motocicleta de 70 mil cruzeiros, lá eu não podia ter; tenho um apartamento de cobertura, lá não poderia ter. Levando em conta esses critérios, claro que minha vida não seria melhor lá do que aqui."

Ex - Mas agora, ainda nessa linha, não fica uma sensação em Cuba de que é um colégio interno, que a coisa está toda regulamentada?

Fernando - Ao contrário, quando eu digo que eles são parecidos com os brasileiros, é exatamente nisso que os comunistas mais ortodoxos chamam de socialismo-tropical. Sabe, jamais você vai conseguir impor um regime de força num povo como aquele.

Ex - E o nível de informação que eles têm?

Fernando - Televisão, por exemplo, tem muito enlatado da União Soviética, normalmente programas culturais. Você pode comprar algumas européias, mas em matéria de publicações, o país é fraco. Tem 2 jornais em Havana. Um negócio curioso, Havana tem uns 2 milhões de habitantes e o jornal Granma vende 550 mil exemplares diariamente, e o Juventud Rebelde, 300 mil.

Ex - E são jornais de noticiário-farto? Fernando - São, sim. Tem noticiário ideológico, noticiário nacional, e internacional. O Juventud Rebelde é um pouco mais desbundado, chega a fazer críticas institucionais ao regime.

Ex - Você viu algum brasileiro lá?

Fernando - Não. Aliás só tive contato com um brasileiro que já nem é brasileiro, é cubano: está lá desde 63, é casado com cubana, tem filho cubano de 12 anos. É o Haroldo Wall, diretor da Prensa Latina. É funcionário do governo, hoje já fala mal o português. Agora, eles me pediram que, formalmente, não fizesse contato com brasileiros exilados, pra não comprometer a minha missão. Palavras deles: eu não devia misturar uma coisa com outra, minha missão profissional, jornalística, com coisas políticas. Eu disse pra eles que não conhecia ninguém lá, e não cruzei com nenhum outro brasileiro.

Ex - Você voltou ao Brasil e...

Fernando - Voltei e o primeiro contato que eu tive, saindo do aeroporto, foi na sala do Maksoud, dono da revista. Ele, muito interessado, queria saber de tudo. E falou: "tá legal, então vai embora, escreva a sua matéria e depois a gente conversa".

Ex - Quanto tempo você ficou escrevendo?

Fernando - Duas semanas. Fui pra fazenda do meu pai, me amoitei lá pra ninguém me encher, e tal.

Ex - Quantas laudas?

Fernando - 180

Ex - Tinha trazido muito documento, muito material?

Fernando - Trouxe muita coisa, material que eu ia usar, anotações, fotos minhas, fotos feitas pela Prensa Latina. Lá eu consegui uma máquina emprestada, com uma estudante de quem fiquei amigo. Levei a matéria e a redação se dividiu, metade achou maravilhosa, trabalho jornalístico muito bem feito, e metade do pessoal da Visão falou: "está parcial, a matéria dá uma visão muito otimista sobre o país, tem que reescrever. Aí eu senti que a publicação da matéria estava um pouco comprometida. Porque se ela já saiu da redação, para o dono da revista, sem a chamada unanimidade... Então eu senti que não ia ser fácil. Aí eu trouxe a matéria pra casa e cortei umas 50 laudas, e o texto foi para o Maksoud. Maksoud leu, me chamou e eu tive uma longa e tenebrosa conversa com ele. No fundo eu senti que tinha duas cobras comendo o bicho no estômago: o "empreiteiro" (Henri Maksoud é dono da Hidroservice, uma das maiores empresas de planejamento e consultoria do mundo) tinha acabado de comprar uma revista. Todo mundo caiu de cacete nele: "Pra quê empreiteiro quer revista?" Então, publi-

car Cuba seria uma resposta à maré que vinha contra ele: "Vocês estão dizendo que eu sou empreiteiro, mas olha aí - empreiteiro tem coragem editorial". Mas, ao mesmo tempo, além do medo, tinha o problema ideológico: ele é um defensor da livre empresa, da livre iniciativa. Publicar na revista dele uma matéria sobre um país que acabou com a livre empresa? A primeira coisa que ele me perguntou, com os olhos brilhando, foi se "ainda existe alguma manifestação da iniciativa privada em Cuba?" Eu respondi que sim: 6 táxis caindo aos pedaços. São velhos motoristas que não aceitaram trabalhar para o estado". Mas ao mesmo tempo ele não teve coragem de dizer "não vou publicar essa matéria".

Ex - A posição da redação?

Fernando - Continuou dividida. No fundo a redação queria que se publicasse a matéria, toda a redação. E uma coisa o Maksoud deixou clara o tempo todo: "Não duvido da sua honestidade profissional, e digo pra você que gosto da matéria, gosto dela. Li as primeiras linhas e não consegui parar, fui até o fim. E sei que você não tem nenhuma implicação política. Mandei levantar sua ficha em todos os órgãos de segurança e não existe absolutamente nada a seu respeito". Inclusive pra mim tinha um problema, era muito importante que publicassem. E se daqui a um mês chega um cara pra mim, e diz o senhor esteve em Cuba? Estive sim. Fazendo o quê? Reportagem. E cadê a reportagem?

Ex - Isso chegou a ser colocado?

Fernando - Eu falei pra ele. "Não é por vaidade que eu quero que Visão publique a minha matéria, não! Estou querendo é deixar tudo claro..."

Ex - Seu cargo na Visão qual era?

Fernando - Nessa época eu era repórter. Bom, aí houve a segunda crise dentro da Visão. A primeira foi quando o Maksoud comprou a revista e mandaram embora o Luiz Garcia (era o diretor de redação). Segunda crise: Ewaldo Dantas e Rolf Kuntz (substitutos de Luiz Garcia) se demitem por absoluta incompatibilidade de gênios com o Maksoud. E fica um vazio na revista, na redação. Pimenta veio de Nova York pra quebrar o galho durante algum tempo e comportou-se com dignidade, é sempre bom dizer. Bom, aí entra o diretor novo (o engenheiro Roberto Muylaert) e me demite, a mim e ao Luiz Weis. E o Muylaert me diz agora, há poucos dias, que está disposto a publicar a matéria de Cuba. Eu disse que via isso com os melhores olhos. Repórter quer é ver a reportagem publicada.

Ex - Pois é, quando você voltou era repórter. Mas nesse meio tempo você se tornou editor cultural. Aí foi demitido. Você faz alguma ligação com a matéria ou com sua atividade na editoria cultural?

Fernando - Acho que foram as duas coisas. A maneira como o Maksoud recebeu a minha matéria mostrou que eu não sou uma pessoa profundamente apaixonada pela iniciativa privada, como ele gostaria que os funcionários da revista dele fossem.

Ex - Por que os jornalistas do teu nível, você é um cara que trabalhou anos no

Jornal da Tarde como repórter principal, como editor, ganhou Prêmio Esso, tem livro escrito sobre a Amazônia com prefácio do Roberto Campos... Demitir um jornalista que tem esse status profissional não é uma coisa como demitir um foca, um contínuo.

Fernando - O Muylaert me chamou na sala dele, uma semana depois de ter assumido a revista, e disse o seguinte: "Estamos no ano zero, número zero. Visão agora é outra coisa. E o projeto que a empresa pretende para essa revista é incompatível com algumas pessoas que trabalham aqui. Você é uma delas". Aí perguntei: mas o que significa esse projeto que é incompatível comigo? Era uma questão de curiosidade. Ele disse: "Olha, a gente podia ficar uma hora aqui discutindo isso. Mas para generalizar, é uma luta contra a onda estatizante deste país". Falei: então está legal, acho que a revista faz bem em me mandar embora.

Ex - Vocês que foram para a Visão, não tinham idéia da coisa que o Maksoud queria fazer... Você estava bem empregada no Estado, no JT.

Fernando - Eu nunca tive dúvidas. Foram 10 pessoas, ao todo, do Jornal da Tarde para Visão. O Maksoud já está sendo chamado pelos jornalistas de Idi Amin da imprensa. Uma pena, pois o sujeito tem muito dinheiro, a imprensa está precisando de dinheiro, uma revista que pode pagar bem, pode gastar, podia fazer um bom jornalismo.

Ex - Mas de certa forma está acontecendo o contrário.

Fernando - Inclusive ele já está tirando jornalistas de lá e botando gente que estava encostada, fora do jornalismo há muito tempo. Uma exceção é o Quartim de Moraes, que foi para o lugar do Weis, mas que é um excelente profissional, um cara decente.

Ex - Quantas pessoas foram demitidas nesse processo todo?

Fernando - Entre demitidas pela empresa e que pediram demissão, tem o Ewaldo, o Rolf, o Ricardo Setti, o João Vitor Strauss, o Luís Weis, eu, a Dinaura Landini, o Wladimir Herzog, 8! Sem contar os que saíram logo que o Maksoud comprou a revista: o Appy, o Marco Antonio Rocha, o Godói, a Vanessa, o Luiz Garcia. Até agora 12, em 8 meses. Ah, outro que foi demitido, o Gabriel Manzano Filho.

Ex - Agora, quando você é o único repórter brasileiro que vai a Cuba nos últimos 7 anos, voltar e ficar inédito...

Fernando - No dia que fui demitido, falei: acabou Cuba. Não há frustração maior para um repórter do que ficar inédito, mesmo que você tenha ido a Carapicuíba. Então, o que eu ia fazer? Estou escrevendo um livro sobre a viagem. Eu já fiz um - eu e o Ricardo Contijo. A gente viajou pela Transamazônica antes dela existir, quando só existia o traçado no mapa. Fizemos para o Jornal da Tarde, ganhamos o Prêmio Esso daquele ano, em 70. Depois o Caio, da Editora Brasileira, leu as matérias e resolveu editar o livro.

Ex - Você daria um trecho desse livro para o Ex publicar? Um trecho do livro de Cuba?

Fernando - Dou, claro:





Roberto Carlos, La Amada Amante y Que Todo Mas Vá Al Infierno. Os Xeiques Do Açúcar, El jeitinho, a Rumba, Hoteizinhos Do Estado, Nenhum Barbudo Nas Ruas, Ay Caramba las Mulatas, Ainda o Racionamento, o Rum Que Já Foi Bacardi, Boates Nos Fins De Semana! Cuba Ou Socialismo Tropical?

Numa quarta-feira ensolarada, eu ia saindo do prédio da Prensa Latina, na avenida 23 - La Rampa, como o povo chama. Uma mulher e seu filho desceram de um ônibus e o garotinho admirou-se com a minha figura, cabelos compridos e barba:

- Mamã, mira, mira: um guerrillero! Foi esta a imagem que ficou para as crianças: quem usa barba é guerrilheiro, lutou em Sierra Maestra. E para reforçar a imagem, por todo o país vêem-se fotos e cartazes de Guevara e Camilo Cienfuegos - barbudos e uniformizados de guerrilheiros. Fazia 3 semanas que estava em Cuba, e já tinha notado a ausência de barbudos. Dezenas de pessoas me disseram que não existe nenhum preconceito contra cabelos longos e barba, mas hoje é possível contar nos dedos o número de barbudos cubanos: Fidel Castro, seu irmão Ramón, o médico Eduardo Ordaz, Diretor do Hospital Psiquiátrico de Havana e o vice-primeiro-ministro Carlos Rafael Rodríguez. Talvez mais uma meia dúzia de dirigentes de menor projeção.

Um jovem diplomata que me acompanhava boa parte do tempo explicou:

- E que as cubanas preferem os homens de cara lisa, como a minha...

Uma estudante de Química deu outra explicação:

- Não, nada disso. O que acontece é que a barba virou marca registrada, uma característica muito forte: esta revolução foi feita por barbudos, e a barba virou símbolo. Então os rapazes, com medo de parecerem pretensiosos, têm um pouco de vergonha de usar barba.

Mas há outra versão ainda: um motorista de táxi disse:

- Nenhuma das explicações que lhe deram está correta. A verdade é que nas escolas secundárias e no pré-universitário a barba é proibida, assim como cabelo comprido. Depois, quando o sujeito fica adulto, usa barba se quiser. Quem tiver vergonha não usa.

Todos conhecem também a famosa promessa de Fidel: só cortar a barba "quando a revolução estiver terminada". Um gerente de supermercado, em Havana, comentou comigo:

- Acho que no dia em que a libreta for eliminada, ele corta a barba.

A libreta, dizem, é o único osso atravessado na garganta da revolução: o racionamento, imposto para que a baixa produção agrícola do país possa abastecer os 9,2 milhões de habitantes. Assim, todos têm de submeter-se ao racionamento e enfrentar, indistintamente, a fila dos supermercados, de libreta na mão. Até o fim da década passada, o mercado negro era feroz, o governo não havia assumido o controle total do abastecimento e da comercialização. Em 1968, um leitão - que custava 135 cruzeiros pela libreta - era encontrado no mercado negro por quase 3 mil. Hoje, está tudo nas mãos do Ministério do Comércio Interior e só se compra de libreta.

Mas para produtos considerados "não essenciais", o Estado - que meteu mesmo a mão em tudo - arranhou uma solução original: assumiu o mercado negro. Por exemplo: cada cubano tem direito a apenas um maço de cigarros por semana, ao preço de Cr\$ 1,80. Se quiser fumar mais, tem que pagar Cr\$ 18,00 o maço. Rum, a Cr\$ 22,00 pela libreta (uma garrafa por mês), é vendida a Cr\$ 198,00 "por la libre" (fora da tabela). E o charuto, um por semana a Cr\$ 2,00. Quem quiser fumar um por dia, paga Cr\$ 9,00 cada.

Juan Martínez Tinguao, que editava com Fidel Castro um jornalzinho clandestino antes da revolução, hoje funcionário do Instituto Nacional da Indústria Turística, fuma entre 10 e 15 charutos por dia. Paga caro:

- Eu me sinto como se estivesse sustentando um filho que vivesse em Paris. O preço é o mesmo!

Com o controle quase total sobre o abastecimento, o governo tem conseguido manter os preços estáveis há 13 anos. O que pode variar é a quantidade a que cada um tem direito. Se uma safra é boa, ou se os preços de certo produto caem no mercado internacional, a cota de cada um aumenta, e vice-versa.

Os locais de trabalho (fábricas, repartições públicas, etc.) servem refeições a Cr\$ 3,00. E as escolas dão café da

manhã, almoço e jantar gratuitamente (estas refeições não são somadas à cota de cada um). Gasolina também é racionada, embora o abastecimento seja garantido pelos russos, a preço fixo, até 1980. Carros particulares de 4 e 6 cilindros (Fiat, Zhugulin, Dodge 1800, Ford Falcon, Alfa Romeo), têm direito a 76 litros mensais; os de 8 cilindros (geralmente velhos carros americanos de antes do bloqueio estabelecido em 1964) têm direito a 95 litros. O litro custa Cr\$ 1,42 - mas quem quiser passear "por la libre" também pode, só que precisa pagar Cr\$ 4,72 o litro.

Quem casa sai fora do racionamento por algumas horas. No dia do casamento, o noivo e a noiva têm direito, cada um, a 15 caixas de cerveja, 15 garrafas de rum e meia dúzia de champanhas da Criméia. O Estado fornece os carros para transportar os convidados, os noivos pagam a gasolina.

Roupas e calçados também continuam sob racionamento: cada pessoa tem direito a 3 pares de sapatos por ano; homens têm uma cota anual de 2 ternos; mulheres, uma cota de 10 metros quadrados de tecido. A cubana é extremamente vaidosa, os salões de beleza estão sempre cheios. O costume "burguês" permanece, mas recebeu toques "revolucionários": o salão de beleza do Hotel Nacional, em Havana, chama-se Van Troi - homenagem a um herói da guerra do Vietnã. Mas o racionamento fez desaparecer os bobbies do mercado, e quem quiser fazer um galanteio a uma cubana deve levar-lhe de presente uma dúzia de bobbies de plástico: é comum a gente ver nas ruas as mulheres com o cabelo enrolado em latinhas de talco vazias, ou cilindros de papelão de papel higiênico - transformados em bobbies.

Tudo é do Estado: o Banco Nacional, os táxis, os restaurantes, os hotéis, as bancas de jornais, os açougues, os supermercados, as lojas de roupas, os cinemas, os teatros. E já que tudo é do Estado, os hotéis "de curta permanência" também são. Por vários outros motivos, mas talvez principalmente por este, os comunistas ortodoxos apelidaram o regime cubano de "socialismo tropical". Em Cuba não existe o moralismo exagerado com que frequentemente se procura caracterizar os regimes socialistas. Pílula é vendida em qualquer farmácia, o aborto é livre até o 3º mês de gravidez, o divórcio é legal. Mas apesar disso, apesar também do "machismo" cubano, é impossível manter uma garçonnière.

- Um país com problemas habitacionais não pode se dar ao luxo de oferecer apartamento para esse tipo de desfrute - disse um jornalista divorciado, que mora num hotel.

O Estado, então, se encarregou de dar abrigo aos casais apaixonados e não casados legalmente. Tanto em Havana como em outras capitais de províncias, o Instituto Nacional da Indústria Turística criou e passou a explorar as posadas ou albergues. São pequenas kitchinettes, alugadas a preço fixo em todo o país: as primeiras 3 horas de permanência custam Cr\$ 30,00; cada hora adicional, mais

Hospital psiquiátrico em Havana: 4 mil loucos. Tratamento: todo mundo trabalhando.

Cr\$ 1,80. Apartamento com ar condicionado, mais Cr\$ 4,00 por hora adicional.

As posadas não têm, claro, a sofisticação dos nossos hoteizinhos da Barra da Tijuca, no Rio. Além de ar condicionado e água quente, o único "luxo" oferecido, em alguns casos, é uma entrada discreta depois de um portão. O casal chega de carro e entra num pátio que dá acesso ao apartamento, sem ser visto.

O interesse por esse tipo de hotéis é grande. Nos fins de semana, nas posadas de Havana, pude ver pequenas filas de casais, de mãos dadas, esperando a hora de entrar.

O cubano faz sua poupança: os serviços básicos são gratuitos (alimentação nas escolas, livros, cadernos, uniformes escolares, assistência médica); o único desconto no salário é de 6% (pagamento de aluguel, para aqueles que não tinham casa própria antes da revolução); e, além disso, não se pode mesmo gastar em determinados alimentos e roupas, que são racionados. Normalmente as economias são depositadas no Banco Nacional, ou gastas em bens de consumo - geladeiras, televisores e máquinas de lavar importadas da URSS, do Canadá ou da Espanha e financiadas pelo Estado. A maioria, entretanto, prefere gastar o dinheiro bebendo, comendo, dançando, se divertindo de algum jeito. Nos finais de semana, é impossível entrar num restaurante ou boate sem ter feito reserva com 2 dias de antecedência, pelo menos.

A nova tentação dos cubanos são os carros recentemente importados da Argentina. Os primeiros que chegaram substituíram os velhos Cadillacs e Oldsmobiles americanos nos setores considerados fundamentais: táxis e repartições públicas. Os particulares entraram nas remessas seguintes (ao todo, a Argentina vendeu 45 mil veículos a Cuba). Como são poucos carros, o governo adotou um critério: primeiro os médicos. Os poucos felizardos que conseguiram comprar um Fiat argentino pagaram cerca de Cr\$ 40 mil, financiados em 4 anos. A prestação máxima é de 840 cruzeiros, valor do salário-mínimo nacional.

Cuba viveu 60 anos dependendo dos Estados Unidos. Os soviéticos substituíram os americanos no fornecimento de petróleo, na compra da cota cubana de açúcar, no abastecimento de produtos semi-industrializados. Com o bloqueio decretado pela Organização dos Estados Americanos, Cuba viveu dias difíceis. Não podia dar-se ao luxo de comprar nada, a não ser o indispensável para a vida do país. Automóveis, por exemplo: o governo decidiu sobreviver com os velhos carros americanos, tentando mantê-los inteiros até a situação melhorar.

Durante 10 anos, não entrou um parafuso americano no país. Os cubanos dizem que seus mecânicos chegaram à perfeição de "tirar umidade do pó", em matéria de consertos de automóveis. Cuba voltou ao ponto em que os Estados Unidos se encontravam em 1900: quando precisavam de peças de reposição,

Escola secundária no campo: tarefa dobrada. De manhã, sala de aula; à tarde, plantar ou colher.

botavam um bloco de aço no torno e as fabricavam, uma a uma.

Os velhos Fairlanes 1960, usados pela Polícia Nacional Revolucionária, rodaram 10 anos sem uma peça comprada no exterior. Dizia-se que um ladrão, a pé, estava mais bem equipado que a polícia, de automóvel.

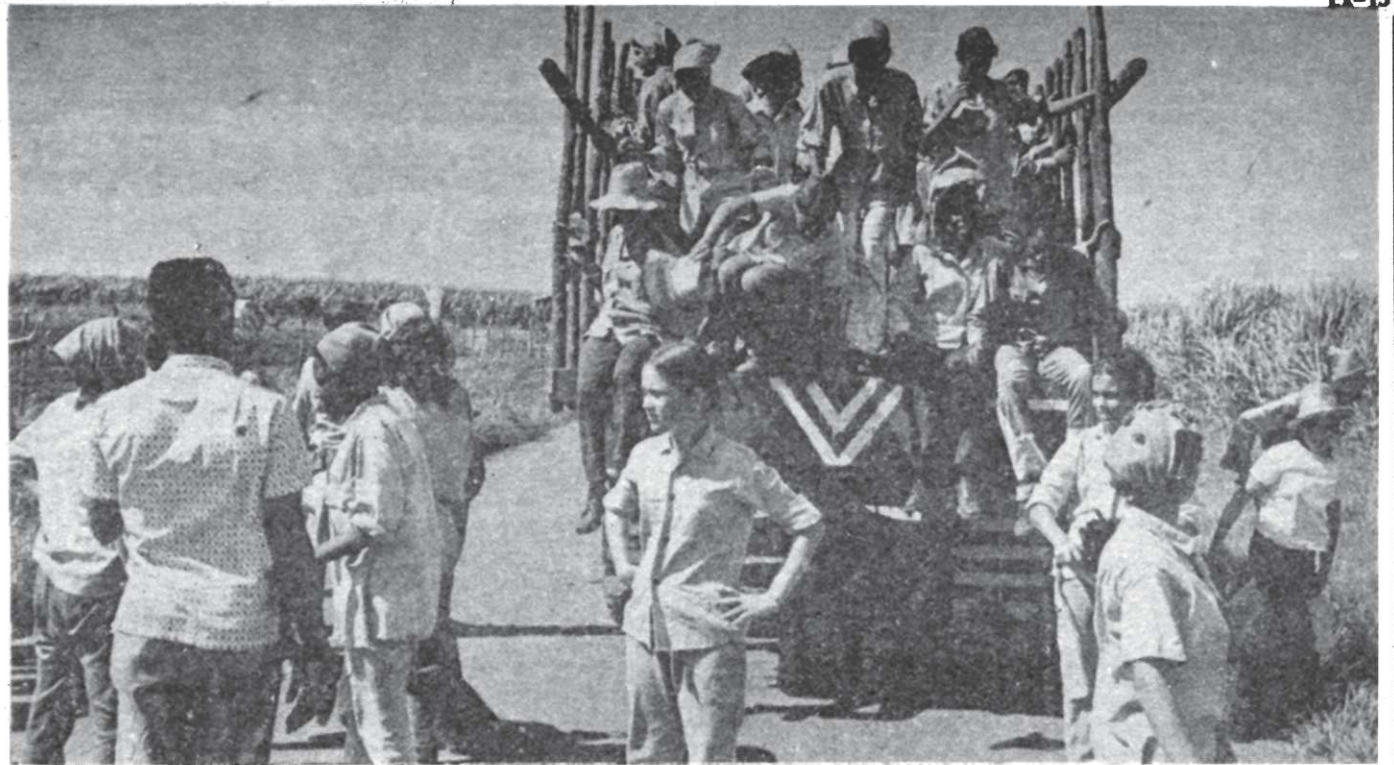
Hoje, abastecida pelo Japão, URSS, Itália e Argentina, o país resolveu o problema dos carros, em parte. Mas ainda li nos jornais pequenas notas da polícia, lembrando que "é expressamente proibido abandonar veículos imprestáveis na via pública".

Em Trinidad, cidadezinha histórica perdida no interior de Cuba, o chefe do Patrimônio Histórico local, cinquentão baixinho chamado Carlos Zerquera, me servia de guia quando se aproximou um caminhão carregado. Zerquera tentou impedir que o motorista cruzasse a cidade, para evitar - conforme ele explicava - o desmoronamento de edifícios tombados pelo patrimônio histórico. O motorista, muito mais forte que Zerquera, insistiu, disse que ia passar assim mesmo. Então Zerquera identificou-se: era, também, o chefe do CDR local. O motorista obedeceu imediatamente e desviou o caminhão para fora da cidade.

Zerquera é um dos 4 milhões e 800 mil filiados ao CDR - Comitê de Defesa da Revolução, que congrega 80% dos cubanos maiores de 14 anos. O CDR nasceu em setembro de 1960, 10 meses depois que os barbudos tomaram o poder. Fidel Castro ainda não tinha anunciado sua adesão ao socialismo. Acabava de voltar dos Estados Unidos, onde tinha feito longo discurso na ONU. Em Havana, uma multidão o espera em frente do palácio, para ouvi-lo falar da viagem. Minutos depois que Fidel Castro começa a falar, explode uma bomba. Ele faz uma piadinha nervosa e recomeça o discurso. Anos depois, ele mesmo contou o episódio a um grupo de jornalistas:

- Enquanto falávamos, explodiram 5 bombas! Você ia falando e, de repente, bam! Tinha que esperar o eco terminar para continuar falando. A quinta bomba engendrou os Comitês de Defesa da Revolução. Porque nós dissemos: se o povo está em toda parte, como é que esses mercenários podem movimentar-se? Vamos organizar o povo! E lançou-se o lema de organizar o povo nas fábricas, nas quadras, quarteirão por quarteirão, rua por rua.

Inspirado na "Frente da Pátria", criada na Bulgária logo após a Segunda Guerra Mundial, o CDR tinha o objetivo declarado de "unir as massas em torno da revolução, do Partido Comunista Cubano e de Fidel Castro". Com o tempo, os inimigos do regime foram desaparecendo: a maioria embarcou na ponte-aérea estabelecida entre Havana e Miami; os que ficaram, ou mudaram de opinião ou simplesmente resolveram aceitar a situação. O CDR teve sua primeira prova de fogo um ano depois de criado. Em setembro de 1961, deu-se a invasão da Baía dos Porcos, na praia de Girón. Em cada quarteirão, o CDR fechou as esquinas e manteve presos em suas casas os suspeitos, impedindo um possível reforço às forças invasoras.



Hoje, suas ramificações estendem-se por todo o país. E o CDR passou a assumir outras funções, com o controle total que exerce; em fevereiro, foram vacinadas 1 milhão de crianças contra a poliomielite, em 3 dias de trabalho.

Depois de uma visita a Cuba, o senador norte-americano Jacob Javits (repblicano de Nova York) disse à imprensa de seu país que ficou surpreso com a ausência de policiamento nas ruas de Cuba. E realmente só vi mesmo guardas de trânsito circulando pelas cidades, pilotando motos italianas Guzzi-850. Mas acontece que não acontece nada no país, nem no lugarejo mais distante, sem que um membro do CDR tome conhecimento. O chefe do CDR funciona como uma espécie de síndico do quarteirão; normalmente ele é um senhor aposentado ou uma dona de casa, que passa o dia atento para algum possível desocupado nas redondezas (a lei contra a vadiagem pode levar o acusado à pena de até 2 anos de detenção), ou até cuidando para que as crianças não matem aula.

Em cada quadra, o presidente CDRista (eles falam cederista) é escolhido por todos os moradores maiores de 14 anos. Cada grupo de 20 quarteirões constitui uma zona, chefiada por um coordenador. Na região rural, o limite de cada CDR é determinado por agrupamento de casas.

A todo visitante, eles repetem mil vezes os exemplos da capacidade de mobilização do CDR. O mais conhecido ocorreu em 1971, e eu tive de ouvir a história pelo menos 3 vezes durante minha visita. Naquele ano, um grupo de pescadores cubanos tinha sido preso, pescando em águas territoriais norte-americanas. E o Departamento de Estado só avisou que os pescadores tinham sido libertados quando faltavam duas horas para que eles chegassem a Havana. Duas horas depois, 2 milhões de cubanos recebiam os pescadores no Malecón, a avenida beira-mar de Havana, contou-me a cederista Nadieska Morales, uma soviética filha de espanhóis, que vivem em Cuba há 12 anos.

- Filmar tudo o que acontece de importante no país e guardar os filmes", disse-me um jovem cineasta, "foi um conselho que nos deram os soviéticos que fazem cinema. Hoje somos capazes de montar filmes sobre tudo o que se passou de importante no país, após janeiro de 1959.

Mas a influência do bloco socialista na cultura cubana não se manifesta apenas no cinema: os 2 canais de tv de Havana e os outros 5 das províncias, apresentam, diariamente, pelo menos um documentário produzido na Europa Ocidental. A tv cubana só entra em cadeia nacional ou para Fidel Castro falar ou para transmitir alguma partida de beisebol, a pelôta, o esporte nacional. O esporte profissional foi abolida, todos os times são amadores - jogam médicos, operários, estudantes. Quem joga num time principal de província tem direito a folga no trabalho, para treinar. Três anos depois que o esporte deixou de ser profissional, Cuba tornou-se campeã mundial de beisebol e nunca mais perdeu o título. Os esportes são amadores para

quem joga e para quem gosta de assistir: nenhum estádio cobra ingressos, os jogos são realizados a portões abertos.

O russo é ensinado nas escolas médias e superiores. É comum ver as pessoas misturando ao espanhol, expressões como *tovarich* (camarada) ou *niet* (não) - assim como nós costumamos falar *good-bye* ou *OK*. Mas não se vêem russos nas ruas. Segundo os cubanos, existem 6 mil; as estatísticas norte-americanas falam em 10 mil soviéticos em Cuba, por força de acordos de ajuda científica e militar.

As boas relações com o bloco socialista podem ser medidas pelo número de delegações estrangeiras que chegam e saem todos os dias. Durante as 5 semanas que estive lá, notei que quase todas as edições do *Gramma* e do *Juventude Rebelde* noticiavam a presença de uma missão de algum país socialista. Eles acham que se a União Soviética não os socorresse, Cuba não teria evitado a bancarrota. Pela ajuda, eles pagam em açúcar, tabaco, rum e gratidão. Senti isso um dia, quando me encontrei com um grupo de intelectuais, pintores, jornalistas e poetas. O clima era amistoso e eu contei uma piada sobre Leonid Brezhnev. Em vez de risos, recebi uma resposta seca:

- E... trata-se de uma piada contra-revolucionária...

Na maior farmácia da avenida 23, em Havana, decorada com posters de Amílcar Cabral e fotos de Guevara, peço à atendente gorducha um sabonete neutro e uma aspirina. Ela pede a receita médica, eu não entendo:

- Quero aspirina e sabonete. Receita médica pra que? E eu sou estrangeiro, como é que vou arrumar uma receita?

- Isto aqui é um país pobre - ela respondeu - não podemos ter o luxo de vender remédio a quem acha que precisa. Quem sabe se você precisa de aspirina é o médico. E ser estrangeiro não muda nada: ali na esquina existe um posto médico. Lá você consegue a receita. Fui até lá. E consegui a receita.

Como teria conseguido - segundo o médico - submeter-me a um cardiograma ou a internamento num hospital para receber um rim transplantado:

- Em qualquer ponto do país - ele acrescentou - o tempo gasto por um paciente para ser atendido é o que ele leva de casa ao posto médico, ou ao hospital.

O país investe hoje 3,6 bilhões de cruzeiros em saúde pública. A taxa de mortalidade infantil foi reduzida a 27,4 por 1.000 nascidos vivos (interior inclusive à taxa de algumas regiões dos Estados Unidos). A tuberculose infantil, a malária, a difteria e o tétano foram eliminados.

As estatísticas, porém, não significam nada, quando os cubanos começam a falar dos métodos adotados para tratar doentes mentais. E o hospital de loucos em Havana realmente me surpreendeu. Construído há 2 séculos nos subúrbios da Capital (hoje com 2 milhões de habitantes), servia ao mesmo tempo de asilo de velhos, prisão e hospício, conhecido pelo nome de Mazorra. Um mês depois

de assumir o poder, Fidel Castro chamou o comandante Eduardo Ordaz, que era o médico dos guerrilheiros em Sierra Maestra, e deu uma ordem: transformar La Mazorra em hospital.

Assessorado por um psiquiatra, Ordaz começou a reforma de maneira elementar: limpeza total dos 140 hectares ocupados pelo hospital.

- A limpeza e a alimentação - conta o diretor do hospício, o médico Sidney Orret - já reduziram o índice de mortalidade de 15 óbitos diários para 5 mensais, numa população de 4 mil pacientes.

Os dirigentes do hospital partem do princípio de que "uma parte da conduta do doente mental não está perdida e, portanto, algumas capacidades de seu cérebro podem ser aproveitadas". E escolheram a chamada terapia ocupacional como solução para recuperar os pacientes. Com o tempo, os médicos desenvolveram métodos próprios, em 4 fases:

1 - O paciente considerado crônico é estudado por uma equipe médica, que decide o tipo de atividade a ser desempenhada por ele. O paciente participa da decisão final, e escolhe uma das atividades adequadas ao seu grau de insanidade.

2 - O paciente começa a desenvolver a atividade escolhida - trabalho ou esporte.

3 - O desempenho efetivo da atividade escolhida pode, eventualmente, dar-se fora do hospital.

4 - O paciente é transferido para centros de reabilitação espalhados pelo país, onde - conforme o estágio de sua doença - prepara-se para ser reintegrado à sociedade ou, no caso dos incuráveis, passa a viver comunitariamente com outros na mesma situação.

- O fundamental - disse-me Orret - é que o trabalho exercido seja real, para que o paciente sinta que tem uma utilidade social, que pode produzir como uma pessoa normal.

Os pacientes do Hospital Psiquiátrico de Havana, construíram um hospital com 200 leitos na província de Camaguey; e periodicamente saem, em grupos, para colher cana e laranja. Pelo trabalho que realizam, recebem o mesmo salário pago aos trabalhadores comuns. Só que o dinheiro é depositado num banco instituído dentro do hospital: ninguém pode mexer nele, a não ser o paciente. Em março passado, os depósitos do banco somavam cerca de 1 milhão e 800 mil cruzeiros (uma média de 450 cruzeiros de "saldo" para cada um dos 4 mil pacientes). O dinheiro acumulado às custas de seu próprio trabalho faz com que o paciente volte a ser respeitado quando volta para casa. E, segundo Sidney Orret, "é incontável" o número dos que já voltaram para casa:

- Noventa por cento deles tinham no alto da ficha médica um carimbo vermelho: *irrecuperável*.

Pela janela da sala da diretoria, ouço a algazarra do encontro de duas turmas de estudantes - os que saem para o campo e os que chegam para mais um período de aulas. Estou na sala de Augusto, o jovem diretor da escola Secundária Bási-

Até 1959, 60 anos de dependência norte-americana. Agora a dependência é russa.

ca Simón Bolívar, na cidadezinha de San Antonio de los Baños, interior da província de Havana.

Esse tipo de estabelecimento de ensino começou a ser experimentado em 1966, quando o Ministério da Educação instituiu uma escola secundária (do 7º ao 10º grau), na zona rural, em Matanzas (a província onde se deu a invasão da Baía dos Porcos). A partir daí, aconteceu a grande virada nos conceitos tradicionais de educação, com base no princípio de associar a formação do jovem ao trabalho produtivo.

Na escola pioneira de Matanzas, os alunos – em regime de semi-internato – dedicavam meio período às aulas e meio ao trabalho no campo, orientados por técnicos do Instituto Nacional da Reforma Agrária. Ao final do primeiro ano de experiência, notou-se que o aproveitamento dos alunos era bem superior ao de seus colegas das cidades. O trabalho dos estudantes, instituído inicialmente apenas para estimular o contato dos jovens com a terra, passou a dar resultados mais concretos à medida em que eles passaram a produzir. E a multiplicação das escolas no campo fez surgir um item novo nas estatísticas da agricultura cubana: produção de cítricos e hortaliças, pelas mãos dos estudantes.

Ao fim de alguns anos de funcionamento dessas escolas, as autoridades tiveram uma surpresa: 500 hectares de cítricos colhidos pelos estudantes, e vendidos no mercado internacional, foram suficientes para pagar todos os gastos da escola em um ano (cada aluno secundário no campo custa ao Estado 6 mil cruzeiros por ano).

Hoje existem 150 escolas no campo, cada uma com 500 estudantes. Frotas de microônibus recolhem os jovens em casa na segunda-feira de manhã e os trazem de volta sábado à tarde. O ritmo de trabalho é intenso: o jovem levanta às 6 da manhã e durante o café já ouve as principais notícias nacionais e internacionais (que um colega lê do jornal Granma através de alto-falantes espalhados pelo refeitório). Às 7h30, 250 rapazes e moças do 7º ao 9º graus saem para o campo, onde os esperam tratores, arados, colhedoras, pulverizadores de herbicida. No mesmo instante, os 250 alunos do 8º e do 10º graus entram nas salas de aula. Ao meio-dia, todo o mundo se encontra no refeitório. É esse encontro que podemos ouvir através da janela de Augusto, o diretor da Secundária Básica Simón Bolívar. Daqui a uma hora, os trabalhos se invertem: os que foram à aula vão para o campo, os que foram ao campo vão para as salas de aula. Às 5h30 todos se encontram de novo, para a prática obrigatória de esportes, durante uma hora: beisebol, natação, futebol, basquete, vôlei, atletismo. Das 7 às 8, jantar, depois meia hora de "atividade livre", 1 hora e meia de estudo individual; e às 10: cama!

O Ministério da Educação acredita que, até 1980, todas as escolas no campo terão sido pagas com a produção de cítricos dos alunos (um técnico daquele Ministério calcula que 10 hectares de cítricos bem cuidados podem render até 8 milhões de cruzeiros no mercado inter-

nacional). Entusiasmado com o resultado da experiência, Fidel Castro prometeu que, dentro de no máximo 10 anos, todas as escolas secundárias serão transferidas para o campo.

Mas a fórmula já está sendo implantada em Havana também, na Escola Vocacional Lénin, inaugurada em fevereiro de 1974 por Leonid Brezhnev, durante visita a Cuba. São 98 mil metros quadrados de área construída, em 30 blocos, onde estudam e trabalham 4.600 jovens. Só que, nesta escola, o objetivo é desenvolver vocações e selecionar os jovens que se interessem por carreiras técnicas e científicas. O aluno é igualmente obrigado a dar 15 horas de trabalho produtivo por semana – com a diferença, é claro, de que na Escola Vocacional esta atividade é dirigida exclusivamente a setores científicos e técnicos. Seus 72 laboratórios de física, química e biologia foram fornecidos pela União Soviética, que também enviou um grupo de cientistas para formar os professores da escola.

Das oficinas de trabalho da Escola Vocacional de Havana saem anualmente 30 computadores eletrônicos de terceira geração. Segundo o diretor da escola, os computadores – os primeiros computadores cubanos – foram inteiramente construídos pelos alunos, componentes soviéticos, franceses e japoneses. Também saem dali, diariamente, 200 rádios de 3 faixas de onda e cerca de 100 mil pilhas secas. As exportações de bolas e luvas de beisebol fabricadas na Escola Vocacional deram a Cuba, no ano passado, divisas no valor de 7,5 milhões de cruzeiros.

O ensino é gratuito em todos os níveis e obrigatório até o 6º grau. A educação geral vai do pré-escolar à universidade, dividida assim: pré-escolar, 2 anos; primária, 6 anos; secundária básica, 4 anos; pré-universitária, 3 anos; universitária, de 4 a 7 anos, conforme o curso. Para evitar que o trabalho possa servir de pretexto para que os jovens fujam à escolarização, o governo baixou lei proibindo o trabalho remunerado aos menores de 17 anos.

Na Universidade, o estudante continua em regime de trabalho-estudo, desde o 1º ano. Numa espécie de estágio, o universitário é obrigado a dar meio período de seu dia num centro de trabalho ligado à carreira que vai seguir: os futuros médicos, nos hospitais; os engenheiros, nas indústrias; os agrônomos, no campo. Terminado o curso, o recém-formado é destacado pelo Ministério do Trabalho para exercer sua profissão onde o governo considerar necessário. Sobre isso, ouvi estudantes nas Universidades de Havana e de Oriente. Muitos me disseram que a vontade do recém-formado de trabalhar neste ou aquele lugar é respeitada. Mas não deixa de haver casos de gente que gostaria de ficar em Havana e tem de mudar-se para Oriente, a 970 quilômetros de distância, ou vice-versa.

O homossexual é tratado, sem a menor cerimônia, como um indivíduo "anti-social desprezível", nas conversas formais; o povo chama-o jocosamente de *pajarito* (passarinho).

Um *pajarito* só é comparável aos vacantes – os vagabundos, os que tentam sobreviver sem trabalhar. No bar do Hotel Nacional, uma moça me apresenta Pablo, um escultor de 30 anos, que reclama das dificuldades do homossexual até para encontrar trabalho:

– Tratam a gente como se não fôssemos revolucionários, como se não fôssemos cubanos, mas inimigos do povo, da revolução. E isso acaba criando problemas pra eles mesmos: a lei proíbe a vadiagem, todo mundo é obrigado a trabalhar. Mas quando um homossexual procura emprego, é recusado em quase todos os centros de trabalho. E na rua é ridicularizado, é marginalizado.

Mulheres homossexuais? Os cubanos dão respostas simplistas:

– Isso não existe em Cuba – disse-me uma estudante universitária.

Durante anos, a indústria editorial cubana viveu daquilo que eles mesmos chamam de "fuzilamento de livros". Quer dizer, eles simplesmente traduziam as obras estrangeiras, sem pagar direito autoral a ninguém. Até que, recentemente, o feitiço virou contra o feitiço: o rum Bacardi, que Cuba exportava para vários países, foi vítima de "fuzilamento" também: uma empresa da Jamaica registrou a marca internacionalmente e Cuba foi obrigada a mudar o nome de seu rum para Havana Club, sem reclamar.

Para publicar as obras sem pagar direitos autorais, os dirigentes justificavam: "Ao escrever um livro, o autor baseia-se em conhecimentos que pertencem à Humanidade. O livro, portanto, pertence à Humanidade." E assim, da mesma forma, toda obra produzida em Cuba trazia a inscrição: "Permitida a reprodução total ou parcial em qualquer idioma."

Entre as obras "fuziladas", compradas ou escritas por cubanos, o Instituto Cubano do Livro editou 34 milhões de exemplares em 1974. Os livros didáticos (23 milhões de exemplares em 74) são distribuídos aos estudantes. Mas nas livrarias, as prateleiras são pobres em títulos expostos. Um funcionário do Instituto do Livro explica que, em compensação, a Biblioteca Nacional é rica: tem mais de 500 mil volumes. E que há 1.500 bibliotecas espalhadas nas escolas, centros de trabalho e sindicatos. Nas livrarias, a maior parte dos títulos falam em temas políticos; mas encontrei, também, por 20 cruzeiros, best-sellers nada revolucionários, como *O Chefão*, de Mário Puzo.

A censura não permite a exibição de filmes "contra-revolucionários", mas não existe restrição quanto à origem: comprados de distribuidores europeus, chegam a Cuba filmes americanos, brasileiros ou de qualquer outro país participante do bloqueio. Poucos cubanos, porém, ouviram falar de *Laranja Mecânica*, de Stanley Kubrick; ou de *Último Tango em Paris*, de Bernardo Bertolucci. Mas durante os dias em que estive no país, encontrei os muros de Havana cobertos de cartazes anunciando o filme *São Bernardo*, do brasileiro Leon Hirzmann.

Não fica apenas nisso o nível de informação que têm sobre o Brasil. Jantando uma noite com o diplomata que tinha ido me receber no aeroporto, espanto-me com o que ele sabe sobre nós. Mostra-se informado sobre a conversa do presidente Geisel, em Manaus, com um grupo de atores a respeito de censura, conhece quase de cor os detalhes do Tratado de Itaipu, sabe os nomes de todos os nossos ministros.

No saguão do Hotel Nacional, à tardezinha, espero a escritora americana Margareth Randall, para uma entrevista. Passeio pelas vitrinas de souvenirs, charutos, rum, artesanato, discos de rumba e merengue. Aproxima-se de mim um preto jovem e pergunta, meio timidamente:

– Extranjero?

– Si.

– Ah, venezuelano?

– No, brasileiro.

E ele, já mais animado:

– Brasileño! Que bueno! Entonces podemos hablar un poco de Brasil?

Ele me levou para um lado, dizendo que era mecânico em Santa Clara, a 300 km de Havana; caminhamos até um banquinho no jardim de inverno do hotel, e o rapaz – com alguns livros embaixo do braço – me entrevista:

– Como és Brasil?

Digo que é muito parecido com Cuba: sol, praias, povo fisicamente muito parecido com o cubano. E ele:

– Hay gente negra en Brasil?

– Si, mucha gente, como acá en Cuba – respondo.

Ele parou um segundinho, tomou coragem e perguntou numa vez:

– Roberto Carlos es un negro?

Ficou um pouco decepcionado com a resposta. Imediatamente mudou de assunto e continuou:

– Usted conoce Fidel?

Digo que não, que pessoalmente não. Que até ali não tinha falado com o primeiro-ministro, embora o tivesse visto duas vezes nas ruas de Havana. Ele tira de baixo do braço o livro *A História me Absolverá*, escrito em 1953 por Fidel Castro, e me estende:

– Lleve a Brasil, es un recuerdo de Cuba.

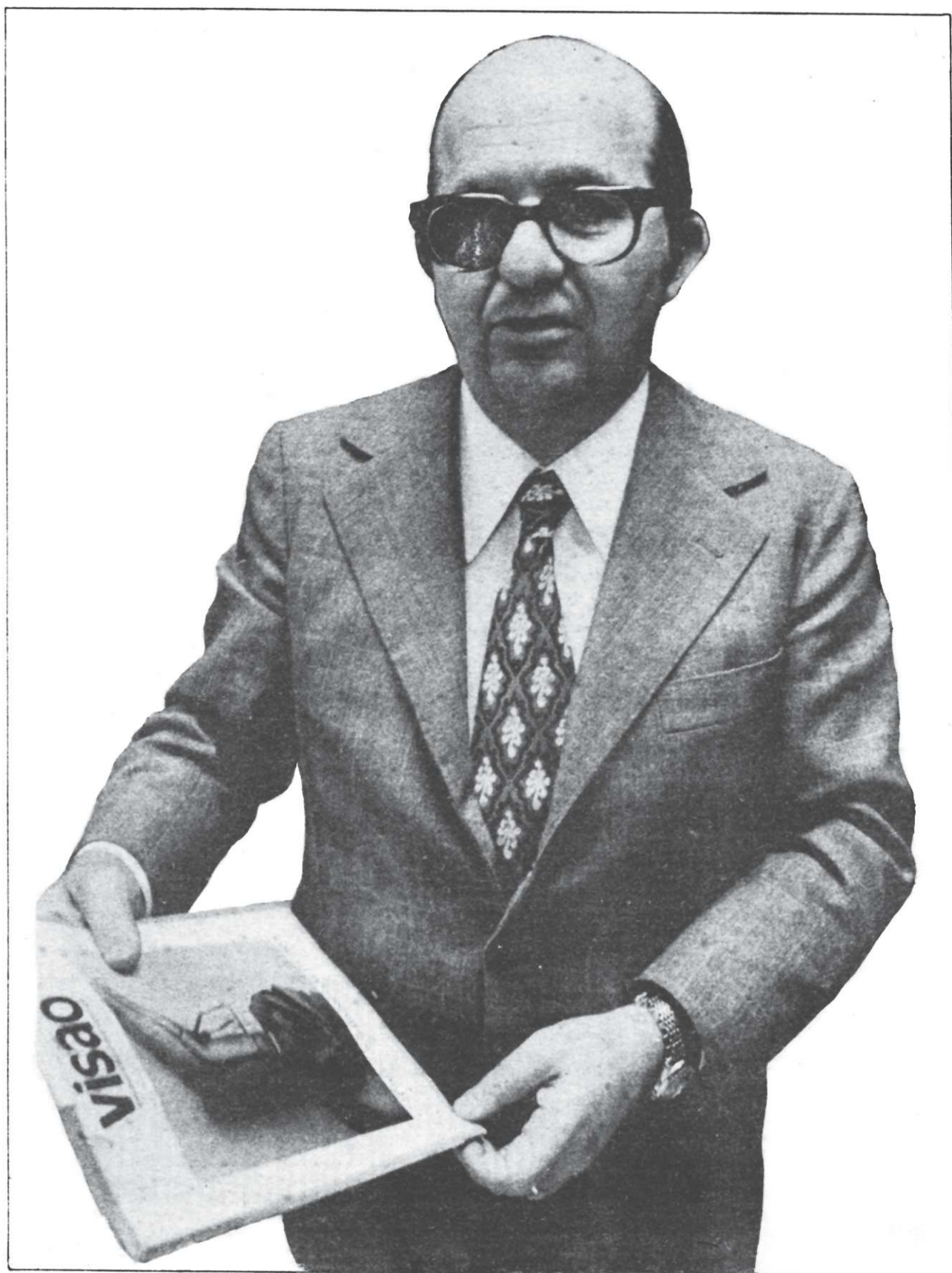
Levantou-se e foi embora. Não era a primeira nem segunda vez que ouvia falar em Roberto Carlos, artista muito popular em Cuba. Alguns dias antes, no fim da minha visita ao Hospital Psiquiátrico de Havana, fui homenageado com um show. Um coral, formado pelos internos, cantou para mim meia dúzia de músicas populares cubanas: Siboney, Guantanamera e outras. Quando eu já me preparava para sair, um jovem levantou-se do coro, tomou o microfone e me emocionou com a música de despedida: *Amada Amante* de Roberto Carlos, único artista brasileiro que ele conhecia. □



MAIS UM
LANÇAMENTO-EX

visão

1º DE AGOSTO DE 1975 Cr\$ 6,00



Henry Maksoud. "Idi Amin da Imprensa Brasileira" Página 34

HOMEM DE VISÃO 75